

DESEMPREGO E TRAJECTOS DE EXCLUSÃO SOCIAL: UM ESTÁGIO INTERVENTIVO NOS BAIRROS DA VERTENTE SUL

Ana Filipa Estrela dos Santos

**Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia, na área
específica de Políticas Públicas e Desigualdades Sociais.**

**Sob a orientação da Mestra Benedita Lima e o Professor Doutor Casimiro
Balsa, apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa**

LISBOA, OUTUBRO 2010



I. Resumo

DESEMPREGO E TRAJECTOS DE EXCLUSÃO SOCIAL:

UM ESTÁGIO INTERVENTIVO NOS BAIROS DA VERTENTE SUL

Relatório de Estágio

Ana Filipa Estrela dos Santos

Conceitos Chave: Exclusão social, desemprego, políticas sociais.

Este relatório é o resultado de nove meses de estágio curricular no CLDS-VS de Odivelas, no âmbito do Mestrado em Sociologia. Este estágio dividiu-se em duas componentes que se mantiveram sempre interligadas; uma componente mais prática, de observação e participação nas tarefas diárias na instituição e uma componente de investigação.

Ao nível da investigação pretendeu-se desenvolver um estudo qualitativo sobre os factores que condicionam as vivências e as lógicas de acção em situação de desemprego e que podem levar a processos de exclusão social. A Vertente Sul de Odivelas é o território em estudo, onde se observou de perto (e participou) nas experiências dos desempregados habitantes daquele território. A pertinência deste trabalho prende-se, assim, a nível sociológico com a importância em perceber os problemas sociais num espaço específico de forma a tentar, junto das entidades intervenientes, colmatar algumas das necessidades mais gritantes das populações carenciadas. O desemprego assume consequências “invisíveis”, reequacionando-se o papel da família, das relações de vizinhança e dos poderes públicos na manutenção da coesão social e sustentabilidade das políticas de intervenção. A abordagem estrutural e biográfica perspectiva o desemprego como uma experiência social que assume vivências subjectivas, resultando não apenas na privação directa de um salário, como também nas fragilidades de sociabilidade e identidade dos actores sociais. A sociologia pode dar o seu contributo mais prático através de uma análise primária e posterior intervenção na procura de resolução das problemáticas em questão. Para tal foram realizadas, no âmbito de um estágio curricular, dez entrevistas semi-directivas, a sujeitos desempregados, cuja escolha da amostra foi recolhida a partir de uma caracterização prévia dos sujeitos de forma a recolher testemunhos dos efeitos subjectivos que o desemprego provoca na vida dos actores sociais.

Desemprego e trajectos de exclusão social

Abstract

UNEMPLOYMENT AND SOCIAL EXCLUSION ROUTES:
AN INTERVENTIVE INTERNSHIP IN THE SOUTHERN SLOPE NEIGHBORHOOD

Internship Report

Ana Filipa Estrela dos Santos

Key Concepts: Social exclusion, unemployment, social politics.

This report is the result of nine months of curricular internship in the CLDS-VS of Odivelas, under the scope of a Sociology Masters Degree. This internship was divided in two components, which were intertwined all along; a more practical component, of observation and participation on the daily tasks at the institution and a research component.

At investigation level it was intended to develop a qualitative study on the factors that condition the experiences and the logics of the courses of action in unemployment situations which can lead to social exclusion processes. The Southern Slope of Odivelas is the territory under study, where the experiences of the unemployed inhabitants of that territory have been closely watched (and participated in). The relevance of this report concerns, at a sociological level, the importance of understanding the social problems in a specific area so as to try, along with the intervening authorities, to bridge some of the most pressing needs of the hard set population. Unemployment assumes unseen consequences, as the roles of family, neighborly relations and public powers reshape themselves as to keep the social cohesion and affordability of the intervention politics. The structural and biographical approach envision the unemployment as a social experience, that is experienced subjectively, whose impact is not only the direct deprivation of income but also the frailty of the sociability and identity of the social actors. Sociology can offer its most practical contribute trough a primary analysis and later intervention in the search for answers to the matters at hand. According to such, under the concern of the curricular internship, ten semi-directive interviews were conducted, to unemployed subjects, with the sample choice having been collected from the previous characterization of the subjects so as to collect the testimony of the subjective effects that unemployment brings upon the life of the social actors.

II. Siglas

AUGIS	Área Urbana de Génese Ilegal
C.E.	Centro de Emprego
C.L.D.S.	Contrato Local de Desenvolvimento Social
CCPF	Centro Comunitário Paroquial de Famões
CMO	Câmara Municipal de Odivelas
CRQ	Centro de Recursos e Qualificação
D.S.	Diagnóstico Social
DAV	Distribuição de Alimentos e Vestuário
G.E.	Gabinete de Empregabilidade
MTSS	Ministério do Trabalho e da Segurança Social
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
S.E.F.	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
S.S.	Segurança Social
UE	União Europeia

III. Índice

I. Resumo.....	2
II. Siglas.....	4
III. Índice	5
IV. Introdução.....	6
V. Exclusão: um conceito multiforme.....	8
1. Surgimento das Políticas Sociais	12
2. O projecto CLDS-VS no Centro Comunitário Paroquial de Famões	16
3. Uma sociografia da população da Vertente-Sul.....	20
4. Trajectos de exclusão social: Um estágio interventivo no CLDS – VS	22
VI. Desemprego e exclusão social	30
1. A centralidade do trabalho nas sociedades actuais	30
2. Um estudo sobre o fenómeno do Desemprego.....	32
VII. Um estudo exploratório	33
1. Estratégia metodológica:	33
2. A apresentação e discussão dos resultados.....	37
VIII. Conclusão	49
IX. Bibliografia	51
X. Anexos - Índice tabelas, gráficos, quadros.....	54

IV. Introdução

No âmbito da conclusão do Mestrado em Sociologia, com especialização em Políticas Públicas e Desigualdades Sociais, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, procedeu-se a um estágio curricular no Centro Comunitário Paroquial de Famões, no projecto CLDS, Desenvolver e Renovar a Vertente Sul de Odivelas. O objectivo deste estágio é “garantir o desempenho de funções de carácter profissional relevante para a instituição de acolhimento e que envolvam a aplicação prática de conhecimentos teóricos e práticos adquiridos na parte curricular do curso de mestrado”⁽¹⁾. Consiste numa permanência de 38 semanas, correspondentes a 800 horas de trabalho efectivo na entidade de acolhimento, durante a qual o estagiário deve desempenhar um conjunto de actividades consideradas relevantes para o seu futuro profissional pondo em prática os conhecimentos académicos adquiridos. Desta forma, o estágio decorreu entre 19 Outubro de 2009 a 31 de Maio de 2010, entre as 9:30h e as 13h e as 14:30h e as 18h de segunda-feira a sexta-feira. Com participações posteriores em actividades nas quais me encontrava ainda envolvida.

Estive inserida na equipa do CLDS, intercalando entre o Gabinete de Empregabilidade e o Centro de Recursos e Qualificação. Estes são os gabinetes de apoio aos utentes, com o objectivo de capacitar as populações dos bairros alvo de intervenção, quer ao nível do apoio social e psicológico quer ao nível da empregabilidade, de forma a promover melhores condições de vida. A equipa constituída por seis técnicos, que entre si gerem os processos dos utentes tentando traçar um plano individual, tendo em conta as necessidades de cada um e motivando-os a tirar partido nas valências que a instituição tem para oferecer e desta forma contribuir para um melhoramento nas condições de vida dos utentes. O meu trabalho esteve sob a coordenação de Benedita Lima, coordenadora do CLDS-VS.

A escolha do Centro Comunitário Paroquial de Famões prende-se com a oportunidade que me foi facultada de estagiar neste centro e com o meu interesse na área, quer pessoal, na vontade em perceber o trabalho desenvolvido por este tipo de instituições, quer académico, uma vez que este incide sobre a exclusão social tal como a minha área de especialização.

O desemprego como um potencial factor de exclusão, quer seja no seu sentido mais generalista, o social, quer num sentido mais restrito, a exclusão do mercado de trabalho,

¹ <http://www.fcsh.unl.pt/cursos/MA/componente-nao-lectiva/componente-nao-lectiva#estagio>

Desemprego e trajectos de exclusão social

merece especial atenção e é sobre este fenómeno, e nos que sofrem directamente com ele, que pretendo dar um lugar de destaque.

O objecto sociológico deste estudo consiste em identificar o sentido que os indivíduos desempregados dão a esta experiência particular da sua vida, a exclusão do mercado de trabalho. Tenta-se entender em que medida os indivíduos desempregados se sentem excluídos, estudando o sentido que dão a essas experiências, procurando compreender como constroem as suas identidades. Aprofunda-se a forma como os indivíduos experienciam as vivências do desemprego, que sentidos retiram dela e que estratégias se apropriam, mais ou menos conscientes, como margem de manobra face a esta desqualificação social³.

Sendo o nosso referencial a exclusão do mercado de trabalho, quais são os recursos de empregabilidade de que os desempregados são portadores? De que forma é vivido o desemprego? Que estratégias de adaptação ou reacção utilizam os desempregados excluídos das dinâmicas sociais? Para dar resposta a estas interrogações este relatório divide-se em quatro partes.

Primeiramente, pretende discutir as diferentes noções de um conceito multiforme como a exclusão social, esta ginástica conceptual é necessária para perceber as suas dinâmicas no tecido social e estabelecer o fio condutor da investigação. Posteriormente apresenta uma breve caracterização Centro Comunitário Paroquial de Famões e do projecto CLDS, tendo em conta a sua estrutura orgânica formal e as respostas institucionais. A descrição das políticas sociais e seu surgimento é também um ponto importante a abordar para percebermos o contexto da solidariedade/responsabilidade social. Seguidamente procedemos à caracterização da população residente nos bairros da Vertente Sul de Odivelas. Neste ponto iremos ter em consideração a distribuição da população por idade, género, nacionalidade, condições de habitação, distribuição da população por bairros, as condições perante o trabalho, o número de utentes abrangidos pelos serviços institucionais e quais as principais respostas oferecidas e/ou requisitadas. Por fim irei fazer um balanço dos nove meses no centro onde descrevo o trabalho realizado no âmbito do estágio, as tarefas relevantes, o funcionamento do centro e trabalho dos técnicos mas também teço algumas considerações sobre o vivido e observado durante esse período.

Numa segunda parte, percebemos a importância do trabalho nas sociedades actuais para que possamos analisar o fenómeno do desemprego e como este pode levar a contextos de exclusão. Desta forma, passamos à construção de definição do conceito que servirá de fio condutor no decorrer da investigação.

Numa terceira parte, apresento o estudo empírico fazendo referência à metodologia utilizada para depois apresentar os resultados e a sua discussão.

Na última parte, a conclusão apresenta um balanço de todo o processo de estágio e da investigação realizada, quais os contributos e obstáculos ao trabalho, tentando levantar desafios para o futuro a desenvolver no que concerne a estratégias nacionais e locais de intervenção social

V. Exclusão: um conceito multiforme

Antes de percorrer a definição do conceito, importa reter que este é ainda motivo de discórdia entre vários autores quanto ao seu conteúdo. O termo exclusão, tem sido e é ainda, usado de forma indiscriminada o que o torna impreciso e indefinido. A nível das ciências sociais é hoje empregue como um conceito científico de uso corrente que já não mais precisasse de ser revisto. Na área das políticas públicas e da assistência social constitui-se como alvo prioritário das acções, e segundo o mesmo autor, até nos movimentos religiosos o termo “pobre” passa a “excluído”.

Porém, antes de avançarmos importa levantar logo à partida uma questão, a qual depois de obtermos a resposta, nos vai permitir melhor clarificar e balizar o nosso objectivo de estudo. E é precisamente aqui que divergem as perspectivas. O autor supracitado refere-se a categorias sociais para definir o conceito. Ora podem ser às “minorias étnicas, ora aos segregados pela cor; por vezes aos desempregados de longa duração, outras vezes aos sem-abrigo; em certos casos, aos que fazem opções existenciais contrárias à moral vigente, em outros aos portadores de deficiências, aos velhos ou mesmo aos jovens. Excluídos, entre nós, são os desempregados, os subempregados, os trabalhadores do mercado informal, os sem-abrigo, os que não têm acesso a saúde, educação, previdência etc., os negros, os índios, as mulheres, os jovens, os velhos, os homossexuais, os alternativos, os portadores de necessidades especiais, enfim, uma relação quase interminável.”²

Por outro lado Bruto da Costa, define a exclusão por relação à pobreza. Este autor refere que o termo “exclusão social” surgiu num documento da União Europeia na década de 1980.

² in Civitas – Revista de Ciências Sociais v. 4, nº 1, jan.-jun. 2004)

Desemprego e trajectos de exclusão social

É hoje objecto de consenso que fenómenos da pobreza e exclusão social se apresentam como multidimensionais e transversais a vários domínios de organização societal, entre os quais as esferas económica, social, cultural e ambiental. No entanto, é necessário definir o conceito de exclusão antes e agora, isto é, existe distinção na percepção do conceito na evolução da história. Por conseguinte, das várias definições propostas por diversos autores pretendo estabelecer uma definição que servirá de pedra basilar para toda a restante análise a que me proponho fazer.

Entramos primeiramente com a perspectiva de Bruto da Costa³, onde a exclusão equivale a ser um “não cidadão”, isto é, um membro da sociedade que não possui os mais básicos direitos de cidadania. A conceptualização dos conceitos de exclusão e da pobreza nas sociedades contemporâneas e a sua aplicação analítica a um território exigem o accionar de todo um conjunto de procedimentos e linhas de abordagem que respeitem a complexidade dos fenómenos em estudo, pois é desse respeito que poderão advir análises mais rigorosas e ao mesmo tempo tentar esboçar estratégias de intervenção mais adequadas à resolução de diferentes tipos, graus e níveis de desintegração social. Se tivermos em conta o impacto do (des) emprego na pobreza e na exclusão social podemos averiguar um conjunto de fenómenos que retiram aos sujeitos a sua condição de cidadãos quando confrontados nessa situação. Ou seja, o desemprego não se reflecte só na perda de poder de consumo e na perda de rendimentos, atinge outras variáveis de acordo com o sexo, idade, classe, tipo e ocupação anterior, história de vida e o próprio nível de desemprego da região em causa.⁴

Para B. Costa, e como vimos acima, falar de exclusão parece que nos “obriga” a falar de pobreza. Com efeito, os estudos sobre a pobreza interessam-se pela distribuição de recursos, bens e serviços, pelo acesso, oportunidades, motivações, expectativas, e a experiencia mostra que esses aspectos são representados por um “modelo vertical, em que os que têm *mais* são colocados no topo e os que tem *menos* progressivamente mais abaixo”.⁵ Opostamente, o conceito de exclusão adopta uma perspectiva de dentro para fora, focando-se inicialmente sobre a força dos laços sociais entre os indivíduos os grupos e a sociedade. Assim, pobreza e exclusão, apesar de se complementarem, necessitam de ser definidas *a priori* para que não se confundam enquanto “rótulo conceptual”. A pobreza, *grosso modo*,

3 in “Um olhar sobre a pobreza” 2008

4 Capucha 2000

5 B. Costa 2008:60

Desemprego e trajectos de exclusão social

consiste numa situação de *privação por falta de recursos*, no entanto, esta definição simplista possui duas implicações importantes. Por um lado a privação que não seja devida à falta de recursos não é considerada como pobreza e, consequentemente, o tipo de apoio de que precisa tem a ver com o uso adequado dos seus recursos. A segunda implicação é a de que para se vencer a pobreza é necessário resolver aqueles dois problemas distintos: a privação e a falta de recursos. Existem formas distintas de resolver a privação que, no entanto, não resolve o impacto sobre a falta de recursos. O apoio mais comum é o monetário (que acaba por criar dependências) e não esgota esta falta de recursos, recursos esses que segundo Bourdieu, para além de económicos, podem ser simbólicos ou culturais. O problema da falta de recursos só fica portanto resolvido quando o indivíduo os obtém de uma das fontes que a sociedade considera como fonte “normal” de recursos. (B.C.63). Assim, um indivíduo que careça de recursos para fazer face às suas necessidades básicas não tem uma relação forte com os sistemas sociais geradores de rendimento, logo, o facto de a pobreza implicar falta de recursos, representa uma forma de exclusão social. Por outro lado, a privação significa que o indivíduo não vê satisfeitas as suas necessidades humanas mais básicas (de alimentação, vestuário, transporte, água, energia, habitação...) o que leva a uma fraca ligação com os diversos sistemas sociais, como o mercado de bens e serviços, o sistema de saúde, o sistema educativo, a participação política os laços sociais com os amigos e a comunidade local. É seguindo esta linha de pensamento que pretendo inteirar-me das *vivências do desemprego* na comunidade da Vertente Sul. Em suma, quanto maior for a privação maior será o número de sistemas sociais envolvidos e mais profundo o estado de exclusão social. A pobreza representa assim uma forma de exclusão social. Contrariamente, existem formas de exclusão social sem existir pobreza, como é o caso da discriminação e os preconceitos que excluem minorias da sociedade, onde pode ou não existir cumulativamente pobreza.

Porém, esta definição de exclusão não é suficiente, é necessário responder à questão: *excluído de quê?* Esta questão implica a existência de um referencial do que é que se está excluído. À partida, quando se fala em exclusão social, significa que nos estamos a referir a todas as esferas que a sociedade inclui, quer seja a família, a rede de amigos, a comunidade local ou cultural, a sistemas políticos ou económico. Portanto o *referencial* que procuro é o mercado de trabalho, ou a exclusão do mesmo, na medida em que este assume na actualidade uma importância central.

Para Robert Castel (N.R) um dos problemas do conceito é o facto desta noção se centrar em indivíduos dessocializados e que por isso impede de ver as dinâmicas colectivas e as relações de dominação que estão sempre em acção na sociedade. As desigualdades, as

Desemprego e trajectos de exclusão social

classes sociais, interligam-se com a exclusão social mas não se inscrevem num conjunto homogéneo. Segundo o autor, as desigualdades e as classes sociais remetem-nos para uma sociologia da década de 70, onde o cerne da questão social era o conflito que opõe as classes sociais em luta pela repartição dos benefícios do desenvolvimento. A noção de exclusão social surge mais tarde, a partir da crise dessa representação da questão social. Os “excluídos” não são um grupo homogéneo, como teremos oportunidade de verificar posteriormente, mas grupos de indivíduos separados dos seus atributos colectivos, entregues a si próprios, e que acumulam a maioria das desvantagens sociais: pobreza, falta de trabalho, sociabilidade restrita, condições precárias de habitação, exposição a todos os riscos de existência, etc.

Por fim, podemos limitar a nossa análise a três tipos de abordagem, uma dimensão económica, uma dimensão relacional e a dimensão simbólica. A exclusão é assim resultado da articulação e interacção recíproca dos mecanismos sociais globais e dos mecanismos locais e dos factores individuais. A dimensão económica diz respeito ao desempenho profissional dos indivíduos e aos recursos disponíveis que estes possuem e assumem, por isso, uma centralidade nos processos de exclusão. A inserção no mercado de trabalho que permita um salário e a existência dos direitos sociais permitem a configuração de uma identidade valorizante uma elevada auto-estima e a inserção daquele no tecido social. A dimensão relacional remete-nos para os mecanismos que permitem a integração e a socialização, tais como, a família, os amigos, os vizinhos e o emprego. Quando estas redes falham, a família (instância de socialização e de pertença do indivíduo) torna-se o último recurso que antecede a entrada do indivíduo num processo de desidentificação. A perda de laços relacionais primários, como diz Robert Castel⁶, é um processo de desafiliação que marca a ruptura do indivíduo com o meio social que o envolve.

A dimensão simbólica consiste na referência que o indivíduo faz a si mesmo, o valor social que ele atribui a si próprio enquanto membro activo de uma colectividade à qual adere e/ou participa com maior ou menor intensidade. Estas dimensões vão ditar o nível de envolvimento e pertença dos indivíduos na comunidade e são por isso uma variável importante para analisar estes processos de desinserção. Deste modo, o processo excludente vai para além da ausência de recursos materiais, referindo-se também ao conjunto de condições e circunstâncias de privação.

⁶ Les Métamorphoses de la Question Sociale, 1995

1. *Surgimento das Políticas Sociais*

A Constituição de 1976 pressupõe a unidade da política social (cf. artigo 91.º, n.º 2⁷), embora ela se mostre estreitamente relacionada com a política educacional e cultural (só existindo esta unidade estanque no plano teórico). Mostra-se possível, em face da Constituição, conceber as políticas sociais como acções destinadas a realizar ou a satisfazer os direitos dos trabalhadores (tanto de natureza cívica como de natureza económica), os direitos sociais e o direito à educação. Ainda quando se admita que as políticas sociais são definidas unicamente pelo poder político haverá que reconhecer que a execução das políticas sociais não cabe directa e exclusivamente ao Estado. Não nos referimos apenas ao recurso à administração indirecta do Estado, mas também à imposição de obrigações e responsabilidades a entidades particulares e à associação ou cooperação com organizações sociais. É neste panorama que conceptualizamos a *responsabilidade social*.

Segundo António Barreto⁸ deu-se uma crescente importância do papel do Estado nas sociedades modernas que em paralelo com as revoluções liberal e industrial levou à emergência de sectores terciários nas sociedades carentes de soluções face às suas novas condições sociais. A consolidação das liberdades jurídicas individuais a nível constitucional, resultantes de um processo que teve início em Inglaterra com os Pactos Ingleses dos séculos XIII e XVII, os *Bill of Rights* das colónias britânicas na América, transformadas em Estados independentes e a Declaração Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, assim como a legitimação do poder político (que se reflectiu em eleições parlamentares), a separação dos poderes (executivo, legislativo e judicial) e a organização dos partidos políticos, contribuíram para regular as relações entre o indivíduo e o poder político, salvaguardando-o da autoridade absoluta do Estado. O processo de liberalização dos Estados estendeu-se para o plano económico “através da rejeição de qualquer intervenção do Estado no mercado ou da limitação dos poderes de acção individual no livre jogo da oferta e da procura de bens e serviços”. A par da consolidação dos ideais liberais e da revolução industrial ocorrida em vários países emergiu um novo grupo, o operariado. Estes eram alvo de situações precárias, sucessivos despedimentos em massa, ordenados baixos, expostos a condições de trabalho e habitação degradantes, entre outros. O operariado que estava “entregue a si próprio neste jogo de liberdades sofreu, agitou-se e revoltou-se, passando a

7 *Análise Social*, vol. XXI (87-88-89), 1985,3-º,4-º-5-º, 925-943

8 Barreto A., ICS, 1996

exigir novas soluções”⁹. As entidades patronais impunham-se sem obstáculo à classe operária que não possuía meios legais para as contrariar ou para se proteger o que gerou graves problemas sociais, como despedimentos que empurravam milhares para o desemprego e para o limiar da pobreza. É neste contexto que surge a necessidade de um regulador para as relações entre indivíduos, pois o liberalismo originado na revolução americana e francesa tinha como um dos seus pilares a limitação do alcance do Estado face à liberdade do cidadão. É através da necessidade de regulamentação da relação operariado-patronato que o Estado é novamente chamado a assumir um papel mais interventivo nas políticas sociais.

Ao Estado passa então a ser exigido assistência aos indivíduos, “ao dever de prestar do Estado corresponde o direito de exigir por parte do cidadão”¹⁰, através de políticas sociais. “A protecção dispensada pelo Estado tem o objectivo de criação de segurança económica dos cidadãos”¹¹ fazendo parte do seu raio de intervenção áreas sociais como a educação, a família, a saúde ou a assistência no trabalho e no desemprego. As políticas sociais foram-se desenvolvendo principalmente no final do século XIX, numa primeira fase com o surgimento dos seguros sociais obrigatórios na Alemanha do chanceler Bismark após 1880 e posteriormente com os estudos de Beveridge¹² em 1945, surgindo um novo modelo de seguro social, caracterizado pela “generalização do direito à segurança social, pela extensão e o aperfeiçoamento ininterrupto da protecção pelo enorme crescimento das despesas públicas de finalidade social”¹³. Assim, este novo sistema passava não só a ser financiado pelas contribuições dos trabalhadores (modelo de Bismark) como também pelo imposto, além de que seria dirigido a todos e não só aos trabalhadores por conta de outrem: “À solidariedade profissional acresce a solidariedade nacional”¹⁴. Este novo sistema deu origem à época moderna da protecção social, por oposição à clássica, dos seguros sociais obrigatórios.

Portugal, na sua generalidade agrícola, até meados do século XX, era caracterizado por um atraso económico e social até aos anos 60, o que se repercutiu no desenvolver das políticas

9 Carreira, op.cit., p.374

10 Carreira, op.cit., p.376

11 Carreira, ibidem

12 William Henry Beveridge (1879-1963) economista inglês encarregue pelo governo britânico para fazer um estudo sobre como o Reino Unido deveria recuperar-se depois da II Guerra Mundial. Estudo que resultou no seu relatório de 1942 (The Beveridge Report) e no qual foi baseado o Welfare State anunciado neste país em 1945

13 Carreira, op.cit., p.378

14 Carreira, ibidem

sociais. É neste contexto que os seguros sociais obrigatórios são instituídos nos anos 30, num país de agricultura tradicional, indústria subjugada pelos sectores tradicionais de baixa tecnologia, pouca especialização, baixo investimento, domínio de pequenas oficinas e empresas. Nos anos 60 ocorre uma saída da população dos meios rurais para o campo por ausência de postos de trabalho, tenta-se então modernizar o país a nível tecnológico, mas estas alterações não foram suficientes para ultrapassar as consequências sociais e económicas resultantes de sistema de agricultura atrasado e pouco produtivo.

Por conseguinte, o ritmo da expansão industrial foi vagaroso, assim como a expansão do número de operários empregues na indústria. O desenvolvimento das políticas sociais surgiu paralelamente ao desenvolvimento da economia, da urbanização e da demografia. O desenrolar das políticas sociais, da própria política dos governos, economia, urbanização e demografia funciona baseado numa dinâmica de causa e consequência. Ou seja, as políticas sociais seguem determinadas coordenadas de acordo com os centros de decisão política, grau de importância que estes lhes conferem, nível de democratização do Estado, que por sua vez influem na vida económica.

A revolução de 25 de Abril trouxe consigo várias promessas no campo das políticas sociais, embora nem todas fossem inovadoras. O Programa do Movimento das Forças Armadas previu que o Governo Provisório lançasse os fundamentos de uma nova política social que, em todos os domínios, teria essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e o aumento (*sic*) progressivo, mas acelerado, da qualidade de vida de todos os portugueses.

Importa perceber, portanto, que as políticas públicas são medidas que variam de acordo com vários factores, económicos, sociais, demográficos e culturais, são progressivas na medida em que sofrem uma evolução ao longo das épocas.

▪ O Plano Nacional para a Inclusão

Para M.Soulet¹⁵ para se alcançar a integração social não bastam os direitos liberdade/crédito, implica antes um recurso a outra forma de intervenção política para satisfazer as necessidades de construção identitária que era anteriormente assegurada por outras instituições de socialização, como a família, a religião e a comunidade. Falamos

15 M. Soulet (2006;80)

portanto da garantia de participação activa dos interessados, das capacidades individuais capazes de assegurar a integração social. Concretizando, as políticas sociais não servem apenas para apoios objectivos, mas devem procurar oferecer possibilidades para reconstruir capacidades de subjectivização indispensáveis para a auto-realização dos indivíduos, ela própria indispensável para a integração. Assim, a política a seguir exposta, tem como base a promoção dos instrumentos que possibilitem aos indivíduos desenvolver competências e valores que os tornem autónomos no tecido social.

Não podemos falar em exclusão, seja a que nível for, sem falar em integração, no entanto a tradição sociológica diz-nos que existe uma dupla definição do conceito: integração do sistema, integração dos indivíduos ou integração destes dois níveis entre si. Por um lado devemos considerar a integração em “termos sistémicos ou funcionais. A integração, segundo Dubet¹⁶, caracteriza o estado da divisão do trabalho, a maneira pela qual o sistema gera as complexas formas de produção, do status, dos papéis e das “funções. Durkheim explicava a marginalidade e a exclusão como formas de “desconversão” do mundo feudal seguida da crise da sociedade salarial deixando de fora os excedentes que se tornaram inúteis. Opostamente, numa sociedade integrada cada um possui um lugar reconhecido como útil para o funcionamento do “sistema”. Por outro lado, a integração é definida como um processo social e subjectivo concebido como a “interiorização de normas e valores comuns pelos indivíduos” que compõem a sociedade¹⁷. No entanto, esta interiorização não é feita de forma linear, e como refere Bourdieu, o sistema deixa os indivíduos à margem ou atribui-lhe posições precárias e incertas enquanto as desigualdades são crescentes, a integração deixou de ser estruturada. A modernização cultural aumenta o individualismo, a solidão, o desenraizamento dos emigrantes dificultando assim a assimilação dos valores e competências, em suma, a integração dos indivíduos nas dinâmicas sociais.¹⁸

O PNAI 2006-2008 é portanto um instrumento de planeamento e de estratégia de combate à pobreza e à exclusão social do ponto de vista das políticas públicas, de intervenção social em Portugal. Esta é uma estratégia que se impõe como multidimensional e sistémica, pautando-se por princípios orientadores e desenvolvendo-se segundo prioridades estratégicas, organizadas em torno dos três Objectivos Comuns da União Europeia. Pretende, portanto,

16 F. Dubet, “Quando a sociedade nos abandona”, in *Conceitos e Dimensões*, 2006

17 Ibidem, 2006;35

18 (2006;80)

Desemprego e trajectos de exclusão social

articular as políticas pertinentes conjuntamente com os actores responsáveis na concretização de três prioridades estratégicas que visam produzir um impacto decisivo na erradicação da pobreza e da exclusão social. Em conformidade como o PNAI 2006-2008 o Governo Nacional definiu 3 prioridades políticas:

- Combater a pobreza das crianças e idosos, através de medidas que assegurem os seus direitos de cidadania.
- Corrigir as desvantagens na educação e formação/qualificação
- Ultrapassar as discriminações, reforçando a integração das pessoas com deficiência e dos imigrantes.

Assim, da lista de medidas políticas enunciadas pelo PNAI, o CLDS, insere-se na Prioridade 1, cujo objectivo de intervenção é a *promoção de iniciativas de enfoque territorial dirigidas a grupos e territórios em risco e/ou situação de exclusão*, através da criação inicial de 30 Contratos de Desenvolvimento Social¹⁹

2. O projecto CLDS-VS no Centro Comunitário Paroquial de Famões

No âmbito das estratégias definidas pelo PNAI de 2006-2008, que contempla áreas prioritárias de intervenção, com vista ao combate à pobreza e à exclusão de âmbito territorial, a Portaria nº 396/2007 de 2 de Abril veio criar o Programa de Contratos Locais de Desenvolvimento Social (CLDS), com o objectivo de promover um novo paradigma de intervenção face a fenómenos de pobreza e de exclusão social em determinados territórios e grupos de população em situação de vulnerabilidade, prevendo acções de intervenção que dêem resposta efectiva aos problemas identificados. Pretende, assim, dar resposta a áreas de intervenção prioritárias do PNAI (como já foi referido anteriormente) que não tenham ainda sido intervencionadas noutros projectos e programas. A criação destes programas tem como objectivo último a inclusão social dos cidadãos, de forma multisectorial e integrada, através de acções inseridas em eixos estratégicos de intervenção. Estas acções devem ser executadas em parceria com os actores locais, municípios e IPSS a intervir.

¹⁹ PNAI 2006-2008,55

Desemprego e trajectos de exclusão social

O protocolo de compromisso entre o Instituto da Segurança Social, a Câmara Municipal de Odivelas e o Centro Comunitário Paroquial de Famões, celebrou-se a 04 de Abril de 2008, no sentido colocar em prática o CLDS, denominado *Desenvolver e Renovar a Vertente Sul*.

O CCPF é uma Instituição Particular de Solidariedade Social vinculada à Paróquia de Famões, registada como Pessoa Colectiva, em conformidade com o disposto no estatuto aprovado pelo decreto de lei nº119/83, de 25 de Fevereiro, alterado pelo decreto de lei nº 402/85, de 11 de Outubro e no regulamento aprovado pela Portaria nº778/83 de 23 de Julho, procedeu-se ao registo como IPSS. Rege-se por estatutos próprios aprovados em 25 de Maio de 1998 pelo Patriarcado de Lisboa. Tem sede nos anexos da Igreja Paroquial de Famões, Concelho de Odivelas. Em linhas sumárias pretende dar uma resposta integral aos vários problemas que as famílias têm vindo a enfrentar, através de várias valências que se propõem atingir várias camadas etárias da população e proporcionar soluções que permitam que o nível de vida dos cidadãos permaneça equilibrado. Em 2000, com a aprovação do “Projecto Integrar para Desenvolver Famões” pelo Comissariado Regional do Sul da Luta contra a Pobreza do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social foi possível dar início a um trabalho de desenvolvimento local, em parceria com vários agentes locais, tendo-se desenvolvido um trabalho de apoio e orientação às famílias ao nível social, profissional, saúde, instrução e psicológico. Actualmente a actividade do Centro pretende apoiar a área da infância, adolescência, família e idosos, abrangendo as seguintes valências: creche com berçário, ensino pré-escolar, centro de actividades de tempos livres (CATL), sala de estudo, centro de convívio, serviço de apoio domiciliário (prestação de cuidados personalizados a situações de solidão e dependência), serviço de apoio domiciliários 7 dias por semana (prestação de cuidados integrados de saúde e bem-estar), gabinete de atendimento social e centro de actividades de apoio à família (CAAF).

O projecto CLDS, coordenado pelo centro, limita a sua zona de intervenção à Vertente Sul Odivelas e tem como missão promover a inclusão social dos cidadãos residentes nos cinco bairros da zona, como identifica o despacho 16253/2008: Vale do Forno, Encosta da Luz, Quinta do Zé Luís, Serra da Luz, Quinta das Arrombas e áreas envolventes. Trata-se de um território da área metropolitana de Lisboa considerada como crítica devido à sua génese ilegal, à acentuada instabilidade do terreno (com declives superiores a 50% em determinadas zonas) onde assentam as habitações e do crescimento que tem sofrido nestes últimos anos. É uma área densamente povoada que apresenta características sócio-económicas desfavorecidas

Desemprego e trajectos de exclusão social

e com uma acentuada falta de equipamentos de apoio social. Por esta razão, a autarquia e o Instituto da Segurança Social pretendem apostar nas áreas do emprego, formação e qualificação, intervenção familiar e parental, capacitação da comunidade e das instituições e informação e acessibilidade.

O plano de intervenção foi criado com base no Censos de 2001 e no trabalho efectuado pela Rede Social do respectivo Concelho sendo posteriormente aprovado em Agosto de 2008. O plano de acção proposto incide na correcção das desvantagens de qualificação e de ocupação do público-alvo, devendo prever a elaboração de um estudo mais pormenorizado das características sociais do território em causa (sendo criado, posteriormente, o Diagnóstico Social-2008).

O Plano de Acção prevê que os Contractos Locais de Desenvolvimento Social compreendam quatro eixos de intervenção e acção específicos. Podem ser genericamente caracterizadas da seguinte forma:

Eixo 1: Emprego, formação e qualificação - Criação de gabinetes de empregabilidade, com o objectivo de apoiar os utentes no processo de inserção, qualificação e/ou requalificação profissional.

Eixo 2: Intervenção familiar e parental – Criação de centros de recursos e qualificação para desenvolvimento de acções de apoio à comunidade e às famílias

Eixo 3: Capacitação da comunidade e das instituições - Desenvolvimento de acções de apoio à auto-organização dos habitantes e à criação de associações.

Eixo 4: Informação e acessibilidade - Desenvolvimento de acções facilitadoras do acesso às novas tecnologias da informação e comunicação.

Os objectivos específicos do CLDS da Vertente Sul, as suas acções e actividades foram adaptados à realidade conhecida identificada.

No que concerne à Metodologia de Intervenção, esta prevê uma acção concertada em torno do funcionamento de dois gabinetes: o Gabinete de Empregabilidade e o Centro de Recursos e Qualificação. De referir a natureza preventiva e transversal da grande maioria das actividades a desenvolver, cujo desenvolvimento pode ser da responsabilidade de um dos gabinetes, mas contribuir para a prossecução de mais do que um dos objectivos assinalados. A metodologia de actuação proposta é variável, de acordo com os objectivos a atingir em cada

Desemprego e trajectos de exclusão social

uma das actividades, mas sempre concebida numa perspectiva integrada de resolução de problemas, com ênfase na prevenção e promoção de competências individuais.

A população-alvo (cerca de 12 000 pessoas) é constituída pelos moradores no território designado pelo nome genérico de Vertente-Sul. A nível dos recursos humanos a equipa é constituída por um coordenador que se responsabilize pela gestão das actividades e dos dossiers técnico e contabilístico, assim como técnicos com formação adequada para desenvolverem as actividades. Assim, para além de uma coordenadora técnica, podemos contar com uma economista para o gabinete de empregabilidade, coadjuvada por um assessor, simultaneamente responsável pela área das TIC, assim como com uma técnica de serviço social, para o centro de recursos e qualificação, auxiliada por uma educadora social e por uma psicóloga.

Os recursos físicos e materiais foram em parte cedidos, com vista à implementação do CLDS, pela Câmara Municipal de Odivelas que cedeu espaço para instalação dos gabinetes na Divisão de Requalificação e Inserção de Áreas Críticas, sito no Bairro Vale do Forno. O atendimento ao público e as sessões de apoio individual decorre nestas instalações. As acções de formação e workshops, assim como o Quiosque de Internet e o Espaço Sénior/Jovem, devem ocorrer no Vale do Forno e instalações da Encosta da Luz. Dadas as características deste espaço e centralidade do mesmo, ele deverá ser também adaptado para funcionamento de um Banco Alimentar para servir a população desta Vertente. Na sede, os espaços disponíveis são os seguintes: dois gabinetes, equipados com seis postos de trabalho, uma sala de reuniões, que servirá simultaneamente como espaço de atendimento individual.

O CLDS da Vertente Sul, no gabinete de Recursos e Qualificação, onde passei a maior parte do tempo, tem disponíveis quatro tipos de serviços:

Serviço (de Acompanhamento) Social

Serviço de Psicologia

Formação: workshops e acções de formação

Espaços Ocupacionais

O GE é dirigido especificamente à **promoção do emprego** e do **empreendedorismo**.

A metodologia de actuação é variável, de acordo com o serviço prestado e objectivos a atingir em cada uma das actividades, mas sempre concebida numa perspectiva integrada de resolução de problemas, com ênfase na prevenção e promoção de competências individuais.

Seja qual for o tipo de serviço solicitado ao CLDS da Vertente Sul, o utente tem obrigatoriamente que passar por uma inscrição prévia, efectuada em ficha própria para o efeito. Esta pode ser efectuada presencial ou telefonicamente, sendo o candidato contactado posteriormente pelos técnicos respectivos para ser efectuada uma triagem dos problemas e diagnóstico da situação. Existem fichas específicas para recolha das informações necessárias, sendo que cada serviço as utiliza diferenciadamente, de acordo com o pedido efectuado. Será constituído um processo do utente, o qual é guardado em arquivo e inserido em base de dados, de fácil consulta para os técnicos intervenientes.

3. *Uma sociografia da população da Vertente-Sul*

O projecto abrange (como supra referido) cinco bairros integrados nas freguesias de Odivelas e Pontinha - Vale do Forno, Encosta da Luz, Quinta do Zé Luís, Serra da Luz, Quinta das Arrombas e respectivas áreas envolventes. O documento intitulado “Vertente Sul: Análise Sociográfica da População”, realizado com base nos Censos de 2002 e no *know-how* da CMO sobre a zona geográfica foi o ponto de partida para construir o plano de acção nestes bairros. No entanto, torna-se pertinente perceber as características sócio-económicas da população-alvo e para tal o Diagnóstico Social 2008, realizado pela equipa do CLDS, contém a última caracterização conhecida da população em causa. É a partir destes documentos que podemos traçar uma sociografia dos bairros da Vertente Sul. À data da realização do DS 2008 existiam 1071 edifícios construídos, concentrando-se a maioria no bairro Serra da Luz (58%). Posteriormente, de acordo com as plantas facultadas pela CMO, foram construídos, até 2006, mais 102 edifícios no território em questão. No que concerne ao género da população esta é paritária. Ainda assim, o Bairro Vale do Forno tem uma percentagem ligeiramente superior do género feminino, verificando-se o inverso no bairro Encosta da Luz e da Quinta das Arrombas.

Em 2001, os dados para a Vertente Sul reportavam para uma população maioritariamente em idade activa, 75.7% de habitantes. Segundo o mesmo diagnóstico, podemos constatar que a população jovem (0-14) representa em média cerca de 14% dos inquiridos. Na outra extremidade, a população idosa, representava para 2008, 18% dos habitantes. Os bairros que apresentam maior percentagem de idosos são o bairro Vale do Forno e a Quinta das Arrombas. Os jovens entre os 15 e os 19 anos são os menos representados na amostra, apenas com 6% de jovens nesta idade, destacando-se a Encosta da Luz para este grupo. Relativamente ao estado civil da população inquirida, 52% da amostra é

Desemprego e trajectos de exclusão social

casada ou vive em união de facto, contra 40% de solteiros. Na amostra, aparecem ainda 6% de pessoas viúvas e 3% de divorciados/separados.

Os indivíduos de nacionalidade portuguesa apresentam a percentagem mais elevada, seguindo-se os nacionais dos PALOP. Os nacionais dos países de Leste representam cerca de 3.3% de residentes, percentagem idêntica à de brasileiros. No total, verifica-se que 14% dos habitantes possuem naturalidade diferente da portuguesa. 43% dos residentes de nacionalidade portuguesa é oriundo de Lisboa, 33% das proveniências, 5% do Alentejo e 3% dos arquipélagos Madeira e Açores (ver Tabela 1). Quanto à caracterização habitacional, podemos constatar que a maioria das habitações possui as condições (infra-estruturas básicas) necessárias para o dia-a-dia e encontram-se sobrelotadas com elementos de diferentes famílias. A maioria das casas apresenta 4 ou 3 assoalhadas (36% e 34%, respectivamente) sendo que as habitações com maior número de divisões são bastante menos frequentes, existindo 13% de casas com 5 assoalhadas e apenas 5% com 6 assoalhadas. As casas com menor número de divisões são ainda menos numerosas, com 2 divisões são apenas 11 %, com 1 assoalhada o valor é residual (ver figura 1).

Relativamente à dimensão educacional e socioeconómica, importa referir as habilitações literárias dos agregados familiares inquiridos, com idade igual ou superior aos 5 anos, a sua inserção no mercado de trabalho, bem como a proveniência dos rendimentos.

O grau de instrução, pode resumir-se da seguinte forma: o total da população dos cinco bairros caracteriza-se por possuir habilitações ao nível do 1º Ciclo (44%), seguindo-se 17% com o 3ºCiclo, 14% com o ensino secundário, 13% com o 2ºCiclo, 5% com um curso superior e 6% não sabe ler nem escrever. Relativamente ao grau de instrução por escalão etário, podemos verificar que nas crianças até aos 13 anos, o grau de escolaridade dominante é, naturalmente o 1ºCiclo (54%), sendo que no intervalo seguinte (14-19), já domina o 3ºCiclo, com 43% de jovens a atingirem este nível de ensino. Dos 20 aos 64 anos, domina novamente o 1ºCiclo em cerca de 40% dos casos, a que se segue o 9º ano (19%). Na população com mais de 65 anos predominam novamente as pessoas que completaram apenas o 1ºCiclo (65%) e as que não sabem ler nem escrever. São assim os mais idosos que mantêm as habilitações mais baixas. Porém, nota-se uma tendência para os mais jovens completarem a escolaridade agora obrigatória, salientando-se que 31% dos inquiridos até aos 19 anos já atingem o ensino secundário, o que demonstra uma evolução positiva no que concerne ao nível de qualificações escolares da população (ver Figura 2).

A condição perante o trabalho, da população inquirida, em idade activa revela que nesta faixa etária, 62% dos sujeitos inquiridos se encontravam empregados, aos quais se

acrescentam 2% de trabalhadores que são estudantes. Seguidamente, encontramos um grupo de quase 11% de pessoas na condição de reformados (mesmo que não esteja, ainda em idade de reforma). O grupo das domésticas é o terceiro mais representativo (9%), seguindo-se-lhe o dos desempregados de longa duração (6,6%), a que se acrescem os desempregados há menos de um ano (4%). No total o número, à data do inquérito, de desempregados representa cerca de 11% das pessoas em idade activa neste território, valor superior à taxa de desemprego registada a nível nacional, em Junho de 2008 (7.3%). 3% do grupo de pessoas em idade activa são estudantes e os incapacitados para trabalho representam 3.4% desta população (ver Figura 3). Se compararmos o grau de instrução com a condição perante o trabalho (em idade activa) podemos constatar que a maioria das pessoas empregadas possui apenas o primeiro ciclo. O terceiro ciclo e o ensino secundário são os graus seguintes atingidos pela população a trabalhar. Os indivíduos que não sabem ler nem escrever, na sua maioria, não se encontra a trabalhar. A totalidade da amostra possui o terceiro ciclo de escolaridade, o que sugere o abandono escolar logo após a conclusão da escolaridade obrigatória, indicando um baixo nível de aspirações em termos de instrução (ver Tabela 2)

4. *Trajectos de exclusão social: Um estágio interventivo no CLDS – VS*

Quando encontrei o Lote 210 depressa me apercebi que não estava perante um típico edifício de escritórios, onde julgava que iria decorrer o meu estágio. A entrada no bairro, deixou-me um pouco apreensiva, aquela era uma realidade que eu desconhecia.

O andar onde se encontra o CLDS, passa despercebido ao sujeito mais atento, inserindo-se numa moradia de dois andares. No segundo andar uma residência particular e no primeiro piso as instalações oficiais do projecto. Vejo na entrada um placard “Contracto Local de Desenvolvimento Social”, Desenvolver e Renovar a Vertente Sul. Senti uma inquietude perante o leque desconhecido de possibilidades, não sabendo ainda o que me esperava lá dentro. Finalmente entrei na sala de espera e pedi à recepcionista que me anunciasse à coordenadora do projecto CLDS. O primeiro contacto com a coordenadora foi positivo uma vez que esta me colocou desde logo à vontade, falámos um pouco sobre as minhas expectativas e objectivos e marcámos a data de início do estágio. Na segunda-feira seguinte lá estava, pronta para nove meses de descoberta de um mundo quase paralelo à restante cidade cosmopolita.

Desemprego e trajectos de exclusão social

O CLDS funciona diariamente entre as 9:30h e as 18:00h, com intervalo de 1:30h para almoço. Porém, o atendimento ao público nos gabinetes disponíveis é feito em horários específicos, definidos de acordo com a disponibilidade das salas para o efeito. As restantes acções a decorrer organizam-se de acordo com calendarização específica, de acordo com o planeamento das actividades. Nos dois gabinetes existentes, o Gabinete de Empregabilidade, onde se encontrava inicialmente a técnica economista e o técnico informático e o Gabinete de Recursos e Qualificação, onde se encontra a assistente social, educadora social, psicóloga e a coordenadora, o trabalho é realizado com vista a uma intervenção em distintas áreas, designadamente: emprego, formação e qualificação; Intervenção familiar e parental; Capacitação da comunidade e das Instituições; e informação e acessibilidade. São estes serviços que todos os dias são prestados aos utentes que lá se dirigem.

Nos primeiros dias, e até meses, passei pela fase de adaptação e reconhecimento do espaço, às pessoas, não só do gabinete, mas também do bairro. Li sobre a legislação e funcionamento do projecto, não só para me inteirar dos procedimentos e me poder enquadrar mas também para me inteirar das medidas e aplicação de políticas sociais na sua forma mais prática. Ficou desde logo estabelecido que iria participar (de forma directa ou indirecta) em todas as actividades/tarefas da instituição. Ao que pude apurar o Professor Casimiro Balsa, e coordenador de estágio na Faculdade, entrou em contacto com a coordenadora no estágio, Benedita Lima, e deu-me “carta verde” para que eu participasse activamente em qualquer acção na instituição. A receptividade dos técnicos ao serviço foi também muito positiva, mostrando-se desde início disponíveis para me ajudar no que fosse preciso.

Esta equipa de intervenção é constituída por seis técnicos, o traço comum a todos é o atendimento e acompanhamento dos utentes e para tal existe, uma assistente social no CRQ, cuja missão é ajudar e aconselhar os utentes sobre assuntos sociais. O Educador Social, quando se verificarem necessidades de gestão de competências parentais ou de melhoria da gestão da vida familiar, de forma a solucionar problemas nas comunidade. A equipa é constituída ainda por uma psicóloga cujas funções, são: efectuar avaliação, orientação, apoio (maioritariamente psicológico). Aquando da minha chegada ao projecto existia ainda um economista cujas funções seriam, entre outras, a colaboração na definição e implementação de formas de articulação do Gabinete de Empregabilidade com outras valências do CLDS e de entidades externas e o acompanhamento e encaminhamento de utentes, nomeadamente junto de centros de formação e do tecido empresarial da zona. Entretanto houve uma necessidade de reformular a forma como estavam a ser implementadas as actividades do G.E. o que levou à

contratação de um técnico na área dos Recursos Humanos, com as mesmas funções: gestão de utentes, tentativa de parcerias com outras entidades, que só um técnico nesta área poderia recrutar. O plano de trabalhos do Informático é em muito semelhante ao do Economista e/ou técnico de Recursos Humanos, excepto nas funções de identificação, aquisição, montagem e/ou elaboração do material e tecnologias necessários à prossecução das actividades. Por fim, a coordenadora cujas funções principais são: supervisionar a equipa, garantindo a articulação entre os vários gabinetes e serviços, com vista à prossecução dos objectivos, conceber e aplicar instrumentos de controlo técnico e administrativo-financeiro, zelando para que os procedimentos sejam efectuados atempadamente e de acordo com as regras estipuladas.

O contacto com a população aconteceu em simultâneo com a minha entrada no projecto, mas a conquista da sua confiança não foi algo de imediato. À medida que o contacto foi sendo mais directo e constante deixei de me sentir uma estranha e os habitantes passaram a reconhecer-me como alguém familiar. O facto de andar sempre com as técnicas ajudou a que a minha inserção no meio fosse mais rápida. Esta foi uma fase muito importante, cheia de emoções e percepções a nível pessoal. Surgiram, como é normal no âmbito deste tipos de projectos interventivos, situações de carências que realmente exigiram alguma frieza e distanciamento o que permitiu um amadurecimento da minha parte, não só enquanto investigadora/interveniente social mas também como pessoa. As chamadas de atenção, por parte dos técnicos, a esse nível foram importantes para não me deixar levar pelo lado “mais humano”. Encontrava-me numa instituição cujo objectivo último é a capacitação da população, portanto, todas as minhas acções deveriam ser nesse sentido, o meu papel era o de uma técnica de intervenção e não de cariz caritativo.

O reconhecimento de todo o território de intervenção e das instalações do CLDS deu-se por etapas, conforme as actividades que fui desenvolvendo no decorrer do estágio. A entrada do bairro remete-nos de imediato para outra dimensão, mesmo ali na entrada de Lisboa e Odivelas a encosta parece dividir dois mundos. Nela estão instalados os bairros da Vertente Sul. Podemos ver, tão surpreendentemente, espaços verdes, de uma pequena agricultura de subsistência, de rebanhos de ovelhas e cabras típicos de zonas rurais. As casas fogem também aos típicos edifícios das grandes cidades, são moradias de dois andares, construções dos anos 80, construídas ilegalmente em terrenos na periferia da cidade. Daí os números de porta serem lotes, facto que desconhecia até então. Entrando mais no Vale do Forno, bairro onde está sediado o gabinete onde decorreu o estágio, iremos deparar-nos com o largo, uma espécie de praça onde convergem todas as ruas daquele bairro e como tal o ponto

de encontro dos “do costume” daquela zona. Este parece mesmo ser o bairro mais movimentado, onde podemos encontrar inúmeros pequenos negócios, tais como cafés, mercearias, lojas cujos proprietários são os habitantes da VS. Desenvolve-se assim um pequeno comércio local suficiente para a subsistência daquela população. As idas, com os técnicos, ao café e as visitas domiciliárias muito contribuíram para a minha inserção no bairro e reconhecimento por parte dos utentes de uma forma mais célere. Apesar de inicialmente ser um elemento estranho ao bairro, começaram a ver-me como “uma das técnicas”, e mesmo não sabendo qual o meu papel foi o suficiente para deixar de sentir olhares de desconfiança. O desconforto do sentimento de deslocada foi substituído pelo sentimento de familiaridade a cada dia que passava, com os bons dias dos utentes que me reconheciam na rua.

A população em si é bastante heterogénea, a vários níveis, foi incrível perceber como pode co-existir uma diversidade tão grande de nacionalidades e culturas num mesmo espaço. Neste bairro, o qual me é mais familiar, podemos encontrar população de diferentes origens, organizam-se, dentro do bairro, em pequenas comunidades. Possuem também um sentimento de ajuda entre eles visível nas solidariedades, principalmente entre habitantes da mesma nacionalidade. Pude confirmar esta solidariedade nas Visitas ao Domicílio que realizei conjuntamente com os técnicos, apresentando o exemplo de que numa casa pode viver mais do que uma família da mesma nacionalidade. Até mesmo aquando da distribuição do banco alimentar, sempre que algum utente não podia ir buscar os seus alimentos mandava um vizinho e/ou amigo no seu lugar. São também feitas referências (nas entrevistas) a ajudas em géneros alimentícios entre os utentes, sendo que estes desenvolvem como que um sentimento de entajuda comum a todo o bairro.

Uma das formas de (re)conhecimento dos utentes foi efectivamente o acompanhamento de atendimentos e visitas ao domicílio, que me permitiu conhecer melhor as suas carências e vivências pessoais. Fui percebendo as histórias de vida e foram as experiências mais marcantes durante o estágio. Deparada com situações extremas de carências a vários níveis, vi-me obrigada a aprender a separar os sentimentos da razão. O meu objectivo no centro não podia ser corrompido por sentimentos de pena que interferissem no trabalho do centro, situações que me levariam a tentar ajudar de forma directa os utentes não poderiam ocorrer uma vez que poriam em causa todo o trabalho dos técnicos. No entanto, teremos de ter sempre em conta a população com que estamos a trabalhar, muitos sobrevivem em condições realmente extremas. Mas também há que ter em conta o factor pressão, propositado, por parte dos utentes. Esta pressão, sobre os técnicos, com o intuito de conseguir serviços que o centro

pode não conseguir oferecer no momento. Nos seus discursos percebe-se uma tentativa de ênfase nas suas necessidades mais gritantes de forma a levar os técnicos a ajudá-los de forma mais célere. Há que saber dar a volta a este tipo de situações, uma vez que por vezes o centro é alvo de críticas por não ajudar naquilo que os utentes consideram mais urgente. A gestão de situações mais complicadas nem sempre foi fácil, alguns foram os casos em que realmente foi difícil ir para casa no final do dia e deixar de lado situações de pobreza extrema de que fui testemunha. Sentimentos de impotência, em que queremos ajudar de imediato. Mas depressa me apercebi de que não podemos salvar o mundo e de que existem regras, formulários, requisitos, burocracias que têm de ser preenchidas até que se possa efectivamente auxiliar estas populações da forma mais eficiente possível. Os técnicos, desde início alertaram-me para este facto. A mentira é também outro factor com que tive de lidar, bem como os “discursos de desespero”. Estas são estratégias de que se socorrem também para uma tentativa de apoio mais célere. Note-se que quando menciono apoio refiro-me a um conceito que abrange géneros alimentícios, habitação e apoio monetário. É por isso que os atendimentos são tão importantes, sendo o atendimento a primeira acção dos utentes no centro. O requisito principal é ser habitante de um dos cinco bairros. Com essa condição preenchida procede-se a uma inscrição preliminar e, posteriormente, são chamados para o atendimento onde ficamos a par das necessidades, sendo aqui que verdadeiramente se dá início ao seu processo. Tudo o que for passível de ser comprovado com documentos é pedido para anexar ao processo de cada um deles e a partir daí, e conforme as necessidade e a razão da inscrição são encaminhados para os gestores de caso responsáveis pelas diferentes valências.

A par do meu trabalho enquanto socióloga fui também realizando algum trabalho burocrático essencial para conhecer o funcionamento da instituição, o trabalho dos técnicos, a sua relação com os utentes e suas famílias. Desempenhei ainda tarefas administrativas como a inscrição de utentes e respectivos processos na base de dados da instituição (onde se inserem todas as actividades realizadas com e/ou dos inscritos), abertura e tratamento de processos. Acompanhei alguns dos processos dos utentes e a tentativa de resolução dos problemas por parte dos técnicos, sendo alguns destes utentes recorrentes na instituição o que levou a uma proximidade maior com alguns deles. Estes acabam por criar uma espécie de dependência em relação à instituição para coisas tão comuns como a leitura de uma carta.²⁰ No entanto, situações mais graves surgem todos os dias, pessoas sem possibilidades para alimentar os

²⁰ A taxa de analfabetismo, população que não sabe ler e escrever, da Vertente é de 6% e 44% tem apenas o Primeiro Ciclo. In D.S.2008

filhos, rendas em atraso o que leva a situações de despejo, subsídios que são extraviados, utentes com problemas na Segurança Social, pessoas doentes sem qualquer apoio. Estas são algumas das realidades para o qual por vezes todos os braços do centro não chegam, o trabalho aqui realizado não pode ser feito unicamente pelos técnicos os que nos leva às parcerias, sem elas muitas das acções não seriam conseguidas.

A comunicação entre o CLDS com o CCPF é diária na medida em que todas as acções realizadas no gabinete do Vale do Forno passam pelo director antes de serem postas em prática. A ligação com S.S. é uma constante é esta entidade que subsidia a instituição e para além disso a assistente social do CLDS precisa de estar em contacto com a assistente da S.S. para encontrar soluções para os problemas dos utentes, estes transitam assim entre estas duas entidades.

No que concerne às actividades realizadas no centro participei e/ou ajudei na elaboração de praticamente todas, durante o estágio. O IIº Peddy-Paper foi a primeira grande actividade que oficializou a minha participação no CLDS e a que permitiu estabelecer relações de maior proximidade com os utentes. A adesão a esta actividade foi grande, mas esta uma vez mais só foi possível com a ajuda dos parceiros que forneceram o material para a divulgação prossecução da actividade. Esta actividade teve grande adesão por parte da população e entidades parceiras, centrava-se nos mais jovens mas mobilizou população de todas as faixas etárias. Assisti também ao teatro-debate sobre a sexualidade, workshop sobre Educação para a Saúde, ao abrigo do Programa “CUIDA-TE”, do IPJ. Ajudei na realização da primeira Feira de Emprego- “Percursos de Inserção Escolar e Profissional”, ambos direccionados para os mais jovens. Posteriormente foram realizados inquéritos para perceber o nível de satisfação dos participantes nas duas actividades, questionários de que fui encarregue de analisar. Pude aqui exercer o meu trabalho enquanto socióloga. Apoiei, e assisti, aos workshops tais como o das “Mulheres empreendedoras”, a “Violência Doméstica” o qual foi, a meu ver, o mais interessante a nível sociológico uma vez que a presença de utentes de diferentes culturas/nacionalidades provocou um “choque de culturas” em que os valores de uns entravam em confronto com os de outros, o que por sua vez despoletou uma acesa discussão sobre a dominação masculina sobre as mulheres. Realizou-se uma sessão de esclarecimento sobre o HIV, dinamizada pela Liga Portuguesa Contra a Sida HIV, foi outro tema sensível na medida em que alguns participantes eram portadores do vírus. Foram ainda dinamizadas algumas sessões de esclarecimento no âmbito específico do Clube de Pais, cujos temas consistia na “Educação Financeira” (com dinamização da ANJAF em parceria com o Montepio Geral) e “Ultrapassar as Diferenças” (dinamizada pela própria equipa). O Natal na

Vertente foi mais uma grande actividade que mobilizou bastantes recursos ao nível dos apoios. Foi necessário recorrer às parcerias para conseguir obter alguns presentes para as crianças de forma a pudermos dar uma natal mais feliz a estes pequenos utentes. A adesão foi enorme, correram pais e filhos às instalações do Vale do Forno para receber os presentes. A presença da figura dos “Reis Magos” (na qual fui participante) para a distribuição dos presentes foi uma forma de chegar aos mais pequenos e a participação do Coro da Vertente Sul (constituído pela população dos bairros) dinamizou a festa. No Dia do Doente, foram feitas visitas com ofertas de pequenas lembranças para os utentes que se encontravam acamados. Por fim, a visita ao Museu da EDP, foi mais uma actividade que promoveu o desenvolvimento pessoal e alguma realização pessoal daqueles utentes. Durante a visita, em conversa com alguns deles, pude verificar muitos pouco ou nada conhecem a cidade. Os mais novos porque se cingem ao espaço escola-casa e os mais velhos por falta de meios económicos que lhes permita andar de transportes. Assim, os espaços de referencia destes utentes é a zona envolvente ao bairro e pouco mais. Todas estas actividades pretendem assim desenvolver aptidões pessoais mas também trazer promover experiências novas de enriquecimento pessoal. Direccionado para o G.E. foram realizadas duas triagens dos utentes inscritos para aquele gabinete. Participei na convocatória dos utentes e na realização propriamente dita da triagem. Com a lista de inscritos a aumentar cada vez mais, o objectivo desta convocatória era fazer um levantamento dos dados pessoais, através do preenchimento da ficha de utente, para que se pudesse de forma mais célere dar início aos processos e encaminhar os inscritos para as respectivas valências.

Uma das tarefas em que estive inserida desde o início foi o DAV- Distribuição de Alimentos e Vestuário. Nesta tarefa pude verificar efectivamente as carências desta população. Nas instalações da Encosta da Luz, decorre talvez o serviço mais requisitado pelos utentes. Trata-se de um serviço efectuado em parceria com o Banco Alimentar Contra a Fome, que pretende colmatar as necessidades alimentares e de vestuário da população mais carenciada da zona de intervenção através da distribuição mensal de alimentos às famílias. Para usufruir deste apoio os utentes devem ter sido sinalizados pelo corpo técnico em entrevista inicial. Nesta entrevista, o utente deve disponibilizar toda a documentação necessária à análise do processo, nomeadamente de identificação de todos os elementos do agregado familiar, assim como dos comprovativos dos rendimentos e das despesas fixas (renda da casa, água, luz, gás e medicação regular). Existe, igualmente, a possibilidade de o utente chegar ao CLDS através de encaminhamento de outra instituição. Contudo deverá ser sujeito igualmente à entrevista inicial, de forma a tomar contacto com os serviços e formalizar

a situação. Os técnicos poderão recolher informações adicionais junto de outras entidades e efectuarem visitas domiciliárias a fim de comprovarem a situação social da família. Além dos instrumentos já descritos, utiliza-se uma fórmula adequada ao cálculo da capitação. A situação social das famílias seleccionadas para beneficiarem deste apoio deverá ser avaliada com uma periodicidade semestral, com o objectivo de verificar a situação de carência económica no momento. Uma vez mais, este serviço só é possível com o apoio das entidades parceiras, nomeadamente os Bombeiros Voluntários de Odivelas que disponibilizam os meios para o transporte dos produtos alimentares e o Banco Alimentar e Fundo Europeu onde se encontram os alimentos. Inicialmente acompanhei os técnicos na prossecução desta tarefa e posteriormente passei a ir sozinha uma vez que as técnicas consideraram que já tinha autonomia para tal e ajudei na divisão dos alimentos por famílias e na distribuição dos mesmos. Esta é uma tarefa de dificuldade acrescida porque os alimentos são sempre diversos e em diferentes quantidades o que dificulta o processo de divisão. Esta divisão é feita com base no número de elementos do agregado familiar. No sentido em que uma família com cinco ou mais elementos deverá receber mais sacos que uma família de apenas dois ou três membros. Apesar de ser o serviço mais requisitado não deixa de ser alvo de críticas por parte dos utentes, seja porque se encontram em lista de espera ou porque consideram que os produtos distribuídos não chegam ou não são os mais adequados às suas necessidades. Pude confirmar esta situação nas entrevistas, o que nos levou à ideia do assistencialismo que esta população acaba por criar. Este serviço é um apoio para os mais necessitados mas os utentes acabam muitas vezes por ver o DAV como uma garantia, tal como acontece com os subsídios da qual são dependentes.

De referir ainda que este serviço, segundo o relatório de actividades de 2009 da instituição, abrangeu 34 famílias num total de 79 beneficiários.

De uma forma geral a minha participação foi transversal, fui tentando realizar todas as tarefas que me eram propostas, a cada conclusão destas era para mim uma vitória, porque me sentia mais adaptada ao local e ao esquema de trabalho. Uma das tarefas diárias era o atendimento/acompanhamento de utentes, quando comecei o estágio já o projecto tinha um ano de funcionamento, existiam os já os utentes recorrentes com longos processos o que fazia com que tivesse de fazer um esforço para memorizar os processos, as histórias de vida e ligá-los às caras que apareciam todos os dias. Era necessário que assim fosse, uma vez que a certa altura começaram a ver-me como uma das técnicas e simplesmente expunham-me os seus problemas e dúvidas partindo do princípio de que estava a par da sua situação e que teria uma solução para lhes oferecer. Esta foi também uma adaptação gradual, conforme os problemas

dos utentes fui aprendendo a lidar com eles e quais as respostas que o CLDS tinha para oferecer, caso contrário seriam encaminhados para as entidades competentes para o efeito.²¹

VI. Desemprego e exclusão social

1. *A centralidade do trabalho nas sociedades actuais*

O trabalho nas sociedades contemporâneas assume um papel central nas vivências nos modos de vida dos indivíduos. Alias, recuando atrás no tempo, percebemos que são as próprias sociedades que se regem em torno do mercado de trabalho. A partir da Revolução Industrial, assistiu-se à alienação pelo trabalho, este deixa de ser manifestação de vida para se converter em alienação de vida. Se por um lado o Homem é absorvido pelo trabalho, reduzido, nas palavras de C. Marx, “à animalidade quando não à condição de simples máquina” (Marx). Por outro lado, o tecido social vai-se recompondo, vão surgindo novas profissões, novos estatutos profissionais que muitos assalariados aproveitam, devido às suas qualificações que lhe permitem a permanência em posições de poder e prestígio e o acesso, pois através do seu poder de integração configuram-se relações culturais, simbólicas e identitárias. Aqui surge percebe-se já a centralidade do trabalho pois a posição social destes indivíduos depende exclusivamente do emprego. Uma sociedade salarial não é apenas uma sociedade de população assalariada é, segundo R. Castel, uma sociedade na qual a maioria da população acede à cidadania social a partir da consolidação do estatuto do trabalho²². O desenvolvimento da sociedade salarial da propriedade privada e o desenvolvimento económico levaram à conquista de direitos sociais do mercado e da intervenção do Estado.

Este último é também importante para o desenvolvimento da sociedade salarial criando empregos com mais estabilidade e direitos, garantias e protecção. Foi nesta altura que o trabalho se tornou mais acessível e compensador para os indivíduos. O trabalho era uma central porque era uma das componentes da construção da identidade. Trabalhar era como pertencer a uma comunidade de assalariados. O trabalho permanece como referencia dominante económica, psicológica, cultural e simbólica, facto que se comprova pelas relações

21 Esta situação é verificável no caso dos emigrantes, muitas das questões que estes colocam estão fora das competências do CLDS, nesses casos os utentes são reencaminhados para o CEF ou CNAI

22 Castel, 2003

daqueles que não o têm, como refere Castel. Quando existe trabalho estável a relação social tende a ser mais sólida e o grau de integração é maior. A ausência de participação em qualquer actividade é, à partida, um momento que pode criar tensões e transformações na população ao nível do isolamento relacional, da pobreza e da exclusão. Ainda segundo o autor acima citado, numa sociedade ordenada constitui risco social todos aqueles que nela não encontram o seu lugar a partir da organização tradicional do trabalho.

Portanto, ter um emprego corresponde a ter um espaço na sociedade mesmo que esse lugar não seja muito reconhecido ou valorizado socialmente. Estar sem trabalho, significa na maioria das vezes estar sem suporte, sem protecção e viver num estado de dependência que tem tendência a perpetuar-se, especialmente nas populações já de si carenciadas e com baixas qualificações. Assim, o trabalho permanece como a principal via de subsistência, de preservação da auto-estima e da busca de reconhecimento social. São os baixos salários, a instabilidade no emprego, os trabalhos precários e pouco qualificados, conjuntamente com o emprego de longa duração que provocam a miséria social.

A ideia generalizada de que o trabalho “dignifica” levou os indivíduos à interiorização de que podiam ser promovidos, acumular riqueza, criar um estatuto social, ampliar os seus direitos, garantias e protecção, enfim, gerir a sua vida de forma a ter acesso a consumos que lhes permitissem satisfação e valorização pessoal.

Outro autor que reforça esta ideia é Serge Paugam, para ele a integração assenta, em parte, na actividade profissional que assegura paralelamente a segurança material e financeira, as relações sociais, a organização do tempo dos espaços e da identidade. Se existir uma degradação no mercado de trabalho, este torna-se uma causa estruturante de desqualificação social. Para Durkheim, o Homem social só tem existência por meio da sua inscrição nos colectivos que, para o autor, extraem da sua consciência, do lugar que ocupam na divisão social do trabalho, neste sentido o trabalho assume uma centralidade que nos dias de hoje é, no entanto, mais subjectiva.

O grau de integração social através da actividade profissional é menor porque o mercado de trabalho está saturado e não existe emprego para todos. O que existe é muitas vezes inseguro e precário, como podemos verificar nas entrevistas que foram realizadas. O que leva a que o grau de implicação do trabalhador também seja menor, porque um trabalho que confira um estatuto social permite melhorar as suas condições de vida.

O trabalho assumiu um papel central na vida das pessoas, a profissão passou a ser um indicador do estatuto social ou da construção da identidade. Esta é construída com base no

trabalho que exerço, com o local e casa onde moro, com os locais que frequento, com os hábitos e padrões de consumo que estabeleço e com a família a que pertenço.

2. *Um estudo sobre o fenómeno do Desemprego*

Em 2008, a taxa de desemprego portuguesa, apesar do seu decréscimo de 0,3 p.p., permaneceu superior à europeia, em resultado, principalmente, dos aumentos progressivos que se têm verificado desde 2000 (3,8 p.p., no total, entre 2000 e 2008) e da descida mais significativa que a taxa média europeia registou nos últimos quatro anos (menos 2 p.p.). Deste modo, em 2008, 7,7% da população activa portuguesa encontrava-se desempregada enquanto essa percentagem era de 7% para a média dos países da UE 27. A taxa de desemprego de longa duração para Portugal, que tem vindo a registar uma subida progressiva desde 2001, permaneceu pela segunda vez consecutiva nos 3,8% em 2007, ultrapassando assim a taxa média dos 27 países da EU, que se situou nos 3%.²³

Analisar o fenómeno do desemprego não se limita à análise estatística de dados brutos, torna-se necessário, para uma análise mais profunda, perceber os contornos sociais mais “invisíveis” nas estruturas sociais nos estilos de vida e nas orientações simbólicas. Este conceito tem sofrido transformações no seu conteúdo, forma e significado, em função das transformações nos processos que alimentam as relações de emprego. O estudo deste fenómeno é relativamente recente, remonta aos anos trinta do século XX, como consequência da depressão económica, encontrando-se ligado à indústria e aos despedimentos em massa das grandes empresas. Só na década de oitenta o desemprego e os seus efeitos se tornaram centro de atenção dos investigadores. Foi nesta altura que surgiram programas de apoio à (re) inserção no mercado de trabalho. De uma forma sucinta, a análise neoclássica do mercado de trabalho, a explicação da existência do desemprego residia numa decisão individual, isto é, de cariz “voluntário” ou de “espera” uma vez que resultaria de uma opção racional dos indivíduos entre o tempo de trabalho e o tempo de espera, não pressupondo um disfuncionamento do mercado de trabalho. Opostamente a visão keynesiana assume as deficiências do mercado no que concerne ao emprego e considera a intervenção do Estado na resolução deste problema social. Assim, o aumento do desemprego “involuntário” tinha origem e nos avanços tecnológicos e nos desajustamentos ao nível da qualificação e formação

23 Observatório do Emprego e Formação Profissional, in Relatório “Aspectos estruturas do mercado de trabalho 2009”

da mão-de-obra face às necessidades das empresas, o que justificaria o surgimento de medidas de combate às baixas competências dos actores sociais. A perspectiva marxista do desemprego e do funcionamento do mercado de trabalho correlaciona-se com a perspectiva de Keynes. No entanto, Marx colocava a força de trabalho no centro da sua conceptualização, para este autor a característica essencial do mercado de trabalho consiste no princípio de determinação de oferta de trabalho por parte das empresas sobre a procura dos trabalhadores. Concretizando, os actores não têm autonomia e portanto o funcionamento do mercado resulta unicamente da determinação das estruturas, e neste contexto o desemprego assume-se como inevitável e necessário para a reprodução do capital (Marx, 1974).

Só recentemente o desemprego se torna um problema de visibilidade social e política ao atingir diferentes grupos sociais com consequências que perduram no tempo e por essa razão a necessidade de intervenção dos poderes públicos. Todavia, esta visibilidade incide maioritariamente sobre o nível quantitativo e macro-social do fenómeno e por essa razão se justifica a pertinência de abordagens de cariz qualitativo que autores como Serge Paugam têm vindo a desenvolver. Os seus registos permitem desenvolver uma conceptualização do desemprego tendo em vista a diversidade dos seus efeitos ao nível subjectivo, visíveis nos registos de vivências, trajectos/histórias de vida, biografias e formas identitárias, dos actores sociais, associados ao desemprego. O contributo da sociologia permite ver o desemprego como um fenómeno social total e por isso multidimensional, complexo e que inter-relaciona a sociedade e a economia global. Não deveremos, no entanto, perder de vista que as especificidades do desemprego variam consoante a conjectura e época de cada país, e implicam as medidas políticas, económicas, sociais e ideológicas do território em análise.

VII. Um estudo exploratório

1. *Estratégia metodológica:*

Este trabalho exploratório pretende compreender as dinâmicas do desemprego na vida dos indivíduos e por essa razão optou-se por uma estratégia analítica qualitativa, cujo objectivo é obter informações, até então pouco conhecidas, sobre as vivências e transformações que a exclusão do mercado de trabalho proporciona. Os retratos a seguir expostos são expressivos da complexidade dos efeitos e consequências pessoais/familiares resultantes do desemprego. A exclusão do mercado de trabalho enquanto processo dinâmico, que incorpora condições materiais de existência, traduz-se em construções sociais com fronteiras permeáveis a transformações das normas sociais e culturais nas trajectórias

biográficas. É por esta razão que a escolha de enfoque biográfico é pertinente. É através deste último que se consegue ilustrar as várias dimensões associadas à experiência do desemprego, dando particular atenção às vulnerabilidades, vivências e estratégias de recuperação/resignação do desemprego. Esta técnica permite recolher testemunhos, elucidá-los e descrever acontecimentos vividos (Poirier et al). As entrevistas biográficas permitem assim desenhar o modelo baseado no pressuposto de que as acções sociais são também acções individuais dotadas de subjectividade. As histórias de vida são “histórias práticas”, na medida em que permitem esclarecer as estruturas sociais e as condições de vida num tempo e espaço determinado. As histórias de vida são também um instrumento de inquérito em profundidade, do tipo não estatístico, que permite perceber o sentido e o alcance das informações obtidas. No entanto, o risco de se produzir informações irrelevantes, fruto de perguntas que condicionam respostas consensuais por parte dos entrevistados, é uma possibilidade que não podemos colocar de parte (Hill e Hill, 2000). Assim, optou-se pela utilização da técnica de entrevista semi-directiva, como forma de aceder ao significado das vivências dos indivíduos através das histórias de vida. Esta metodologia pode fornecer informação rica sobre as trajectórias do desemprego mas para que tal aconteça é necessário existir uma boa relação entre o entrevistado e o investigador, deste modo temos de mostrar todo o interesse, compreensão e simpatia pela vida dos entrevistados, no fundo e como já referi anteriormente, estamos a ser os seus “confidentes”. Foram realizadas dez entrevistas, tendo como referencia os utentes inscritos no CLDS, particularmente inscritos no G.E., pressupondo que se tratavam de indivíduos desempregados à procura de emprego.

Como já foi referido, trata-se de entrevistas semi-directivas, cuja elaboração do guião continha questões fechadas e abertas relativas ao tema abordado, sendo apenas afixada uma orientação para o início de cada entrevista que consistia no levantamento das características socioculturais de cada entrevistado, portanto, a ordem e forma como foram introduzidas dependeram do decorrer da entrevista. As entrevistas foram gravadas para que se aumentasse a fidedignidade do tratamento da informação, com autorização da coordenadora do CLDS. A convocatória para as entrevistas foi feita pelo telefone, após levantamento da amostra retirada da base de dados. Inicialmente os utentes aceitaram de imediato sem restrições, no entanto, chegada à data das entrevistas, não raras as vezes, faltavam sem aviso prévio o que atrasou o processo uma vez que teve de ser feito novo levantamento de utentes e nova convocatória. Deste modo, procedeu-se à recolha informação relativa às vivências do desemprego, foram realizadas entrevistas aos utentes desempregados inscritos no CLDS.

São considerados desempregados todos aqueles se encontram excluídos do mercado de trabalho formal. Recorrendo à base de dados, e ao Diagnóstico Social, após a identificação de 198 inscritos no G.E., foram seleccionados dez utentes em situação de desemprego²⁴, indivíduos que considerei serem os que melhor se enquadravam na minha pesquisa. A sociografia traçada permitiu seleccionar indivíduos inscritos no G.E. com base nos seguintes critérios: idade, habilitações, estado civil, nacionalidade, duração de desemprego. A análise das entrevistas foi realizada numa abordagem vertical, procedia a uma sinopse das mesmas e posteriormente a uma análise horizontal que consistiu numa análise de conteúdo. Esta técnica de tratamento de dados permite a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo da informação recolhida mas também permite fazer inferências válidas dos dados obtidos nos discursos.²⁵ Esta técnica permite tratar o material recolhido nos estudos de histórias de vida em que o investigador não parte de uma hipótese, reúne os dados de forma controlada e sistemática que depois organiza e classifica (idem). Ou seja, procura-se a elaboração de parâmetros de análise que permitam descodificar os discursos obtidos do “corpus”. Os resultados dos estudos são, portanto, interpretados e apresentados como conclusões ancoradas numa base conceptual estabelecida *a priori* com as quais se confrontam os resultados.

Duas entrevistas tiveram ser anuladas uma vez que o utente em causa era portador de um distúrbio psicológico que o impedia (clinicamente comprovado) de trabalhar, apesar de este procurar emprego. Outra entrevista a que me vi obrigada a anular correspondia a um utente depressivo pelo que não me foi possível controlar o tempo de entrevista e passados 45 minutos o entrevistado ainda se encontrava a responder à primeira pergunta. Cedo percebi que este não tinha a noção de qual os papéis de ambos, nem o objectivo do encontro pelo que se limitou a desabafar como se de uma conversa de café se tratasse. No entanto, não foram um desperdício de tempo uma vez que foram utilizadas como pré-teste. De resto, as restantes entrevistas correram bem, o que dependeu da personalidade e atitude de cada um dos entrevistados e da nossa interacção. Os entrevistados mostraram-se sempre disponíveis e simpáticos mas alguns nas perguntas relativas às suas vivências de carácter mais íntimo (ao nível das suas necessidades e carências) mostravam-se constrangidos o que me obrigou a um esforço para conseguir obter as informações que pretendia.

24 Dados referentes à data da realização do estágio

25 Silva, 1986

Desemprego e trajectos de exclusão social

As entrevistas foram realizadas em locais distintos, de forma a facilitar os utentes. A primeira foi realizada no espaço destinado ao Clube de Emprego, uma vez que me encontrava a ajudar os utentes na realização dos seus currículos e na procura de emprego e um dos utentes seleccionados para o efeito se encontrava no mesmo espaço. Uma outra, como já referi, teve de ser anulada uma vez que o utente em causa não se encontrava em condições psicológicas (situação de que me apercebi no decorrer da entrevista), assim aproveitou o local e a minha disponibilidade para desabafar comigo. Nota-se que a população sente falta, mais do que apoio material, de alguém que se importe com os seus problemas, que os oiça e que partilhe com eles a suas angústias.

As restantes entrevistas realizaram-se nas instalações do Vale do Forno, nas salas que à data estavam disponíveis para o efeito, ou a sala de atendimentos ou o gabinete de empregabilidade, quando se encontrava vazio.

As entrevistas não foram a única fonte de levantamento de informação da investigação, foi importante o confronto com fontes documentais - os processos dos utentes - com o testemunho dos técnicos e a observação que tive oportunidade de fazer durante o estágio, principalmente a possibilidade de puder assistir aos atendimentos da área social que me permitiu recolher muita informação.

Este confronto de informação recolhida nas entrevistas com os dados que os técnicos facultavam permitiu-me verificar que por vezes a informação não coincide. As entrevistas são condicionadas pelas representações que cada indivíduo possui sobre o tema em questão e aquilo que consideram relevante contar. Deste modo, relativamente às vivências/carências materiais e redes de apoio (monetário, familiar ou de vizinhança) as informações obtidas nas entrevistas nem sempre coincidiam com a informação facultada pelos técnicos e dos processos. As informações recolhidas junto dos técnicos permitiram-me assim complementar dados não abordados nas entrevistas. A construção de diferentes discursos dos utentes varia consoante a pessoa que têm à sua frente e a confiança com os técnicos. Esta situação verificou-se ao longo de várias entrevistas, muitos dos entrevistados aproveitaram aquele momento para desabafar comigo os problemas das suas vidas, muitas vezes na esperança de que eu conseguisse exercer alguma pressão junto dos técnicos para acelerar os seus processos em espera para qualquer serviço que tenham pedido. Esta situação verifica-se em relação ao DAV, para todos os utentes que estavam em lista de espera tive de explicar os procedimentos uma vez que a demora lhes provoca sentimentos de frustração e injustiça

relativamente a outros que já recebem. Esta espera é em muitos deles motivo de insatisfação relativamente aos apoios prestados pelo centro.

Passando para a análise de conteúdo, segundo Bardin, esta análise possui duas funções: uma função heurística em que a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta e possui também uma função de administração de prova, que no fundo é uma análise para “servir de prova”, deste modo, estas duas funções interagem reforçando-se mutuamente, neste tipo de análise não existe um ponto a investir. Finalmente a análise estrutural, permite-nos desmontar o quadro conceptual de forma a trabalhar apenas com a base de classificação dos signos ou das significações, mas sim sobre o arranjo dos diferentes itens, de forma a tentar descobrir as constantes relações que organizam esses mesmos itens e quais as relações existentes entre si. (Ilustração 9)

2. A apresentação e discussão dos resultados

Fazendo uma sinopse antes de passarmos para a análise na íntegra das entrevistas, com apoio da Ilustração 8, podemos verificar que os indivíduos, conforme anteriormente descrito, mobilizaram recursos para ultrapassar as situações de desemprego. Neste sentido os amigos, os vizinhos e a família foram importantes no apoio, quer em géneros alimentícios quer mesmo em ajuda financeira. O CLDS aparece como apoio transversal que abrange várias áreas, desde o apoio social à formação até à procura de emprego. As actividades ocupacionais aparecem como novas rotinas às quais os indivíduos se adaptam depois de terem sido sujeitos ao desemprego.

Estas actividades limitam-se ao espaço doméstico ou de vizinhança e prendem-se com a ajuda do cônjuge nas lides domésticas, tomar conta dos netos e/ou filhos, ajudar familiares ou vizinhos. Estas são actividades que lhes permitem, de algum modo, sentirem-se úteis. No entanto, outros parecem ter uma atitude de resignação quando questionados sobre o seu dia-a-dia desde que se encontram no desemprego, limitam-se ao isolamento, sendo a inércia a sua rotina diária. Não deixam, porém, de referir que a procura de emprego é uma constante. Pelos discursos percebemos que para alguns a única “actividade” que praticam é a procura de emprego. A maior parte dos entrevistados vê o aumento das qualificações como um potencial factor que poderá abrir portas para a inserção no mercado de trabalho, estando inscritos em cursos, dentro ou fora da instituição, que lhes permita o desenvolvimento de competências.

Desemprego e trajectos de exclusão social

No que concerne aos regimes de apoio dividem-se entre o subsídio de desemprego e o RSI, enquanto os casos retratados nas entrevistas 8 e 10 não recebem qualquer tipo de apoio, sendo que as razões para tal se prendem com o facto de serem emigrantes que não efectuaram descontos ou que se encontram em situação ilegal e que até regularem a sua situação não têm direito a estes benefícios. Mesmo os restantes entrevistados que apenas recebem o apoio mínimo (RSI) não têm direito a subsídio de desemprego por não terem efectuado os descontos necessários para a obtenção desse apoio, o que agrava as situações de vulnerabilidade destes indivíduos. Apenas um dos entrevistados se encontrava em processo de selecção para uma oferta de emprego (entrevista 2). Os restantes, à data das entrevistas encontravam-se em fase de procura.

Relativamente à criação do próprio emprego, iniciativa apenas referida na entrevista 9, não parece surgir como estratégia de enfrentamento. A realização de actividades informais foi referida apenas na entrevista 5, sendo que talvez por receio de represálias, preferiram omitir uma eventual realização de pequenos biscates como sustento.

Por fim, sentimentos de frustração, dependência e de inutilidade são as consequências psicológicas nos desempregados, situação que parece agravar-se nos desempregos de longa duração. (*“Não me sinto bem (...) Ando stressado da vida” E1.78.*) As dificuldades económicas surgem como o impacto mais directo na vida dos desempregados e das famílias, tornando-se por isso a consequência que mais referida é.

Em suma, podemos abordar a exclusão como um processo cumulativo de fenómenos convergentes que se traduzem em rupturas sucessivas com a economia, redes de sociabilidade e a sociedade e que vão afastando o estatuto dos actores dos centros de poder, dos recursos e valores dominantes. Este afastamento objectivo da sociedade e dos seus recursos provoca consequências subjectivas nos modos de vida dos sujeitos desempregados. Consequências que podem ser perspectivadas através de um modelo de análise das experiências/vivências do desemprego.

A categoria de “desempregado” consoante seja referida do ponto de vista estatístico, jurídico ou sociológica assume dinâmicas diferenciadas. Embora possamos encontrar uma linha de homogeneidade nestas experiências, encontramos uma diversidade de características que permitem perceber a variedade de maneiras de viver o desemprego.

Para análise desta experiência do desemprego e das lógicas de acção desenvolvidas pelos desempregados torna-se necessário perceber os seus trajectos profissionais e quais o

factores de vulnerabilidades a que estes indivíduos estão sujeitos. Assim, para Demazière, existem dois tipos de vulnerabilidades, as extrínsecas (também referidas por Estivill) as quais se referem aos espaços de ancoragem onde se revelam os efeitos de contexto e as vulnerabilidades intrínsecas que nos reportam para as características sociais dos indivíduos e as suas trajectórias profissionais e familiares. Posteriormente, os mediadores de compensação são referidos como as protecções asseguradas aos desempregados, no âmbito do Estado e das redes sociais de solidariedade, e que estes mobilizam como estratégias de superação e/ou resignação do desemprego. Para S. Paugam e D.Gallie a heterogeneidade das experiências do desemprego resultam dos efeitos diferenciados das relações entre estruturas, nomeadamente a estrutura política - o Estado social - e a estrutura social - protecções de proximidades, a economia e o mercado. As configurações destas estruturas causam efeitos diversos na vida dos actores sociais, efeitos tais que podem ser excludentes, isto é, os modelos de regulação social do desemprego configuram experiências e percepções distintas na experiência da privação de emprego.

Existem diversas formas de organização colectivas que orientam a mudança social no sentido do progresso social. A desigualdade é uma dessas formas que se tem vindo a agravar nos últimos 20 anos. Numa ponta da pirâmide encontramos os mais ricos e no extremo oposto os mais pobres. Porém, uma nova forma de desigualdade surgiu com a massificação do desemprego e a precarização das relações de trabalho, surgindo disparidades no seio das mesmas categorias sócio profissionais. Os indivíduos não têm já as mesmas oportunidades de emprego, ainda que o seu nível de qualificações seja semelhante, um possui um emprego estável e o outro alterna períodos de actividade e inactividade levando-o para o desemprego (a título de exemplo), esta diferença de situações leva a uma ruptura de solidariedades intracategorias e questiona a pertença colectiva. Em suma, num mesmo grupo social não encontramos objectivos comuns mas antes indivíduos abandonados a si próprios pela perda destas formas de participação colectiva.²⁶ Para Castel (in C.Dimens) As consequências desta transformação vão para além das desigualdades, tratando-se de processos de individualização ou de descolectivização que afectam a organização do trabalho. Se esta responsabilização pessoal e espírito de iniciativa por um lado pode liberar as coações colectivas e maximizar o desempenho dos indivíduos, muitos há que ficam aquém desta evolução. Esta situação por exemplo verifica-se com os desempregados de longa duração, a que Castel chama de

²⁶ Conceitos e Dimensões da pobreza e exclusão social, 2006;69

“inempregáveis”. Estes perdem a capacidade de acompanhar as transformações ocorridas no mercado de trabalho tornando os indivíduos em “excluídos”. Assim, os desempregados de longa duração são os que mais sentem dificuldades uma vez que parecem viver num ciclo vicioso entre trabalho precário e desemprego.²⁷ Referimo-nos à exclusão numa concepção negativa e abstracta dos fenómenos de dissolução social. Assim, o excluído é “qualificado pela ausência de inscrição nos circuitos habituais de trocas sociais”²⁸

O conceito torna-se mesmo demasiado vago para integrar todas as formas de exclusão, tratando-se de uma representação da população que é posta à margem da vida social e que “carrega uma parte da miséria do mundo”²⁹. Todavia, fica todo um universo de dimensões para analisar, que este conceito só por si não permite. É necessário reconstruir trajectórias que levam a estas situações limite. Desta perspectiva, a exclusão não é um estado mas antes um resultado.

Devemos tomar consciência ainda do carácter colectivo das dinâmicas de dissociação, uma vez que falar em “excluídos” sem ter em conta estas dinâmicas é dar como adquirido o abandono dos indivíduos a si próprios, esquecendo que eles vivem um destino colectivo. “A própria desqualificação social é uma dinâmica colectiva”³⁰ e desta forma o desemprego, a precariedade e o abandono podem sem dúvida ser vividos por aqueles indivíduos de forma isolada, mas também são experiências colectivas que exprimem o destino comum de alguns grupos sociais. Devemos evitar cair no erro de isolar o “excluído” na sua dimensão individual ocultando esta dimensão colectiva.

A exclusão está relacionada com a insatisfação, o mal-estar por todos aqueles que não vêem realizados os seus desejos, o que ambicionam para si próprios e para os seus próximos. Desta forma a exclusão teria uma carga subjectiva, apoiada em factos objectivos.³¹ Qualquer indivíduo ou grupo cria e pauta-se de acordo com regras mais ou menos explícitas e ao fazê-lo estabelece uma relação de diferenciação entre o eu, o nós e eles.

27 Desempregado à mais de um ano ou desemprego de muito longa duração, inscritos no Centro de Emprego à mais de 2 anos.

28 Ibidem; 70

28 Ibidem; 71

29 Ibidem; 71

30 Ibidem; 72

31 J.Estivill, 2006

Desemprego e trajectos de exclusão social

Castel estabelece quatro situações baseadas nas posições face ao trabalho assalariado e aos laços sociais, assim ele refere-se ao conceito de “desafiliação” por oposição à “afiliação” e “vulnerabilidade” em oposição a “não vulnerabilidade”. No entanto, antes deste exercício tipológico teremos de ter em atenção os processos de exclusão que se ancoram na sociedade produto da “deslocalização da produção, a segmentação do mercado de trabalho as diferenciações nos estatutos de trabalhador, e os contratos de trabalho precários, a diversidade de acesso a bens de consumo, aos equipamentos e serviços económicos, sociais, educativos, culturais e outros, e por fim à segregação urbana e espacial”.³² Esta última visível nos discursos dos entrevistados. Sentimentos de isolamento em relação à restante cidade comprovam esta exclusão espacial que refere o autor. Estes fenómenos permitem perceber a ligação entre a exclusão e o sistema de produção, que por sua vez nos permite fazer indigências entre o trabalho precário e um novo tipo de desemprego, o “desemprego de exclusão”. É este tipo de desemprego, segundo Estivill, que as políticas do trabalho e sociais tentam combater e que impede o acesso a inúmeros bens e serviços que se encontram à disposição dos indivíduos “incluídos” no sistema económico. Na base desta segmentação no interior do mercado de trabalho estão as desigualdades, que se traduzem na repartição dos recursos e da riqueza acumulada de forma desequilibrada. Em consequência disso o crescimento económico gera exclusão porque os resultados deste crescimento são monopolizados por determinados grupos. Esta desigualdade no mercado de trabalho tem repercussões nos trajectos profissionais dos indivíduos, que se pautam por uma instabilidade que terá consequências nos seus modos de vida. De um modo geral, todos os entrevistados ingressaram no mercado de trabalho (in) formal muito jovens, (*“Comecei a trabalhar com 13 anos no estuque, a dar serventia aos estucadores”*. E5.5-8) por necessidade ou por vontade própria. Trajectos marcados por constantes entradas e saídas do mercado de trabalho e por empregos instáveis (*Comecei a trabalhar numa fábrica de pneus, telefones, bombas de gasolina e construção civil e trabalhei em mais coisas mas foi pouca coisa*.E1.5-6). Assim, percebemos que actividades de fraca vinculação ao mercado de trabalho, acabam por traduzir aquilo a que Kovács (2005) designa de *armadilha do desemprego* a fraqueza de vinculação ao mercado de trabalho marca um círculo vicioso de emprego-desemprego-emprego desencadeado por trabalhos ligados ao mercado informal e que se caracteriza por mudanças frequentes de emprego (na sua maioria precários).

³² Ibidem; 118

Desemprego e trajectos de exclusão social

Quando confrontados sobre a área de emprego que procuram a resposta é comum, “qualquer coisa que apareça”, esta resposta demonstra o desespero e a consciência de que não possuem competências para aspirar a um trabalho qualificado.

Estes processos reproduzem-se no tempo e no espaço e tornam as vulnerabilidades do desemprego em consequências do desemprego tornando-se assim um processo cumulativo e cíclico. Estes trajectos profissionais fragmentados ligados ao desemprego de longa duração acabam por criar dependências das instâncias de apoio e propiciam modos de vida tipificados nos bairros em estudo.

Deste modo, chegamos às vulnerabilidades intrínsecas, ou seja, às vivências subjectivas do desemprego que se traduzem nas percepções e contextos de desemprego.

Viver para o presente será talvez um dos elementos mais marcantes nas experiências do desemprego (*“Eu vivo o dia-a-dia, saio daqui nem sei o que me acontece...”*E6). A privação financeira é aquela que assume maior destaque: consome-se menos, abdica-se de algumas coisas, corta-se ao máximo as necessidades indispensáveis, enfim vive-se de forma a ganhar para o dia-a-dia, sem perspectivas de futuro. (*“O meu futuro para mim é o dia-a-dia (...) coisa vai-se complicar se isto está assim tão mal agora não vejo grandes perspectivas”*E1.115118)

As aspirações destes desempregados limitam-se à sobrevivência diária, à tentativa de sustento diário de si e das suas famílias (*“A gente come pouco à hora de almoço e guardamos um pouco para a hora de jantar”*E8.233-324) As rotinas diárias mostram estas vivências descontextualizadas dos indivíduos empregados. O seu dia-a-dia passa pelo isolamento no espaço doméstico, actividades ocupacionais como forma de “matar o tempo” e ajudar a família. No que concerne à avaliação do eu, a percepção que os entrevistados têm da sua condição liga-se a sentimentos de desvalorização. Neste ponto as opiniões divergem, variando de indivíduo para indivíduo. Nenhum se sente discriminado pelos olhares exteriores, já a visão que têm de si próprios é mais negativa, e despoleta sentimentos de angústia e inutilidade (*“Sinto-me uma inútil”*E8.83), No entanto, um dos entrevistados refere-se ao desemprego como um aspecto positivo, na medida em que lhe permitiu apoiar de perto os seus entes mais próximos que se encontravam com problemas de saúde. (*“Não me sinto inútil. Há males que vêm por bem. Eu se não me tivesse acontecido isto não tinha dado apoio à minha mãe, a minha mãe não tinha recuperado tanto. Epa eu senti-me bem, ela também tratou de mim.”*E3.186-189). De facto este entrevistado adquire algum relevo relativamente aos restantes, na

medida em que as suas vivências, ainda que dificultadas pelo desemprego, comparativamente aos outros entrevistados adquirem contornos não menos agonizantes uma vez que o seu subsídio de desemprego é bastante elevado. Esta situação deve-se também ao facto de ser o único entrevistado que se manteve mais tempo no mesmo posto de trabalho antes de ficar desempregado. (*“Eu trabalhava, antes numa multinacional, a Ives Rent-a-Car, durante 30 anos”*E3.11-12).

O desemprego de longa duração, surgiu como uma nova variável durante a análise das entrevistas. É visto aqui como uma vulnerabilidade extrínseca como podemos verificar na Ilustração 6, tendencialmente tem vindo a aumentar ao longo dos anos, situação que se verifica também, especificamente no espaço-laboratório em análise. Na realidade a maioria destes desempregados encontra-se na faixa etária entre os 39 e os 55 anos. O que os entrevistados tendem a realçar é a escassez de oportunidades no mercado de trabalho, agravado ao factor idade, este é percepcionado como o principal obstáculo ao ingresso no mercado de trabalho principalmente para os indivíduos que já ultrapassaram um determinado patamar etário. Estes factores não só aumentam as incertezas, como se verifica nas entrevistas, como limitam as opções de saída. Neste sentido compreendemos a dificuldade dos entrevistados em manter a motivação para a procura de emprego na medida em que se sentem discriminados relativamente à idade. (*“As pessoas é que olham para mim, já tenho 45 anos, aí é que sou mais discriminado...”* Ent.3, L.263). A idade é para muitos dos entrevistados motivo de frustração uma vez que nada podem fazer para combater este estigma. É paralelamente o factor que prolonga o período de desemprego. Principalmente quando se fala em emprego de muito longa duração (mais de 25 meses).

A tendência vai no sentido da diminuição do número de colocações com o aumento da idade, sendo que as entidades competentes para o efeito nem sempre os “conseguem” reinserir no mercado de trabalho. Distinguindo-se assim dos restantes utentes mais jovens que não enfrentam certos factores que acrescem à dificuldade em procurar emprego. Continuam, no entanto, a desenvolver estratégias de resolução tendo em vista a possibilidade de encontrar “qualquer coisa”, (*“Ando à procura. Continuo à procura. Não estou parado, acredite. Não estou parado.”* ENT.3, L.318.)

Todavia, o factor idade agrava-se, enquanto obstáculo à procura de emprego, quando conciliado à estrutura das habilitações dos utentes dada a relação tendencial de proporção inversa entre nível de escolaridade e faixa etária. No entanto, quer os mais jovens quer os mais velhos, possuem um traço comum no que concerne aos baixos níveis de habilitações,

uma vez que, as taxas de abandono escolar nesta população são altas. Devido a dificuldades económicas no seio familiar, ou por opção própria, largaram os estudos demasiado cedo para ingressarem no mercado de trabalho. (*“Muito novinha, a minha mãe morreu tinha eu 16 anos, eu acho que era 10 ou 12 anos já estava trabalhar.”*) Ent.2 L.8

Da percepção dos próprios entrevistados para além da idade, abdicar do *saber fazer*, resultado de anos de experiência, parece ser outra dificuldade difícil de ultrapassar nas faixas etárias mais avançadas. Têm noção de que a experiência de trabalho adquirida ao longo da vida, conseguida em trabalhos distintos mas sempre na mesma área ou num emprego fixo, pode tornar-se inútil num mercado cada vez mais exigente e em constante transformação. (*“sabe como é que eu dizia na engenharia civil? Quando andavam lá os engenheiros e perguntava qual era a pressão da quantidade de material que a gente fazia...do estuque e eles são os técnicos...são os técnicos e eles ainda hoje estão pa saber...quem sabe somos nós”* Ent.5, L.386).

A origem da família dos desempregados também assume importância na medida em que as famílias nem sempre conseguem apoiar este flagelo de um dos seus elementos. Na realidade verifica-se a existência de mais do que um desempregado numa família. Sendo até comum casos em que as situações de desemprego se reproduzem no tempo. (*“Não, estão desempregados. [os filhos] Eles também tão à procura de emprego.”* E8.225).

As dificuldades económicas são factores que podem ser uma variável de efeito ou consequência. Os discursos, susceptíveis a sofrer enviesamentos por parte dos desempregados, são discursos de trajectos de vida marcados por dificuldades que os afectam a nível doméstico e nas necessidades mais básicas. Os cortes nos consumos supérfluos são aceites como normais (*“Concerteza, antigamente ia almoçar fora, agora meto a mesa na varanda e almoço fora...”* E3.136.137), no entanto, a situação agrava-se quando os apoios não chegam para cobrir as despesas, rendas de casa em atraso para pagar, despesas de saúde, água e luz. Os que têm menores a seu cargo sentem a sua situação agravada com as despesas na educação. (*Há um ano que não pago a renda de casa. De água nem quero falar* E6.155-157); (*Aquele dinheiro, o rendimento não dá para nada. (...) Para quem tem crianças em casa não chega.* E7.111/115)

Por fim, quando confrontados com a questão sobre a vivência no bairro como um obstáculo para a inserção no mercado de trabalho os entrevistados não consideram este facto como um impedimento. Assumem este espaço como um lugar de fechamento e isolamento,

tendo noção de que vivem num bairro problemático e de população carenciada. No entanto não impede uma afeição a este espaço não o vendo como impedimento para a inserção no mercado de trabalho. Muitos moram naquele local há vários anos o que demonstra que não encaram como possibilidade vir a sair do bairro com o objectivo de procurar melhores condições de vida. Sabem no entanto, como referido, que as oportunidades ali são limitadas. Por outro lado, as rendas baixas, as possibilidades de atrasos nas rendas aliado ao facto dos senhorios não assumirem responsabilidades nas obras que eventualmente as casas precisem fazer com que estes habitantes prefiram a periferia ao centro da cidade onde as suas oportunidades de vida poderiam ser mais elevadas. E mesmo aqueles que aspiram a um dia sair do bairro não negam a sua afeição por aquele espaço. *(Eu gostava de tar aqui na serra, mas a gente tem de mudar de sítio para colaborar (conviver) com outras pessoas para conhecer outras pessoas, para falar com outras pessoas, talvez que tenham mais influência.* E8.155-158). Este é um espaço estigmatizado pelos que estão de fora não por quem lá vive.

Estivill refere ainda que a segregação espacial é outro factor gerador de exclusão, na medida em que um bairro na periferia da cidade não participa de igual forma neste crescimento. “ (...) *é assim as pessoas que “olham” os bairros desvalorizam as pessoas dos bairros. Por uns pagam todos.* E10.203-204) As populações dificilmente poderão sair destes “espaços-circuitos de exclusão”, exceptuando os mais activos a quem resta imigrar, como podemos verificar nas entrevistas. Muitos dos utentes referiram ter trabalhado no estrangeiro na esperança de obterem, no seu regresso, melhores condições de vida. Muitas vezes quem emigra não são os “mais excluídos”, nem os mais pobres mas sim aqueles que já têm uma tradição emigratória na família. “ (...) *Porque daí tenho corrido vários países, desde a idade dos 23 anos, sempre a trabalhar na minha arte.*” E5.26-27) Esta situação verifica-se também, na perspectiva contrária, os imigrantes do ponto de vista do país de acolhimento são considerados muitas vezes como pobres e/ou excluídos. *(“Eu lá em Angola comecei a trabalhar com 15 anos, nunca precisei de apoio. Agora nós estamos inscritos há 5 meses e não nos chamaram, se tivermos a trabalhar também já não precisamos”.* E10). Quando chegam correm o risco de se encontrar numa situação de precariedade (em relação ao nível de vida do país) e de serem excluídos porque não falam o mesmo idioma, não possuem os mesmos costumes, nem os mecanismos ou códigos culturais de inter-relacionamento. Este não é, no entanto, o tema central para discussão.

As solidariedades, a par dos regimes de apoio assumem uma elevada importância, não só por muitas vezes serem o único meio de sustento destes indivíduos mas porque se criam

dependências que se traduzem em atitudes de resignação. As lógicas de acção e mediadores de compensação, assumem um papel de estratégias de superação e resignação do desemprego.

O regime de protecção nos países da Europa do Sul é um regime subprotector, com níveis de protecção reduzidos aos quais é de esperar experiências de maiores dificuldades financeiras. Na verdade, os utentes desempregados sobrevivem com subsídios de desemprego, ou o RSI, de níveis mínimos que não garantem o sustento das necessidades mais básicas, principalmente nas famílias mais numerosas. Outro factor de regulação social reporta-se à protecção de carácter societal, as solidariedades familiares e de proximidade (vizinhança), que se baseia, por sua vez, no grau de integração social dos desempregados, que pode levar a rupturas com as redes de apoio passíveis de conduzir ao isolamento e dificultar o acesso a diversas formas de apoio. Assim a estrutura familiar terá efeitos decisivos relativamente à protecção dos desempregados, no que concerne às responsabilidades e funções atribuídas à mesma. O que se verifica muitas vezes na população em análise é que (tal como abordado anteriormente) as famílias dos desempregados mais não fazem (excepto um dos casos) do que acentuar as desigualdades, uma vez que o elemento desempregado era o “ganha-pão” da casa. Como casos ilustrativos dos dois “pólos” podemos observar a entrevista 4 em que o entrevistado vive sozinho (*“e a minha família também me ajuda”*L.28), caso que escapa à tendência, e observar o caso da entrevista 10, sendo que neste caso este desempregado não pode contar com a ajuda dos que lhe são mais próximos, (*“...os meus irmãos estão piores que eu.”*L.69). Esta capacidade diferenciada das famílias para assumir as suas responsabilidades traduz-se numa inoperância da sociedade-providência. (Hespanha e Portugal, 2002).

As expectativas dos entrevistados ao nível dos mecanismos de protecção institucionais assumem grande relevo, na medida em que apesar de haver uma heterogeneidade nos percursos institucionais encontramos alguma unanimidade na avaliação (frequentemente negativa) e expectativas dos desempregados em relação aos serviços prestados quer pelo CLDS, quer pelas compensações sociais oferecidas pelo Estado. Nestes percursos institucionais o acesso ao subsídio de desemprego e ao RSI (antigo rendimento mínimo garantido) são os apoios com maior expressão entre os desempregados. Estes rendimentos fixos assumem a função de actividades de substituição. No entanto, nem todos preenchem os requisitos necessários para beneficiar do subsídio de desemprego pelo que recorrem ao RSI como garantia mínima de subsistência. Os valores variam em função do último emprego que por norma não deixa margem para valores muito elevados, tal como o RSI (prestação de apoio temporário) o que faz variar a avaliação dos entrevistados. Como exemplo, no caso da

entrevista 3, o entrevistado prefere manter o subsídio de desemprego a inscrever-se num part-time.

As críticas dirigidas a estes subsídios aplicam-se também aos apoios oferecidos pelo centro variando porém no tipo de serviços prestados. (*“Apoio social negativo. Procura de emprego também...” Ent.9 L.329*).

A primeira questão a ser colocada aquando das entrevistas previa o cruzamento da variável emprego com a protecção social e chegámos à seguinte tipologia: indivíduos que não têm trabalho e recebem algum tipo de subsídio (de desemprego, RSI), indivíduos que trabalham no sector informal, trabalhos precários sem qualquer protecção e na maior parte dos casos, e os mais graves, utentes que não trabalham e não possuem qualquer tipo de protecção.

Podemos verificar na entrevista 3 que o utente recusa propostas de trabalho, uma vez que não arrisca a estabilidade das prestações de apoio ao desemprego por um regresso ao mercado de trabalho com condições precárias. Conjuntamente, nos casos de desemprego de longa duração as expectativas desvanecem-se o que leva a tentativas de maximizar o período de abrangência destas protecções. Os mecanismos institucionais parecem confirmar e aceitar esta atitude, limitando-se ao cumprimento das obrigações legais não procurando resolver efectivamente as situações em que se encontram estes indivíduos. Estas estratégias desenvolvidas pelos desempregados parecem assumir uma dupla vertente, são estratégias de resignação na medida em que tentam maximizar os subsídios e ao mesmo tempo de superação na medida em que desenvolvem acções com vista à inserção no mercado de trabalho.

As actividades de substituição/ocupação, ocupam o lugar do mercado, consistindo estas num leque de actividades que não se restringem aos esforços individuais nem às probabilidades de retorno ao mercado de trabalho, sendo portanto susceptíveis de dar conta de estratégias individuais de reacção desenvolvidas pelos sujeitos perante a privação do trabalho. Desta forma, o tempo de desemprego não se traduz, necessariamente, num tempo vazio, permitindo olhar para o lado activo dos desempregados (Capucha 2000). Esta actividade depende das margens de manobra dos indivíduos no espaço social o qual marca as possibilidades e as limitações. Assim, muitos utentes utilizam os serviços prestados pela instituição, desenvolvendo actividades com vista a futura integração no mercado de trabalho (aumento das habilitações, como os cursos de RVCC, aulas de informática, cursos profissionais). Outros promovem actividades que decorrem à margem do mercado de trabalho como a prestação de serviços dentro e fora do agregado doméstico (biscates, tomar conta de

crianças, cozinhar para fora, ajudar os vizinhos). Promovem ainda trabalhos precários, com contractos a termo incerto que os levam a uma instabilidade profissional que não garante o seu sustento. (*"...eu acho que acaba por ser prejudicial, as pessoas habituem-se a trabalhar assim, não descontam, ganham mais mas também quando não têm é mais prejuízo para o Estado. Tanta gente que eu vi... Cheguei a trabalhar às vezes 5, 6 meses em obras e pronto e recebia bruto, mas depois ficava também 6, 7 meses sem nada". Masc., 32 anos*). A economia informal não inclui só transacções monetárias clandestinas, mas também outras formas de auto-produção ou sustento que os indivíduos desenvolvem. Paralelamente promovem actividades que se traduzem num investimento de e sobre si, tal como o investimento na formação o qual abre a possibilidade, *a priori*, de novas formas de emprego distintas daquelas que até então realizavam. Sendo uma população de baixas habilitações, iniciativas deste tipo demonstram uma mudança de atitude face às situações de acomodação que se verificam nesta população. O incentivo por parte dos técnicos sociais para o desenvolvimento não só ao nível da formação pessoal mas também qualificante é uma constante. Assim, estes indivíduos, muitas vezes por mérito próprio, outras porque são encaminhados, frequentam acções de formação, formações para melhorar algumas competências (os cursos em TIC) e por último o aumento das habilitações. (*"...o RVCC estou a tirá-lo (...) e agora o Pedro falou-me, que eu tava inscrito à noite, para o curso de folha de calculo em Excel, que eu sou um bocadinho fraco em Excel. Ele agora falou-me que tão a decorrer e ele vai-me inscrever."*E3.)

Dos factores intrínsecos de vulnerabilidade, enquanto obstáculos à reinserção profissional, encontramos uma série de condicionantes que desfavorecem estes indivíduos, são eles: a idade, os baixos níveis de habilitações, os seus percursos de vida já de si carenciados, e as baixas aspirações. Estes, conjuntamente ligados aos factores extrínsecos, o desemprego generalizado, a situação do mercado actual e o contexto físico fragilizado são potenciais factores de exclusão na vida dos indivíduos. Não podemos ver este processo como um processo fechado. Estas diferentes dinâmicas assumidas pelo desemprego interferem nos modos de vida dos sujeitos deixando-os em risco de exclusão social como um todo, mas ao mesmo tempo excluindo-os a níveis mais específicos. A instabilidade que parece permanecer em torno da vida destes desempregados não lhes permite um emprego qualificado que por sua vez lhes permita um nível de vida de qualidade.

VIII. Conclusão

O desemprego estrutura-se num “tempo-espço” diferente daquele que assume o trabalho e neste sentido traduz-se em rupturas nas trajectórias sócio-profissionais com diferente graus de impacto na vida pessoal, colectiva e institucional dos indivíduos. A sucessão de rupturas e privações resultante do desemprego levam a uma degradação (na maior parte das vezes a um agravamento) do nível de vida, um afastamento da vida social e a uma dependência dos apoios institucionais, efeitos que podem acumular-se e provocar situações de pobreza extrema e exclusão social.

A exclusão social abrange formas de privação não só materiais, a falta de recursos sociais, políticos, culturais e psicológicos enquadra-se neste conceito. A vivência da exclusão está associada a diferentes situações pelo que se torna possível falar de diferentes tipos de exclusão social. Estes tipos de exclusão caracterizam-se um peso desigual nos diferentes tipos de “handicaps”, tais como a exclusão do mercado de trabalho ou precariedade de inserção no mesmo, baixos níveis de qualificações e rendimentos, carências habitacionais, fraca participação social e entre outros. O que pudemos verificar com este estudo é que em contextos individuais e/ou colectivos carenciados o problema do desemprego só vem agudizar as situações de exclusão que podem abranger diferentes dimensões da vida do indivíduo. (Rodrigues et al, 2000b: 69-70) A família assume particular destaque no apoio aos desempregados, quando não articulada com os apoios promovidos pelos meios de reparação estatais parece acentuar a dependência relativamente ao Estado social sobre o estado sub-protector, na medida em que ele torna legítimo a dependência dos desempregados às protecções. Esta dependência das solidariedades e dos regimes de apoio surtem um duplo efeito, por um lado servem como incentivo á busca de melhores condições de vida mas por outro perpetua uma certa passividade resultante da dependência desses mesmos apoios.

Após testemunhar e vivenciar de perto esta crise social, mas ao mesmo tempo partindo de uma perspectiva interna ainda assim não subjectiva creio que não existindo uma definitiva solução para este problema existem no entanto soluções parciais que poderão minimizar o impacto negativo na vida dos indivíduos afectados. Assim, entendo que tais soluções deverão ter o seu ponto fulcral na própria interacção com o indivíduo, ou seja para evitar casos de abuso do sistema a casos em que o sistema não forneça a resposta adequada às necessidades dos actores sócias, será necessário acompanhar mais de perto as trajectórias destes. Pois só um íntimo conhecimento das dificuldades reais (e não as muitas vezes “inflacionadas” dificuldades que os indivíduos mencionam diluindo a urgência dos casos de

graves necessidades reais) poderá conduzir a uma distribuição de recurso, quer humanos quer monetários que se demonstre o mais eficiente possível por forma a, com os recursos disponíveis, oferecer a mais cuidada resposta a este drama social. É desta forma, através da adaptação concreta às necessidades e transformações dos micro-territórios alvo de intervenção, que creio que as macro políticas sociais encontrarão a sua expressão de funcionamento máximo. O próprio estágio serviu como claro exemplo do acima exposto, sendo na interacção mais pessoal que foi possível constatar a ainda ineficaz alocação de recursos, e assim visualizar uma das parciais soluções para minorar os problemas sociais derivados (e que contribuem por sua vez para) do desemprego.

Ao longo deste relatório utilizou-se (tal como no terreno) uma perspectiva de intervenção, sendo que este processo seguiu as etapas “clássicas” deste método. Assim, a um pedido por parte de um “sistema-cliente”, neste caso o Estado, assumi um papel interventivo procurando através do método sociológico (de intervenção) oferecer o meu contributo para a resolução deste problema, quer numa perspectiva micro, nos bairros em análise (procurando influenciar positivamente as vivências destes indivíduos no desemprego) quer numa perspectiva macro, sendo este trabalho a tentativa de auxílio no diagnóstico de problemas sociais e de monitorização das políticas de intervenção. Este trabalho pretende ainda ser um impulso para o de futuros estudos na área.

IX. Bibliografia

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70

Barreto, António, *A situação Social em Portugal, 1960-1995*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1996

Bertaux, D., *Les récits de vie*, Paris, Nathan, 1997

Bourdieu, Pierre, *O Poder Simbólico*, Lisboa: Difel, 1989

Bruto da Costa, Alfredo et al “Um olhar sobre a pobreza - Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo”

Carmo, Hermano, *Desenvolvimento Comunitário*, 2ª edição, Universidade Aberta, 2007

Casimiro B., Boneti L.W., Soulet M.R., “Conceitos e Dimensões da Exclusão Social”, Uma abordagem transnacional, Unijuí, 2006

Castel, Robert (1991), "De l'indigence à l'exclusion, la désaffiliation.", in DONZELOT, J., ed., *Face à l'exclusion, le modèle français*, Paris, Esprit.

Castel, Robert - *As metamorfoses da questão social – uma crónica do salário*, Editora: Vozes 1999

Castel, Robert - *L'insécurité sociale*. Paris : Seuil, 2003

Clavel, Gilbert, “A sociedade da Exclusão”, Compreendê-la para dela sair; Coleção Educação e Trabalho Social, Porto Editora, 2004

Durkheim, Emile, *La division du Travail Social*. Paris, PUF, 1978

Desemprego e trajectos de exclusão social

Gallie, Duncan e Paugam, Serge, “Welfare Regimes and the Experience of Unemployment in Europe”, Oxford University Press, 2000

Hespanha, Pedro; Portugal, Sílvia, *A transformação da Família e a Regressão da Sociedade-Providência*. Porto: Comissão de Coordenação da Região Norte, 2002

Hill, M. M., Hill, A., *Investigação por questionário*, Lisboa, Ed.Sílabo, 2000

Marques, Ana Paula, *Trajectórias Quebradas*, Ed. Profeedições/CICS-UM, 2009

Kovacs, Ilona- *Revista Pública*, 2005

Marx, Karl, *Manuscritos económico e filosóficos*. Porto, Brasília, 1971

Observatório do Emprego e Formação Profissional, in Relatório “Aspectos estruturas do mercado de trabalho 2009

Paugam, Serge, *A desqualificação social - ensaio sobre a nova pobreza*, Porto Editora, 2003

Paugam, Serge, *Les Formes Contemporaines de la Pauvreté et de l'Exclusion. Le Point de Vue Sociologique, Génésis*, Petrópolis: Editora Vozes.*Salariat*, Paris, Fayard, 1998

Poirier, Jean et al, *Histórias de Vida*, Oeiras, Ed. Celta,1999

SILVA, Augusto S. & PINTO, João Madureira (1986). *Uma visão global sobre as Ciências Sociais* (10ª edição de 1999). Porto: Edições Afrontamento, pp. 9-27.

Artigos e Revistas:

Análise Social, vol. XXI (87-88-89), 1985,3-º,4-º-5-º, 925-943

Capucha, Luís, *Territórios de pobreza onde é preciso voltar. Sociedade e Território*, nº30, p.8-15

Desemprego e trajectos de exclusão social

Ciências Sociais. In A. S. Silva & J. M. Pinto (orgs.), Metodologia das Ciências

Civitas – Revista de Ciências Sociais v. 4, nº 1, jan.-jun. 2004)

Sites e directórios:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223479193I9kKF4jx8Yk14UL2.pdf>

<http://pt.shvoong.com/social-sciences/political-science/1807877-pol%C3%ADticas-sociais-fundamentos-hist%C3%B3ria/>

http://clds-vs.ccparoquial-famoes.org/?page_id=2

Outros:

Dossier de Caracterização do CLDS

Diagnóstico social 2008

Plano Nacional para a Inclusão (PNAI), 2008-2009, como aprovado no Comunicado do Conselho de ministros de 13-09-2009.

X. Anexos - Índice tabelas, gráficos, quadros

Anexo I

Tabela 1 – Nacionalidade dos Inquiridos por bairro

Nacionalidade	Concelho Odivelas 2001 (NERSCO, 2005)	Vale do Forno	Encosta da Luz	Quinta do Zê Luís	Serra da Luz	Quinta das Arrombas	Total
Angolana	4.2%	2.8%	6.0%	1.9%	2.0%		3.0%
Brasileira	0.6%	6.8%	3.0%		2.0%		3.1%
Cabo Verdiana	0.9%			5.8%	1.4%		1.0%
Gâmbia	-	1.1%					0.3%
Guineense	-	1.1%	4.2%		1.7%		2.0%
Indiano	-	0.6%					0.1%
Moçambique	1.7%	1.1%					0.3%
Moldávia	-			3.8%			0.3%
Portuguesa	89%	81.8%	86.8%	88.5%	87.0%	100.0%	86.1%
Romena	-	1.1%			4.8%		2.5%
S. Tomense	-	1.1%			1.1%		0.8%
Ucraniana	-	1.7%					0.4%
Zaireense	-	0.6%					0.1%
Outra	3.8%						
Total		100%	100%	100%	100%	100%	100%

Ilustração 1 – Tipologia dos Alojamentos

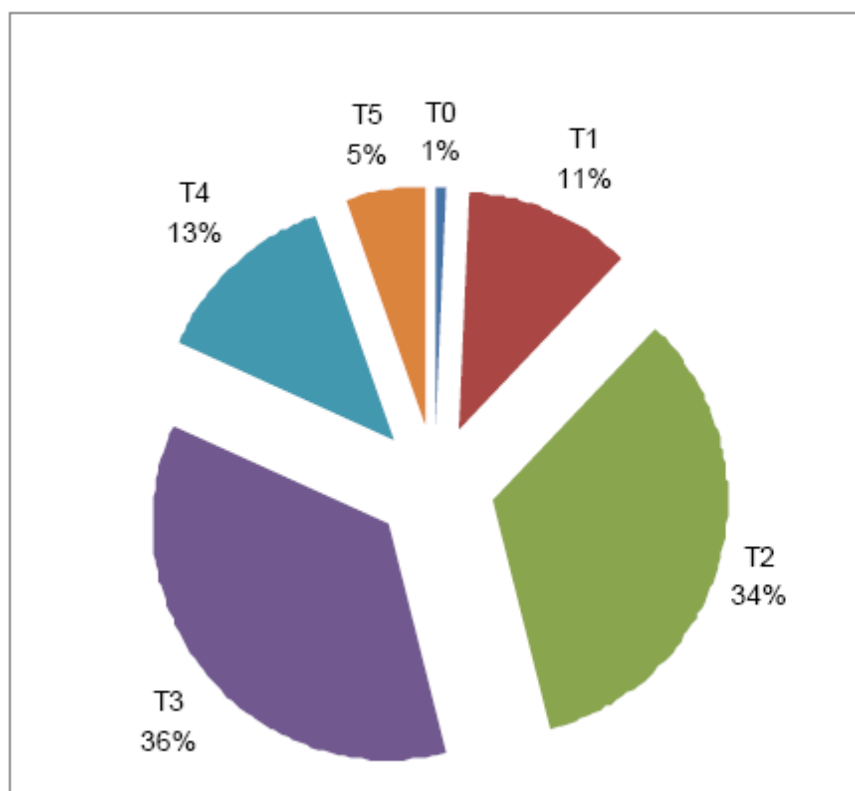
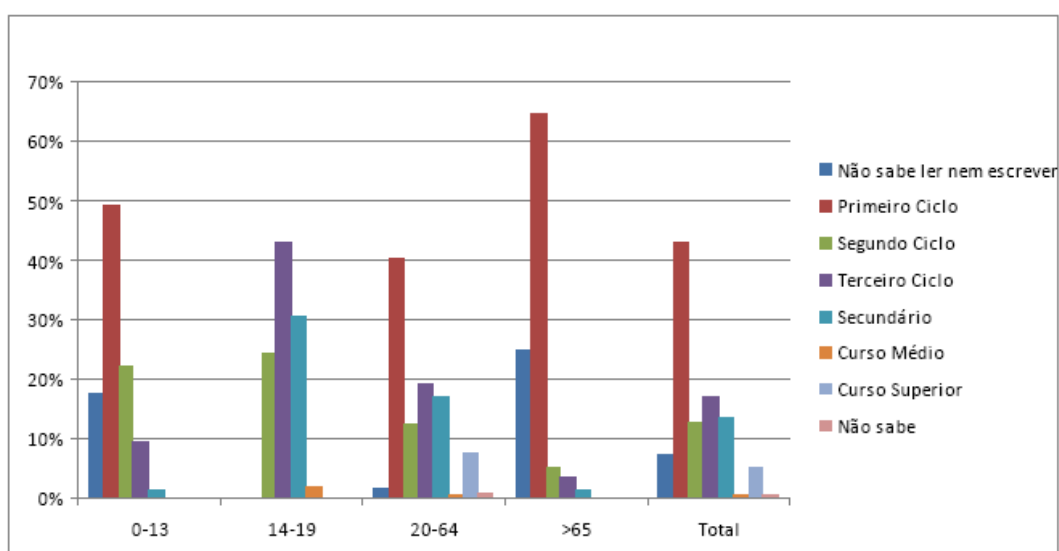


Ilustração 2 – Habilitações literárias segundo escalões etários



Desemprego e trajectos de exclusão social

• Ilustração 3 – Condição perante o trabalho (população activa)

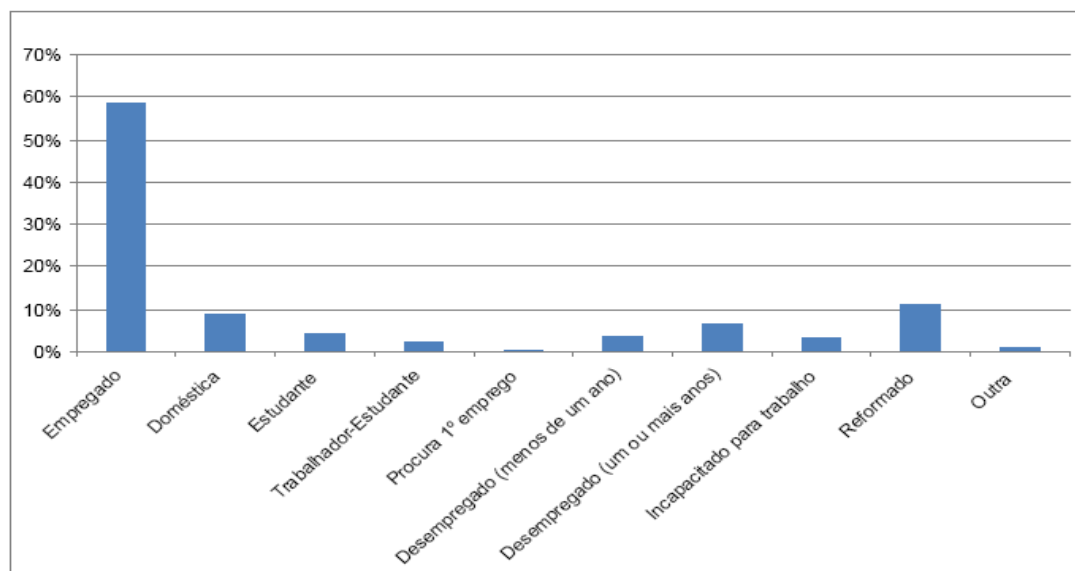


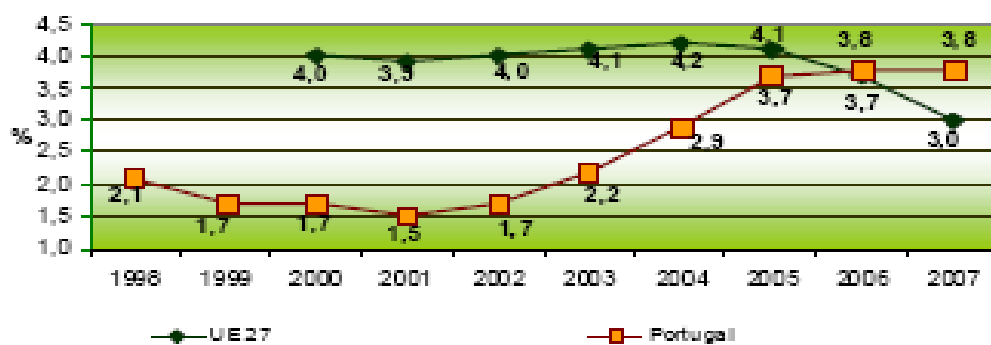
Tabela 2 – Tipo de profissão segundo o grau de escolaridade

	Não sabe ler nem escrever	Primeiro Ciclo	Segundo Ciclo	Terceiro Ciclo	Secundário	Curso Médio	Curso Superior	Não sabe
Quadros Superiores e Dirigentes	0%	20%	0%	20%	20%	0%	40%	0%
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	0%	27%	7%	0%	27%	0%	40%	0%
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	0%	25%	13%	38%	13%	0%	13%	0%
Pessoal Administrativo e Similares	6%	24%	0%	24%	29%	6%	12%	0%
Pessoal dos Serviços e Vendedores	0%	16%	8%	39%	32%	0%	5%	0%
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	0%	50%	0%	50%	0%	0%	0%	0%
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	2%	35%	19%	26%	17%	0%	2%	0%
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	0%	36%	0%	32%	32%	0%	0%	0%
Trabalhadores não Qualificados e domésticos	2%	47%	16%	11%	20%	0%	2%	1%

Tabela 3 – Proveniência dos rendimentos

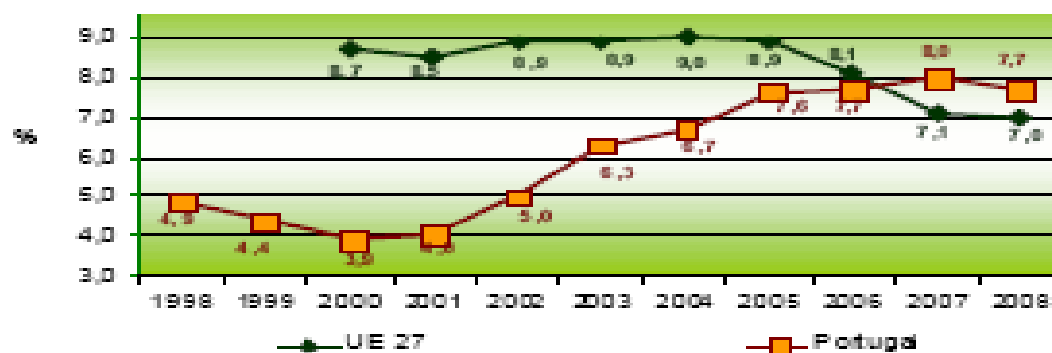
Proveniência dos Rendimentos	
Trabalho Fixo	50%
Trabalho Temporário	6%
Trabalho Ocasional	3%
RSI	1%
Subsídio de Desemprego	2%
Pensão de Reforma	33%
Outros	6%

Ilustração 4 Taxa de Desemprego de Longa Duração (% de população activa)



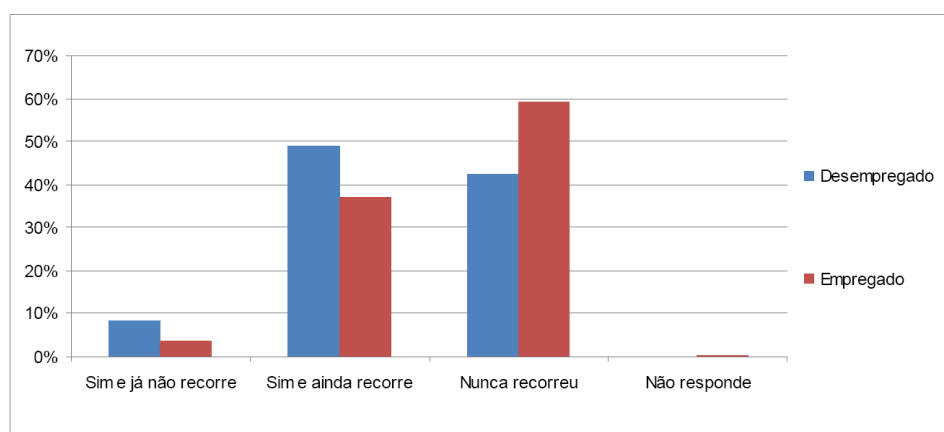
Fonte: Comissão Europeia, *Employment in Europe 2008 – Statistical Annex*

Ilustração 5 – Taxa de Desemprego



Fonte: EUROSTAT, *Labour Force Survey*

Ilustração 6 – Recurso ao Banco Alimentar



Desemprego e trajectos de exclusão social

Ilustração 7 - Beneficiários de Banco Alimentar de acordo com a situação profissional

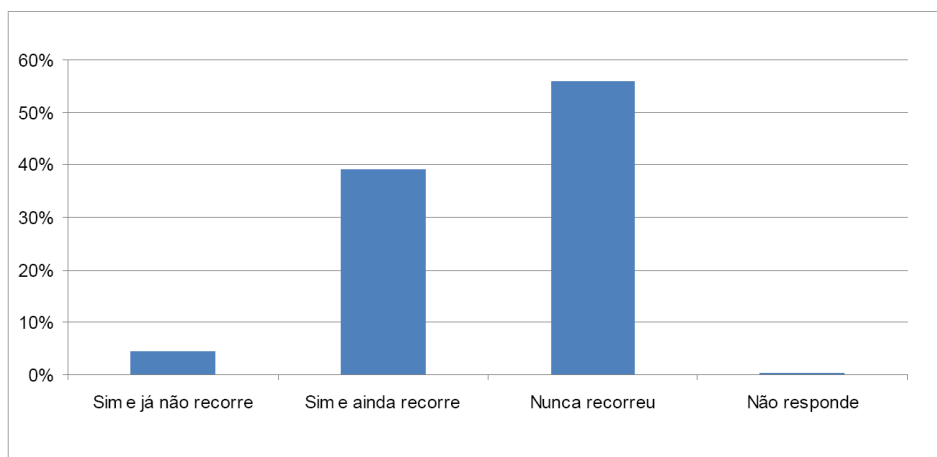
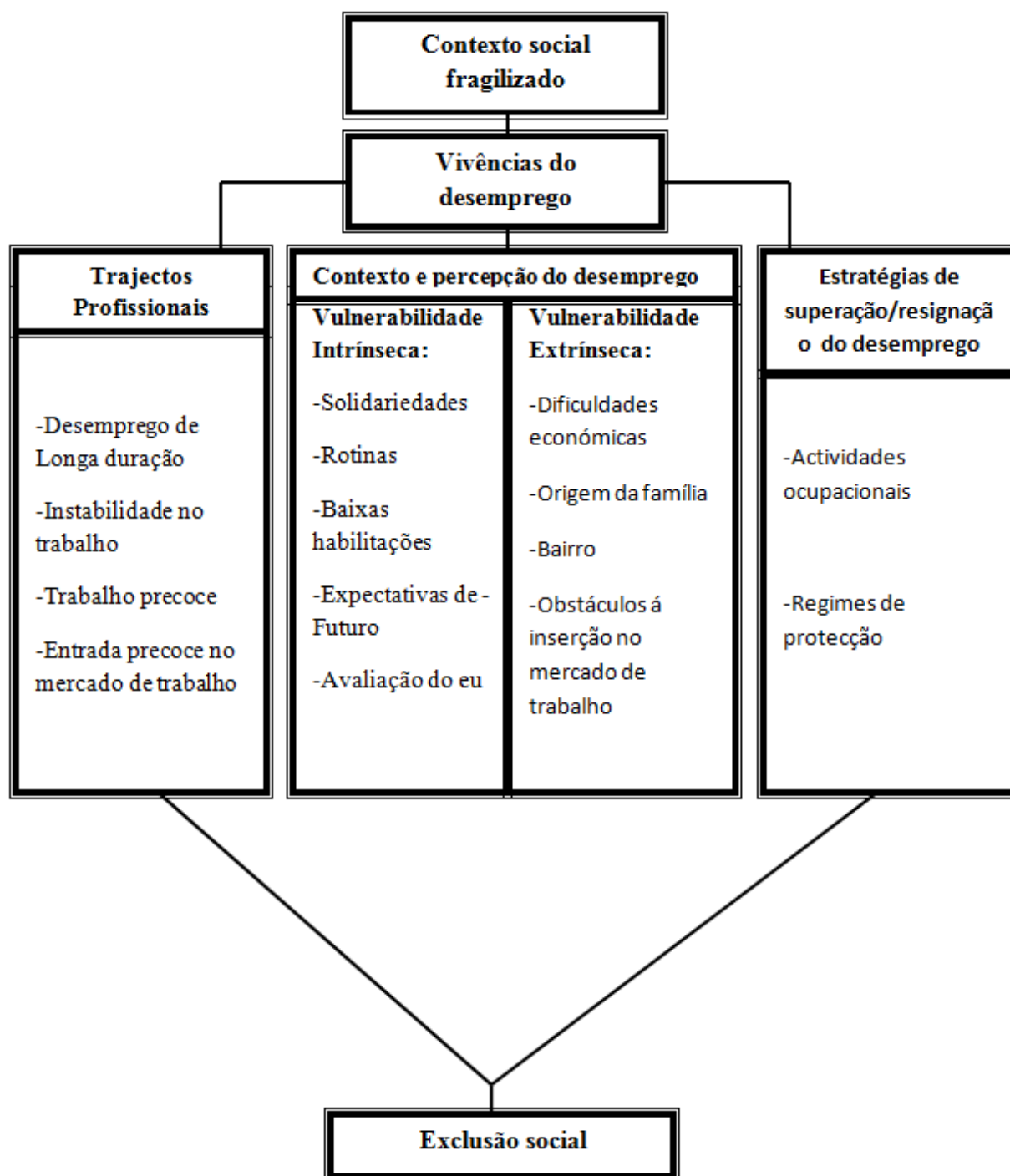


Ilustração 8 – Estratégias de Combate às experiências do desemprego

Estratégias de combate às experiências do desemprego													
Sexo	Idade	Tempo de desemprego	Actividades informais (Biscates, prestação de serviços)	Subsidio Desemprego	RSI	Inscrito no Centro de Emprego	Investimento nas Qualificações (cursos profissionais, outros)	Procura activa de emprego (no CLDS, o próprio)	Redes de Solidariedade (família, vizinhos)	Apoio Social CLDS	Criação próprio emprego	Actividades Ocupacionais (rotinas de desemprego)	Resposta de emprego em espera
M (E1)	50	5 Anos											
M (E9)	51	8 Meses											
M (E3)	45	15 Meses											
M (E10)	32	24 Meses											
M (E5)	47	4 Anos											
F (E6)	49	12 Meses											
F (E7)	43	2/3 Anos											
F (E8)	50	2/3 Anos											
F (E2)	48	7 Meses											
F (E4)	25	24 Meses											
			Activas	Passivas	Activas			Passivas	Activas				

Inscritos no CLDS

Ilustração 9 – Análise Estrutural



Anexo II

Escolha dos temas para análise de conteúdo

NOTA: os dados presentes neste relatório são referentes à data do estágio

Trajectórias profissionais: neste ponto pretende-se perceber os percursos profissionais dos desempregados. Os diferentes trabalhos que exercem e que se traduzem em instabilidades no mercado de trabalho; idade com que entraram para o mercado de trabalho e último emprego.

Origem da família: perceber os antecedentes e a situação doméstica dos entrevistados, uma vez que já se poderiam verificar alguns problemas na família que se agravaram com o desemprego de um dos elementos da mesma.

Solidariedades: Redes de apoio individuais (família, amigos, vizinhos)

Avaliação do eu: sentimentos/sentidos consequentes das vivências do desemprego

Expectativas de futuro: representações do futuro

Dificuldades económicas: salientar as alterações nos modos de vida dos indivíduos em contexto de desemprego.

Dependências dos regimes de apoio: apoios estatais solicitados pelos utentes de forma a colmatar carências monetárias

Rotinas de desemprego: neste ponto pretende-se perceber o dia-a-dia da vida dos desempregados

Procura activa de emprego: recursos mobilizados para o (re)ingresso no mercado de trabalho (estratégias de procura, investimento na formação)

Obstáculos à inserção no mercado de trabalho: dificuldades com que os indivíduos encontram na procura de emprego

Satisfação do CLDS: nível de satisfação para com os serviços da instituição

Temas	Análise de conteúdo	Linhas
Trajectórias profissionais	<ul style="list-style-type: none"> Comecei a trabalhar numa fábrica de pneus, telefones, bombas de gasolina e construção civil e trabalhei em mais coisas mas foi pouca coisa. Foi nas bombas de gasolina. [último emprego] Trabalhei nos telefones 16 anos. [o mais longo] 	E1.5-6 8 12
	<ul style="list-style-type: none"> [começou a trabalhar] Muito novinha, a minha mãe morreu tinha eu 16 anos, eu acho que era 10 ou 12 anos já estava trabalhar. ...andei na Feira Popular, não sei se conhece, nos restaurantes, nos divertimentos e tudo... pronto trabalhei lá 15 anos. Trabalhei na copa. Trabalhei numa lavandaria aqui 4 anos... [último emprego] 	E2.6-7 11 13
	<ul style="list-style-type: none"> Eu trabalhava, antes numa multinacional, a Ives Rent-a-Car, durante 30 anos... 	E3.11-12
	<ul style="list-style-type: none"> [começou a trabalhar] ...ilegal porque naquela altura só a partir dos 14. Fui trabalhar como marçano...Fui servente de obras, fui serralheiro civil. ... inscrevi-me para a Metalofabril... E comecei, legalmente, o meu percurso profissional [como] serralheiro mecânico... O meu trabalho lá foi como continuo menor que 21... E como me portei bem deram-me o arquivo de contabilidade... eu saí do economato e património e meteram-me num departamento onde eu era responsável Tive os dois últimos anos, não chegou bem a 2 anos, naquela fase que tive no Car Control, [último emprego] 	60-65 69 80-85
	<ul style="list-style-type: none"> Comecei aos 16 numa fábrica, depois saí fui lá para fora para a Bélgica com uma amiga 	E4.8-9

Desemprego e trajectos de exclusão social

	<p>minha apanhar a fruta... [último emprego]</p> <ul style="list-style-type: none"> <p>Comecei a trabalhar com 13 anos no estuque, a dar serventia aos estucadores. A partir dos 17 anos já era meio oficial. A partir dos 18 mandaram-me para outro lado como quem diz quando te deram uma farda branca é estucador.</p> <p>Porque daí tenho corrido vários países, desde a idade dos 23 anos, sempre a trabalhar na minha arte.</p> <p>Ultimamente que eu trabalhei fora da minha arte foi no pladur para uma empresa da Progip e Graça, que é na Bélgica. Aí é que comecei a aprender a aplicar o pladur</p> <p>Comecei já há uns anos bons. Empregada de balcão que é a minha profissão... isto há mais de 15 anos, há mais de vinte e tal anos, depois deixei... Depois fui trabalhar para um café, depois deixei</p> <p>... mas fiquei praí 2, 3 anos fixos nesse café na Amadora.</p> <p>Depois deixei, não trabalhei, tive muito tempo sem trabalhar. E à 6, 7 anos mais ou menos, fui trabalhar para a Iberna, que é uma firma de limpezas hospitalares.</p> <p>Então pedi ao chefe para me passar para a Estefânia, felizmente adorei. Mas como os problemas andavam muitos (...)faltava ao trabalho, resultado: rua!</p> <p>Uma amiga minha arranjou-me para o hospital S. Francisco Xavier empregada de balcão. Tive lá 3 meses ao fim de 3 meses foi aí que eu saí, portanto vai fazer uma ano... [último emprego]</p> <p>Comecei a trabalhar com 12 anos, mas estava a servir em casa de senhoras. Aí depois aos 19 anos é que fui para a cozinha, para a copa e depois passei a fazer comida. Depois foi fazer limpezas em escritórios e isso...</p> <p>Não, fui variando. [de empresa] Acabam os contractos e mandam embora.</p> <p>Eu saí para ir para a cozinha para ganhar mais,</p> 	<p>E5.5-8</p> <p>26-27</p> <p>28-30</p> <p>E6.14-19</p> <p>23</p> <p>30-33</p> <p>39-44</p> <p>46-48</p> <p>E7.7-10</p> <p>12</p>
--	--	---

Desemprego e trajectos de exclusão social

	<p>para o restaurante, porque davam a comida. Só que depois o restaurante não deu nada. Tive lá um mês. [último emprego]</p> <p>18-20</p> <ul style="list-style-type: none"> Trabalhava num escritório, prai uns dois anos. Trabalhava umas horas, três horas. Ganhava duzentos e tal euros por mês ...só em Cabo-Verde que eu trabalhava, era para lavar roupa e fazer coisas assim. [em Portugal] <p>E8.5-6</p> <p>13-14</p> <ul style="list-style-type: none"> Andávamos a tratar de abrir uma empresa. Não foi o tempo todo a fazer de motorista, entretanto os 5 anos últimos, quando tirei a carta é que depois fiquei como motorista. Mas pronto não deixei de lá tar quase 18 anos... <p>Deixei de andar com a camioneta, fui para o El Corte Inglês [limpezas].</p> <p>Fui a França, tive lá 3 meses... recorri lá novamente e aceitaram-me [último emprego no El Corte]</p> <p>E9.6</p> <p>23-24</p> <p>27-28</p> <p>33</p> <p>35-37</p> <ul style="list-style-type: none"> mudanças, obras <p>eu em Angola trabalhei em talhos e sei fazer isso tudo...</p> <p>Nestes últimos dois meses já estou inscrito na Egor, já estive na Marley [último emprego em Portugal em empresa de distribuição]</p> <p>Eu lá em Angola comecei a trabalhar com 15 anos ...</p> <p>E10.12</p> <p>103</p> <p>171-174</p> <p>234</p>	
Origem da família	<ul style="list-style-type: none"> Ela [esposa] estava a trabalhar e agora foi para o desemprego... <p>E.1</p> <ul style="list-style-type: none"> Sorte é que a minha mulher tem um bom emprego, ela é enfermeira. Nós tentamos articular o máximo possível... <p>E.3</p> <ul style="list-style-type: none"> Nada, tudo o que recebia foi tudo para ele. Agora â 4 anos para cá é que ando nesta vida. Ando na miséria. Agora a empresa com quem <p>E.5</p>	

	<p>a minha mulher andava a trabalhar... Quer dizer tiraram o pessoal do El Corte que estava mais perto de casa e espetam para o lado de Cascais [esposa desempregada]. E ainda não recebeu o ordenado, está com baixa e ainda não recebeu ordenado. O meu filho é doente, tem uma perna toda em platina, não pode fazer nada desde criança...</p> <ul style="list-style-type: none"> • ...comecei por brincadeira, numa lavandaria porque gosto de engomar... felizmente na altura, também não precisava muito, era mais para não tar em casa. Aliás os meus pais tinham um café, viemos de Angola para cá , o meu alugou um café, entretanto faleceu e a minha mãe ficou com o café e ficou uns bons anos... [actualmente] O meu filho também não me pode tar sempre ajudar. Ainda ontem recebi uma mensagem dele a dizer que tá complicado... • Porque as pessoas que vivem comigo vivem do rendimento que eu recebo, estão todas ao meu encargo. Porque se eu não tiver dinheiro para aquelas crianças sou eu que tenho de arranjar não é mais ninguém. • Tenho uma irmã na Amadora e mas ela também tem filhos e está tudo desempregado. Eu vim para aqui à procura de uma vida melhor, porque lá tenho uma casa já bem levantada mas nunca, mas nunca! Consegui mandar dinheiro para levantar a casa [supõe-se que a casa está em construção]. Eu tenho mais dois filhos mais novos em Cabo Verde, que precisam de mim, mas não consigo mandar nada nem para a minha mãe. • Tenho tido uma vida com um bocado ou baixa outro bocado alta. • o talho era meu e do meu avô, era da família, tínhamos 3 talhos, com a guerra perdemos tudo 	<p>E.6</p> <p>E7.185-187</p> <p>E.8</p> <p>E.9</p> <p>E.10</p>
--	---	---

Desemprego e trajectos de exclusão social

Solidariedades	<ul style="list-style-type: none"> vivo da ajuda da minha família e a minha família também me ajuda disseram-me que ajudavam em várias coisas, na alimentação... E eu vim-me cá inscrever [no CLDS] foi um sobrinho meu que foi com ele ao Odivelas Park, ele pagou tudo bem Por isso é que ainda agora mandei mensagem ao meu filho e ele ajuda no que pode Eram pessoas que ajudavam na comida e isso tudo (...) Pessoas vizinhas que moravam ao pé de mim Elas ajudam, tem uma vizinha que ajuda Recebia alimentos, mas este mês já não recebi a minha irmã é que me tem andado a ajudar e então vim pedir ajuda a vocês (...) a comida vou comer a casa da minha mãe, outras vezes a casa da minha irmã. Os meus irmãos estão piores que eu <p style="text-align: center;">RETIRAR ESPAÇO EM BRANCO</p>	<p>E1.55</p> <p>E2.28</p> <p>E4.135/136</p> <p>E6.151</p> <p>172</p> <p>E7.58/61</p> <p>E8.99</p> <p>271</p> <p>E9.48</p> <p>52</p> <p>E10.69</p>
Avaliação do eu	<ul style="list-style-type: none"> Não me sinto bem (...) Ando stressado da vida Chateada (...) Stressada Não me sinto inútil. Há males que vêm por 	<p>E1.78</p> <p>E2.41/43</p>

Desemprego e trajectos de exclusão social

	<p>bem.</p> <ul style="list-style-type: none"> parece que já estou a dar em maluca dentro de quatro paredes... Sinto-me inferior às outras pessoas... triste... [sente-se] Mal! ando sem cabeça Vejo-me mal, uma pessoa precisa de trabalhar É assim que eu me sinto [angustiada] Sinto-me uma inútil Sinto-me com falta de necessidade de certas e determinadas coisas que não posso ter Não, porque eu não sou do tipo de pessoa que se inferioriza 	<p>E3.186</p> <p>E4.42/43</p> <p>60</p> <p>E5.234</p> <p>E6.98</p> <p>103</p> <p>E7.111</p> <p>201</p> <p>E8.83</p> <p>E9.122</p> <p>E10.272</p>
Expectativas de futuro	<ul style="list-style-type: none"> O meu futuro para mim é o dia-a-dia (...) coisa vai-se complicar se isto está assim tão mal agora não vejo grandes perspectivas arranjar trabalho o mais rápido possível Vejo o meu futuro muito, muito escuro... Espero passar agora para ir ao C.E. tirar um curso de equivalência ao 12º. Enquanto eu tiver vida e saúde, que é o mais principal que eu desejo a mim e à família, ainda vou tentando equilibrar-me agora quando eu não puder Eu vivo o dia-a-dia, saio daqui nem sei o que me acontece Eu por enquanto não vejo nada. , eu nunca perdi a esperança. Eu sinto que não vou morrer nisso. Eu tenho muita fé, um dia há-de mudar tudo O meu futuro era sair-me a sorte grande Era arranjar um trabalhinho Em princípio queria estudar 	<p>E1.115/117-118</p> <p>E2.69</p> <p>E3.220</p> <p>E4.79</p> <p>E5.527/528</p> <p>E6.134</p> <p>E7.195</p> <p>E8.180/181</p> <p>E9.97</p> <p>101</p> <p>E10.328</p>

Desemprego e trajectos de exclusão social

Dificuldades económicas	<ul style="list-style-type: none"> • É a minha mulher, que ultimamente tem pago as despesas da casa e a alimentação 	E1.74-75
	<ul style="list-style-type: none"> • Sim consigo [gerir as despesas]Tenho o fundo de desemprego, tenho a ajuda da S.S., e a minha família também me ajuda 	E2.27-28
	<ul style="list-style-type: none"> • A educação dos filhos Antigamente ia almoçar fora, agora meto a mesa na varanda e almoço fora. 	E3.122 136
	<ul style="list-style-type: none"> • Afecta nos custos, com o que eu recebo (...) 	E4.41
	<ul style="list-style-type: none"> • estou com uma divida com uma renda da casa 	E5.97
	<ul style="list-style-type: none"> • Há um ano que não pago a renda de casa De água nem quero falar Luz! Luz 87,10 A Cofidis tenho agora 140 para pagar (...) já não me chega o rendimento mínimo. 	E6.155 157 165 168
	<ul style="list-style-type: none"> • Tudo... afecta tudo Para quem tem crianças em casa não chega[o RSI] 	E7.76 115
	<ul style="list-style-type: none"> • Às vezes quando eu preciso de uma bilha de gás, eu vou lá falar com (...) ele sempre desenrasca Arranjar dinheiro para pagar ao senhorio a renda da casa. A gente come pouco à hora de almoço e guardamos um pouco para a hora de jantar Nunca! Consegui mandar dinheiro para levantar a casa Precisamos de dinheiro para as fraldas 	E8.52-53 147-148 233-324 255 304
	<ul style="list-style-type: none"> • Nem para a renda chega [o subsídio]48 A comida vou comer a casa da minha mãe (...) Não tenho vida para isso. Tar ali para “olha paga-me uma imperial, paga-me o café” 	E9.48 52 133-134
	<ul style="list-style-type: none"> • Fazemos a despesa básica entre arroz óleo, é o que não pode faltar em casa. Afecta muito. Primeiro porque eu vim para fazer tratamentos e não consigo. 	E10.64-65 81-82

Desemprego e trajectos de exclusão social

Regimes de Apoio	<ul style="list-style-type: none"> • não estou a receber subsídio nenhum • Recebo o meu fundo de desemprego, que é 200 euros e depois recebo o rendimento mínimo • Só subsídio de desemprego. • Recebo só o rendimento • Ainda não recebi nada (RETIRAR) • estou a receber 210 euros [RSI] • Tou a receber rendimento mínimo • porque é só com os abonos dos miúdos • Sim, os 231 euros [subsídio de desemprego] • Não faço descontos, não faço nada. 	E1.21 E2.140-141 E3.110 E4.30 E5.93 E6.4 E7.30 E8.40 E9.45 E10.143
Rotinas de desemprego	<ul style="list-style-type: none"> • De manha levanto-me procuro emprego, dou uma vista de olhos no jornal vejo se à alguma coisa por mim. Depois vou almoçar, vou ao café, convivo com o pessoal amigo, jogo um bocadinho ao dominó, às cartas. Outras vezes vou para a minha mãe • Levanto-me vou à procura de trabalho e depois venho para casa, depois à tarde saio mais uma bocadinho • O meu dia-a-dia é levantar-me às 6 da manha, de 2º a 6º, tratar das minhas filhas. Tento ajudar em casa, tento apoiar a minha mãe • É tar com elas [tomar conta das filhas], fazer às vezes o que eu tenho para fazer [tarefas domésticas] • tou em casa, ou tou ali entretido, ou vou levar o meu neto a escola • É tar em casa. Pra já não tenho dinheiro não posso ir para lado nenhum. 	E1.60-63 E2.37 E3.149/150 E4.50 E5.223 E6.79

Desemprego e trajectos de exclusão social

	<ul style="list-style-type: none"> De manhã tenho de ir levar os miúdos à escola (...) E tenho meu neto, que tem 2 anos e sou eu que tou encarregada deles (...) E é vir aqui (ao CLDS) às coisas que me mandam chamar. Durante o dia tou lá em casa, ajeito a casa Acordo de manhã vejo o jornal, vou responder Sim, refugio-me mais entretido em casa a fazer qualquer coisa, às vezes vou chatear a minha irmã. De manha levanto-me e não faço nada 	E7.80/81/83 E8.68 E9.58 137 E10.99
Procura activa de emprego	<ul style="list-style-type: none"> vejo no jornal e os amigos às vezes dão uma dicas faço a pesquisa que eu faço diariamente, em três sites na internet(...) mando anúncios na internet, vejo os jornais, peço ajuda a amigos se houver alguma coisa... Anúncios, quando vejo algum papel a dizer “precisa-se”... É nos anúncios e nos jornais Quando posso vou à procura, claro que sim, vejo no jornal, se tenho dinheiro no telemóvel ligo(...) Foi de lá que enviei os dois currículos [Clube de Emprego] E é uma vizinha minha, trabalha no hospital Pulido Valente, também já andou lá a perguntar Ia aos centros comerciais para limpeza Eu tenho de procurar e perguntar às pessoas conhecidas A gente compra o jornal, às vezes, quando tem dinheiro no telemóvel a gente liga Falo com pessoal conhecido Todos os dias vejo o jornal procuro o jornal Era quase todos os dias 	E1.124 E3.144/195 E4.85 E5.525 E6.87/88 178 121 E7.101 212 E8.185 E9.75/86 E10.190/

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Tiro 80 cêntimos para ir comprar o jornal e vou ligando.	339/351
Obstáculos à inserção no mercado de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Porque não há! acha que 600mil desempregados, que existe em Portugal, a maioria jovens, nem para os jovens há que saem das faculdades e acha que vai haver para mim (...) A situação do país está péssima! Devido à minha saúde, nem todos os empregos...por exemplo não posso ir para as obras. Só que depois vêm a idade. 	E1.82-85
		125
		141
	<ul style="list-style-type: none"> • fora de Lisboa não vou Vem trabalhos bons para copa e assim mas é longe. E eu para longe... 	E2.49
	<ul style="list-style-type: none"> • Olham assim para a minha idade 	86-87
		E3.264
	<ul style="list-style-type: none"> • Eu não encontrava por causa da minha escolaridade 	E4.74
		E5.327
	<ul style="list-style-type: none"> • agora a idade que uma pessoa têm, eles agora querem é os jovens 	E6.89
	<ul style="list-style-type: none"> • E depois a idade não ajuda muito, a partir dos 35 anos já somos velhos 	
	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho que é por não saber ler e escrever 	E7.122
	<ul style="list-style-type: none"> • para as pessoas mais novas custa aparecer, quanto mais para uma senhora que vai fazer 50 anos 	E8.92/93
	<ul style="list-style-type: none"> • A idade! A idade principalmente 	E9.62
	<ul style="list-style-type: none"> • Foram 3 anos muito complicados. Toda a hora a ir lá, e mandaram vir documentos [por estar em condição ilegal] 	E10.145/146

Desemprego e trajectos de exclusão social

Satisfação do CLDS	<ul style="list-style-type: none"> • O centro até é bom¹⁷⁹ 	E1.179
	<ul style="list-style-type: none"> • Na distribuição da comida, pronto como eu disse é bom, mas deviam de dar mais coisas variadas (...) não tenho razão de queixa 	E2.154/164
	<ul style="list-style-type: none"> • Acho que as pessoas deviam... todos trabalhar para a mesma frente e não cada um para seu lado 	E3.332-333
	<ul style="list-style-type: none"> • [resposta dos serviços] Tem sido boa... Por acaso acho que é um projecto como deve ser, porque aqui tem muitas coisas que eu nem metade sabia 	E4.152 159-160
	<ul style="list-style-type: none"> • Acho bem, era uma das coisas que faltava aqui no bairro⁵⁸² 	E5.582
	<ul style="list-style-type: none"> • Não tenho razão de queixa ²²⁹ 	E6.229
	<ul style="list-style-type: none"> • Não tenho razão de queixa. Porque eu quando preciso de alguma coisa é a elas [as técnicas] que eu vou recorrer²³⁶⁻²³⁷ 	E7.236-237
	<ul style="list-style-type: none"> • eu acho bem. É bom para ajudar quem precisa³²⁰ 	E8.320
	<ul style="list-style-type: none"> • UTENTE NOVO NA INSTITUIÇÃO (RETIRAR) E9 	E10.413
	<ul style="list-style-type: none"> • Tirando a parte do apoio até acho positivo 	

Anexo III

Guião de entrevista

Protocolo da entrevista

-Apresentação institucional

-Apresentação do objecto de estudo

I- Caracterização sociocultural do inquirido

Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Quanto tempo de desemprego
Masculino	Feminino					

Desemprego: Vivências e representações que levam à exclusão

II- Exploração de trajectórias profissionais

P.1- De momento está a fazer algum biscoito? Como encontrou? (através de amigos, familiares, vizinhos)

P.2- Descreva o seu trajecto profissional (empregos mais relevantes, áreas, último emprego: funções. Quanto tempo de trabalho, porque saiu e quanto tempo de desemprego)

P.3- Está inscrito no Centro de Emprego? (Se não porquê)

P.3- Recebe algum subsídio ou apoio? (Qual; Se NÃO, porquê; se SIM, é suficiente para as despesas)

P.4- Se NÃO recebe nenhum subsídio, nem está a fazer biscoito como é que sobrevive?

III- Vivências e representações

Vivências:

P.5- De que forma a situação profissional afecta a sua vida pessoal/familiar? A que níveis mais especificamente? (Dê-me exemplos práticos: na habitação; educação; saúde (nível psicológico); consumos; harmonia do lar; participação activa na comunidade.)

P.6- Descreva o seu dia-a-dia desde que ficou desempregado. (Hábitos e rotinas no espaço doméstico; actividades lúdicas e culturais na comunidade)

Desemprego e trajectos de exclusão social

Representações:

P.7- Como se sente por não encontrar emprego? (angustiado, contente, indiferente) Como é que se vê a si próprio? Como acha que os outros o vêem?

P.8- Porque acha que não encontra emprego? (não encontra o que lhe agrada, pouca intensificação na procura, não obtém resposta)

P.9- Acha que o local onde mora condiciona a procura?

P.10- Sente-se ou alguma vez se sentiu discriminado (excluído/inferiorizado) em algum sentido por estar desempregado? Se sim, especifique em que circunstâncias.

P.11- Considera que com um emprego qualificado iria modificar muito a sua vida? Se SIM, em que aspectos/níveis? Que alterações? (pedir exemplos práticos) Mudaria de casa? De bairro? Se NÃO, porquê?

P.12- Como vê o seu futuro? Expectativas?

IV- Procura de emprego

P.13- Como é que procura emprego? (através dos amigos, familiares, procura em anúncios, internet)

P.14- Com que regularidade?

P.15- Que tipo de emprego procura?

P.16- Que dificuldades tem encontrado?

P.17- Como espera superá-las?

V- Satisfação com os serviços do CLDS

P.18- Porque é que procurou o CLDS?

P.19- No que é que se inscreveu?

P.20- A resposta que lhe tem sido oferecida vai de encontro às suas necessidades?

P.21- Pretende continuar a usufruir dos serviços actividades do CLDS?

P.22- Como avalia o trabalho do CLDS?

Anexo IV

Entrevistas

Índice

Entrevista 1.....	76
Entrevista 2.....	81
Entrevista 3.....	84
Entrevista 4.....	92
Entrevista 5.....	96
Entrevista 6.....	110
Entrevista 7.....	116
Entrevista 8.....	123
Entrevista 9.....	130
Entrevista 10	134

VER SIGLAS

Apresentação do entrevistador ao utente. Explicação dos objectivos da entrevista. Os dados recolhidos referem-se à situação presente dos entrevistados.

Entrevista 1

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
X		50	Comunhão de facto	3ª classe	2	5 anos

Linhas	Entrevista 1
E1.1	Entrevistador - Encontra-se a fazer algum biscate?
	Utente – Não! Nada!
	Entrevistador – Pode-me resumir o seu projecto profissional ao longo dos anos? Onde começou a trabalhar? Em que áreas?
E1.5	Utente – Comecei a trabalhar numa fábrica de pneus, telefones, bombas de gasolina e construção civil e trabalhei em mais coisas mas foi pouca coisa.
	Entrevistador – E qual é que foi o seu último emprego?
	Utente – Foi nas bombas de gasolina.
	Entrevistador – E quanto tempo é que trabalhou lá?
E1.10	Utente – 5 anos.
	Entrevistador – Foi o seu emprego mais longo?
	Utente – Não. Trabalhei nos telefones 16 anos.
	Entrevistador – E porque é que saiu deste último emprego?
E1.15	Utente – Porque aquilo já estava em fraco desenvolvimento. E depois tive alguns problemas com o meu patrão.
	Entrevistador – E acabou por fechar mesmo?
	Utente – E acabou por fechar mesmo...
	Entrevistador – Está inscrito no Centro de Emprego?
	Utente – Sim senhor...
E1.20	Entrevistador - E está a receber algum apoio/subsídio?
	Utente – Não, não estou a receber subsídio nenhum...
	Entrevistador – Nem de nenhuma outra entidade?
	Utente – Nem de nenhuma entidade. Nada, eu vivo do que a minha família pode dar...
E1.25	Entrevistador – Era o que lhe ia perguntar a seguir, então como é que sobrevive? Como é que paga as despesas da casa?
	Utente – No princípio era a minha mulher que pagava, ela é que paga... E é só isso. Vivo assim...
	Entrevistador – Ela está a trabalhar?
E1.30	Utente – Ela estava a trabalhar e agora foi para o desemprego. Agora vivemos os dois desempregados. Só que ela recebe, vai começar a receber o subsídio de desemprego. Eu não.

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador – É assim que paga as despesas da casa?!
E1.35	Utente – É assim que se pagam as despesas, mal ou bem, claro que não chega para nada...
	Entrevistador – É uma situação complicada.
	Utente – É uma situação complicada...
	Entrevistador – E até que ponto, o facto de estar desempregado à 5 anos, afecta a sua vida pessoal?
E1.40	Utente – Ah! Afecta e muito... Sei lá... Como é que hei-de explicar?!
	Entrevistador – Por exemplo ao nível da habitação, a saúde com os filhos já não digo porque já são crescidos. A saúde (do próprio e esposa), a harmonia do lar, a confiança com a sua esposa, a nível de consumos. O objectivo aqui é falar à vontade, esteja à vontade.
E1.45	Utente – Eu pronto... Eu vivo... Uma pessoa que não tem dinheiro, que vive sem emprego claro que vive em dificuldades, não é?
	Entrevistador – Sim, sim...
E1.50	Utente – E pronto a gente procura a ver se a situação melhora, se arranja algum emprego compatível com a minha saúde, que também não é muita...
	Entrevistador – Tem problemas de saúde?!
	Utente – Tenho problemas de saúde, problemas de coluna...e vamos vivendo assim, com a ajuda da minha mãe e dos meus irmãos.
	Entrevistador – Portanto vive da ajuda da sua família...
E1.55	Utente – Exactamente, vivo da ajuda da minha família...
	Entrevistador – E a sua participação na comunidade? Participa activamente em alguma associação?
	Utente – Não, não participo em nada, não tenho associação nenhuma...
	Entrevistador – O que é que faz no seu dia-a-dia? De manha levanta-se...
E1.60	Utente – De manha levanto-me procuro emprego, dou uma vista de olhos no jornal vejo se há alguma coisa por mim. Depois vou almoçar, vou ao café, convivo com o pessoal amigo, jogo um bocadinho ao dominó, às cartas. Outras vezes vou para a minha mãe, estou lá com ela durante dois dias ou três, depois vou para os meus irmãos.
E1.65	Entrevistador – A sua mãe não é de cá?!
	Utente – A minha mãe vive na pontinha...
	Entrevistador – Ah! Então é pertinho.
	Utente – É perto. E o meu irmão vive... Um vive em Famões, lá na quinta das pretas, não sei se sabe...que é lá perto do centro que representa isto...
E1.70	Entrevistador – Sim, sei, sei!
	Utente – E o outro meu irmão que mora em Santo António dos Cavaleiros e é assim a minha vida...
	Entrevistador – É assim que passa o tempo...
E1.75	Utente – É a minha mulher, que ultimamente tem pago as despesas da casa e a alimentação.
	Entrevistador – E como é que se sente por não conseguir encontrar emprego?
	Utente – Não me sinto bem, claro que não. Ando stressado da vida.
	Entrevistador – Não é fácil.
E1.80	Utente – Não é fácil.
	Entrevistador – E porque é que acha que não encontra emprego?
	Utente – Porque não há! Você acha que 600mil desempregados, que existe

Desemprego e trajectos de exclusão social

E1.85	em Portugal, a maioria jovens, nem para os jovens há que saem das faculdades e acha que vai haver para mim?!? Claro que não há! A situação do país está péssima!
	Entrevistador – Portanto acha que é derivado à crise pela qual passamos?
	Utente – Exactamente! Penso eu que seja isso.
	Entrevistador – E acha que o local onde mora, o bairro, o condiciona na procura de emprego?
E1.90	Utente – Acho que não, o bairro também não é assim grande... é um bairro complicado, clandestino, com problemas, 20 sei lá 30 com muitas raças...
	Entrevistador – E classes diferentes...
	Utente – Classes diferentes, claro que não é um bairro assim muito... [expressão de dúvida] É complicado...
E1.95	Entrevistador – E sente-se, ou alguma vez se sentiu posto de parte, excluído de alguma forma por estar desempregado?
	Utente – Não! Acho que não. Desde que estou desempregado... Er... Mas atenção durante estes 5 anos que estou desempregado... Er... como é que hei-de dizer?!
E1.100	Entrevistador – Foi fazendo trabalhos...
	Utente – Não!!!!Não fui fazendo trabalhos, tive no fundo de desemprego. Recebia, depois deram – me mais um subsídiozinho a ganhar menos...
	Entrevistador – O RSI?
E1.105	Utente – Exacto. Praticamente, só não estou a receber nada a partir de quê?! Há 6 meses, só há 6 meses é que eu não estou a receber nada...
	Entrevistador – De resto tinha...
E1.110	Utente – De resto tinha, quando saí do emprego fui para o Centro de Emprego, recebia o subsídio de desemprego, não era muito, era 300 e qualquer coisa depois mais aquele apoio que deram mais 6 meses, e agora é que não estou a receber nada... Mas já pus os papeis a ver se eles...
	Entrevistador – Está a tentar mover-se a ver se consegue alguma coisa...
	Utente – Exacto. Pus os papéis agora para esse subsídio ou mínimo a ver se se consegue alguma coisa...
	Entrevistador – Então e como é que vê o seu futuro?
E1.115	Utente – Eu vejo... O meu futuro para mim é o dia-a-dia. Eu não olho ao futuro, eu vivo o dia-a-dia. Uns dias bons outros piores e pronto. Claro o futuro...cada vez por mim, na minha opinião, a coisa vai-se complicar se isto está assim tão mal agora não vejo grandes perspectivas.
	Entrevistador – Nos dias de hoje não está fácil para ninguém...
E1.120	Utente – Não está fácil para ninguém...
	Entrevistador – Estava-me à pouco a dizer que se levantava de manha e procurava emprego. Com é que procura emprego? Amigos, familiares, jornal?
E1.125	Utente – Não, vejo no jornal e os amigos às vezes dão uma dicas, mas nem todos... Lá está, devido à minha saúde, nem todos os empregos...por exemplo não posso ir para as obras...
	Entrevistador – Por causa do seu problema de saúde...
E1.130	Utente – Pronto...não posso ir para uma coisa de fazer muitos esforços, armazéns se for pegar em pesos não posso. Tenho de ter um serviço, por exemplo se for umas bombas de gasolina dá para mim. Umas bombas de gasolina, sei lá.

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador – Qualquer coisa que não implique esforços...
	Utente – Um emprego que não seja muito pesado.
E1.135	Entrevistador – Pronto ia-lhe perguntar que tipo de emprego é que procura. Alguma coisa assim...
	Utente – Assim, por exemplo, posso ser...sei lá...continuo, porteiro de escolas, sei lá, de uma variedade de empregos. Só que ninguém pede.
E1.140	Entrevistador – Então essas são as dificuldades que têm encontrado? Quando encontra emprego, e tenta alguma coisa na área e depois se inscreve...
E1.145	Utente – Claro! Só que depois vêm a idade... E as pessoas não, por exemplo quando nós vamos a uma entrevista, não sei se a senhora já foi a alguma?! A gente chega lá, por exemplo, está lá 30 pessoas, uma hipótese. Daquelas 30, é normal, e eu também acredito que assim seja, é preferível pôr uma pessoa entre os 25 e os 35 anos naquele local do que pôr uma pessoa de 50. É isso que eles... Uma pessoa de 50... Eles procuram... não metem ninguém praticamente.
	Entrevistador – Considera que a idade é um factor...
	Utente – É um factor que... Pronto...
E1.150	Entrevistador – Condiciona a entrada...
	Utente – Condiciona a entrada em trabalhos. É complicado.
	Entrevistador – Relativamente aqui ao CLDS, porque é que nos procurou? Foi só por causa do emprego?
E1.155	Utente – Eu procurei em princípio para ver se me arranjavam emprego, depois procurei a ver se me davam uma ajuda. Só que não me dão nenhuma ajuda mas pronto... Procurei... Precisava de uma ajuda, de uma consulta para óculos também procurei eles disseram que iam arranjar, ainda não arranjam...
E1.160	Entrevistador – Penso que lá em baixo as colegas estavam a tenta tratar disso. Portanto inscreveu-se só para emprego?
	Utente – Não, inscrevi-me para emprego e apoio social.
	Entrevistador – É isso. Ok. E as respostas que lhe têm sido dadas? São adequadas ou não?
E1.165	Utente: Não. Por exemplo eu quando fui lá falar com a Dra. Cristina, propor-me para ver se começar a receber o subsídio de “isenção”, fizemos os papéis todos e pensei que me tratavam de tudo, que metessem os papéis, na volta vi-me perdido três vezes e depois disseram-me que isto não é aqui que se trata, é na S.S., para isso tinha ido logo para a S.S, escusava de vir aqui.
E1.170	Entrevistador – Pois, não sei como é que as coisas funcionam a esse nível, aliás estou aqui como estagiária a fazer o meu trabalho, mas eu penso que lá em baixo elas...
	Utente – ...podiam-me informar melhor, podiam-me dizer como é que eu havia de...mas não, não me disseram nada. Pronto eu preenchi aquilo, pronto até foi bom, não tou a dizer que não foi útil, é útil...
E1.175	Entrevistador – Eu penso que o que elas fazem é precisamente encaminhar os utentes, abrem o processo...
	Utente – ...claro só que pronto eu pensei que... perdi três vezes...
	Entrevistador – Não sei o que se terá passado...
	Utente – Pois. Mas eu não estou contra o centro! O centro até é bom...
E1.180	Entrevistador – Pretende continuar?

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Utente – Exacto vou continuar na mesma. Se me derem uma ajudazita ou daquilo eu aceito.
E1.185	Entrevistador – Sabe que... eu também tenho andado a estudar, e a perceber como é que as coisas funcionam e há imensa gente, temos uma fila enorme...
	Utente – Claro...
	Entrevistador – É muito complicado...
	Utente – ...na ajuda da alimentação alguns bens essenciais que me possam ajudar...
E1.190	Entrevistador – A lista de espera já é um pouco longa, a questão que se passa é que as pessoas pensam que temos “para dar e vender”...
	Utente – Não. Às vezes não há.
E1.195	Entrevistador – ...além de que não somos nós que decidimos, é o B.A. que decide quantas famílias podemos ajudar, portanto são abertos os processos, tendo em conta depois se as famílias são maiores se são menores, se são mais carenciadas se não são, se têm menores se não têm... E depois as pessoas são postas em lista de espera, realmente não depende de nós...
	Utente – Claro...
	Entrevistador – ...é o banco alimentar que decide
E1.200	Utente – ...é que decide, olhe dê lá qualquer coisa àquela gente...
E1.205	Entrevistador – ...exactamente. E nós limitamo-nos a cumprir o que eles...se eles dizem são 20 famílias e nós temos 30 ou 40 dessas 30 ou 40 podemos ajudar apenas 20.é um ciclo rotativo, saem uma entram outras. Elas tentam comunicar isso aos utentes, não sei até que ponto a informação é bem recebida ou transmitida. Portanto não fugindo aqui à nossa questão, o que é que acha do trabalho delas, daqui do centro?
E1.210	Utente – Olhe, o que eu acho, eu fui lá a primeira vez... Aquilo é assim um bocadinho meio feito no joelho. A gente chega lá e perguntam para que venho, “venho para procura de emprego”, pronto um papelinho, escreva, entrega e depois a gente telefona. Dificilmente telefona. Vem para apoio social por exemplo, consulta de óculos... depois a gente telefona, e até hoje ainda ninguém telefonou. Outras coisas...sei lá... Ah! Quando fui fazer os papeis, pensei que era ali que me ajudavam para fazer as coisas, que me entregavam as coisas... Tive 3 meses, perdi 3 meses... Agora tenho de para a S.S. para ver se tenho apoio... É assim, não sei, não é bom nem mau. A mim não me ajudaram em nada...
E1.215	
	Entrevistador – Pronto...
E1.220	Utente – A única coisa que eu tou lá é que estou inscrito para procura de emprego, é só o que me fizeram... É só isso... Ah! E proporem-me para o curso de computadores. De resto nunca me ajudaram em mais nada, nunca me ajudaram em mais nada.
	Entrevistador – Explicação de como funciona o centro. (tentativa de explicar ao utente que a ideia não é criar um assistencialismo).

Entrevista 2

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Quanto tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
	X	48	sol.	4º classe	4 (2 menores)	7 meses

Linhas	Entrevista 2
E2.1	Entrevistador: Está de momento algum biscate?
	Utente: Não, andei a fazer umas duas horinhas mas agora já acabou. Tenho andado à procura, hoje fui a uma entrevista, tou à espera que me telefonem.
E2.5	Entrevistador: E consegue-me descrever o seu trajecto profissional? Com que idade começou a trabalhar por exemplo?
	Utente: Muito novinha, a minha mãe morreu tinha eu 16 anos, eu acho que era 10 ou 12 anos já estava trabalhar.
E2.10	Entrevistador: E consegue dizer-me quais os seus trabalhos mais importantes? Para eu tentar perceber o seu trajecto profissional? Onde é que trabalhou?
	Utente: Olhe andei na Feira Popular, não sei se conhece, nos restaurantes, nos divertimentos e tudo... pronto trabalhei lá 15 anos. Aquilo era fácil também... Trabalhei na copa. Trabalhei numa lavandaria aqui 4 anos...
	Entrevistador: Qual é que foi o seu último emprego?
E2.15	Utente: Foi a lavandaria?
	Entrevistador: E porque é que saiu?
	Utente: Porque aquilo foi à falência.
	Entrevistador: É complicado. E está inscrita no C.E.?
	Utente: Tou. Tou no fundo de desemprego
E2.20	Entrevistador: Está a receber subsídio?
	Utente: Tou. 200 Euros...
	Entrevistador: E de que forma, até que ponto afecta a sua vida pessoal o facto de estar desempregada? A saúde, a educação dos filhos, os consumos, a casa?
E2.25	Utente: Se eu tivesse a trabalhar era muito melhor não é?
	Entrevistador: Consegue gerir a sua vida?
	Utente: Sim consigo. Tenho o fundo de desemprego, tenho a ajuda da S.S., e a minha família também me ajuda...
	Entrevistador: Então consegue...
E2.30	Utente: Ah sim consigo, porque eu não sou pessoa de ir para os cafés, não vou para o cinema e essas coisas assim... é casa e não sei o quê...
	Entrevistador: É mais poupadinha...
	Utente: Ah tem de ser, com o euro agora...
E2.35	Entrevistador: E como é que descreveria o seu dia-a-dia? A sua rotina? De manhã levanta-se...
	Utente: Levanto-me vou à procura de trabalho e depois venho para casa, depois à tarde saio mais uma bocadinha... E é assim... Também vou ter

Desemprego e trajectos de exclusão social

	com pessoas que me estão ajudar a procurar trabalho. Também está difícil arranjar trabalho...
E2.40	Entrevistador: E como é que se sente por não encontrar emprego?
	Utente: Oh! Como é que uma pessoa se há-de sentir?! Chateada, não é?
	Entrevistador: Triste?
	Utente: Claro. Stressada... Tudo isso ajuda...
	Entrevistador: Porque é que acha que não encontra emprego?
E2.45	Utente: Sei lá... Não sei explicar...
	Entrevistador: Mas não encontra o que quer, não lhe respondem? Se calhar devia ter procurado mais, noutros lados...?
E2.50	Utente: Se calhar é isso. Mas eu vou para Lisboa, vou assim para qualquer lado. Sim, para fora de Lisboa não vou... Mas para dentro de Lisboa procuro. Às vezes é para restaurante para a copa, que é o que eu gosto de fazer, mas é para sair à meia-noite não dá para mim. Não dá porque eu tenho a minha neta ao meu encargo e não dá mesmo. Eu queria era assim horário seguido. De manhã até às 7h... Já era bom...
E2.55	Entrevistador: Então e acha que o local onde mora, aqui o bairro, foi impedimento para arranjar trabalho?
	Utente: Não.
	Entrevistador: Não condicionou nunca a sua entrada... (num emprego)
	Utente: Não.
E2.60	Entrevistador: E nunca se sentiu de parte por estar desempregada? Em alguma situação ou circunstância?
	Utente: Ah não! Isso não. Eu não me vou a baixo. Se me vou a baixo é o fim...
	Entrevistador: E como é que vê o seu futuro?
	Utente: O meu futuro?
E2.65	Entrevistador: Sim, futuramente...
	Utente: Como é que eu hei-de explicar...?
	Entrevistador: Esteja à vontade... O que é que pensa do dia de amanhã? Tem planos?
E2.70	Utente: Olhe arranjar trabalho o mais rápido possível. É o mais importante. O resto não me interessa. Só arranjar trabalho.
	Entrevistador: Como é que procura emprego?
	Utente: Às vezes no jornal, anúncios no jornal. Outras vezes vou ter com os meus amigos e as minhas amigas...
	Entrevistador: Contactos através da família e amigos...
E2.75	Utente: Exacto.
	Entrevistador: E com que regularidade é que procura emprego? Todos os dias? Semanalmente? Uma vez por mês?
E2.80	Utente: Quase todos os dias. Também nem sempre tenho dinheiro para as passagens. Este mês não comprei o passe, se eu tivesse passe ia todos os dias, tava mais à vontade. Assim sem passe não posso porque os bilhetes também são caros. Mas vou aqui para perto, para Odivelas...
	Entrevistador: Que dificuldades tem sentido agora para procurar emprego? Acha que é por baixas habilitações, por ser longe? Falta de informação onde procurar emprego?
E2.85	Utente: Não, eu às vezes vejo trabalho no jornal mas é um bocadinho longe. Vem trabalhos bons para copa e assim mas é longe. E eu para

Desemprego e trajectos de exclusão social

	longe...para Cascais e assim é mais complicado. E é como lhe digo nem sempre trabalho de horários seguidos, é para fazer turnos. E eu para sair à meia-noite é muito complicado e eu não aceito.
E2.90	Entrevistador: E o que é que está a pensar fazer para superar estes problemas?
	Utente: Agora vou aguardar que me telefonem, se me telefonarem tudo muito bem, se não me telefonarem vou procurar outra vez.
E2.95	Entrevistador: Vai continuar à procura... E relativamente aqui aos serviços do CLDS, está satisfeita?
	Utente: Isso é o quê?
	Entrevistador: (explicação à utente) E porque é que procurou o CLDS? Em que é que se inscreveu?
E2.100	Utente: Porque é que eu procurei isto aqui? Foi a minha irmã que disse para eu me cá vir inscrever... que elas estavam a ajudar mas não me disse o que era e então eu vim cá saber...
	Entrevistador: E em que é que se inscreveu?
	Utente: Na alimentação...
	Entrevistador: Apoio social portanto...?
E2.105	Utente: Sim...
	Entrevistador: E no gabinete de emprego? Não está inscrita?
	Utente: Quer dizer também, também... Aqui à uns tempos atrás era para ir ali a cima à Dra. Paula mas não pude ir porque tinha uma entrevista. E a entrevista era às 10.30 e ali também tinha de ir às 10.30... é complicado
E2.110	Entrevistador: Mas o quiosque de internet todas as 2 ^{as} feiras das 9.30 ao 12.30 está aberto para ajudar a fazer currículos, não sei se sabe o que é e se já tem algum feito...?!
	Utente: Não...
E2.115	Entrevistador: ...o currículo é a descrição do que já fez até hoje. E acha que a resposta que a instituição lhe deu foi boa?
	Utente: Eu acho que isto aqui devia ajudar mais as pessoas que precisam... É só isso que eu digo...
	Entrevistador: Ajudar em que sentido?
E2.120	Utente: Porque ajudar só na alimentação... Há certas pessoas aqui que não têm outras condições e eles aqui não ajudam...
	Entrevistador: Mas sabe que esta instituição não dá apoio monetário... é uma pequena ajuda para tentar auxiliar as pessoas.
	Utente: A alimentação já é muito bom...
E2.125	Entrevistador: Sim, sim... Mas o objectivo da instituição é ajudar as pessoas através do aumento das qualificações, formações em Internet, o apoio social... Mas realmente apoio monetário não... (explicação como se processam os casos)
	Utente: Mas podiam ajudar por exemplo, uma pessoa tem a água ou a luz atrasada e eles aqui ajudarem... A darem metade sei lá...
E2.130	Entrevistador: Aqui o que as técnicas fazem é mandarem as pessoas para a S.S. para receberem o R.S.I...
	Utente: Já tenho isso, fui-me inscrever mas também não foram elas que me mandaram...
	Entrevistador: Já lá tinha ido antes de se vir aqui inscrever?
E2.135	Utente: Já tinha ouvido dizer, já me tinham mandado ir lá... pessoas aqui

Desemprego e trajectos de exclusão social

	amigas...
	Entrevistador: Recebe o subsídio de desemprego e o R.S.I.?
	Utente: Sim...
	Entrevistador: Recebe dois então?
E2.140	Utente: Recebo o meu fundo de desemprego, que é 200 euros e depois recebo o rendimento mínimo que a S.S. me está a ajudar. Porque o meu fundo de desemprego...podia receber mais mas por causa dos descontos não dá para receber mais...
	Entrevistador: Não dá para receber mais...
E2.145	Utente: ...porque senão eu recebia um ordenado mínimo... Por isso é que a S.S. me está ajudar com o rendimento mínimo...
	Entrevistador: Já é mais uma ajuda. E pretende continuar a usufruir dos serviços aqui do CLDS?
	Utente: Por enquanto...
E2.150	Entrevistador: Como é que avalia o trabalho, no geral dos serviços da instituição, dos técnicos, das actividades?
	Utente: Da distribuição da comida?
	Entrevistador: Dos serviços que tem usufruído.
E2.155	Utente: Na distribuição da comida, pronto como eu disse é bom, mas deviam de dar mais coisas variadas, iogurtes para as crianças, azeite que não dão. Óleo também já há meses, desde o Natal...também não sei porquê... Haviam de dar mais essas coisas...
	Entrevistador: Mercearias e essas coisas...
E2.160	Utente: Não mercearias dão-me, dão-me massas dão-me arroz, dão-me assim coisas, só que o que é mais preciso não me dão...
	Entrevistador: A si e a toda a gente, porque a única diferença é no tamanho das famílias. Uma família com duas pessoas deve, naturalmente, receber menos que uma com seis ou sete...
E2.165	Utente: Sim, sim... Eu disso não tenho razão de queixa, só deviam dar azeite óleo iogurtes, são coisa que fazem mais falta numa casa... Essas coisas não dão e não sei porque. E eu também não perguntei...
	Entrevistador: Sabe porquê? Eu vou-lhe explicar... (explicação de como funciona o banco alimentar).

Entrevista 3

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Quanto tempo de desemprego
Masculino	Feminino					

Desemprego e trajectos de exclusão social

X		45	Casado	9ºano (RVCC)	4(+sogros)	15meses
---	--	----	--------	-----------------	------------	---------

Linha	Entrevista 3
E3.1	Entrevistador: Está a fazer algum biscate no momento?
E3.5	Utente: Não. Isto está mau para biscates. Eu ando à procura de biscates e não está nada fácil, não há biscates para a idade que eu tenho. Biscates há, é para putos para ganhar 300 ou 400 euros. E eu não estou para arriscar um subsídio, que é um subsídio razoável por causa de 300 ou 400 euros.
	Entrevistador: Tem que saber gerir essa situação...
E3.10	Utente: Eu já fiz muitas entrevistas, olham para a minha idade, gostam muito do meu currículo mas olham para a minha idade, posso-lhe dar um exemplo, esse ficou-me gravado na memória já foi à quase à um ano. Concorri, posso-lhe dizer o nome da empresa, a Gilauto, pertence ao Grupo Fernando Simão. Eu trabalhava, antes numa multinacional, a Ives Rent-a-Car, durante 30 anos, era responsável pelo economato e património, ouve gestão danosa, o director foi para a rua, nunca tive nada a ver com aquilo. A gestão danosa que eles disseram não consegui existir porque tiveram de indemnizar o director; ouve reestruturação, eu saí do economato e património e meteram-me num departamento onde eu era responsável como uma chefe e um director, esse director era mais conhecido por “Mussolini”... (risos) A ideia dele...também já o mandaram embora, só para ver... Ele não tinha capacidade para aquilo, ele levava as pessoas pela intimidação, pelo medo...
E3.15	
E3.20	
	Entrevistador: Isso não é respeito é medo...
E3.25	Utente: ...ele ameaçou-me que me metia a trabalhar em Alverca a contar carros, eu primeiro escriturário! eu disse: “mas eu vou trabalhar para Alverca. Arranjem-me condições que me dêem transporte e me paguem subsidio adequado para ir trabalhar para Alverca, já agora podem-me pôr a trabalhar na China”. Eu nunca me calei! Foi o problema de eu vir para a rua foi nunca me calar...
	Entrevistador: Não se deixou pisar...
E3.30	Utente: Eu nunca me deixei pisar, vinha para casa a pensar. Amanhã os gajos vão-me atirar pelo lado direito eu tenho de atacar pelo lado esquerdo. Moral da história: não dormia comecei a entrar em depressão, eu sou uma pessoa muito terra-a-terra, eu com vontade de lhe partir a cara, para não dizer uma palavra feia. Pronto, o que eles me andavam a fazer... Andaram-me dois anos a fazer perseguição ou assédio moral (mais bonito agora) para mim era autêntica perseguição. Cada vez que eu ia à casa de banho, a chefe que estava agora à espera de passar a directora não passou, continua como chefe - cá se fazem cá se pagam...
E3.35	
	Entrevistador: É o Karma...
E3.40	Utente: ...eu via ela a registar, eu olhava para ela ria-me e voltava outra vez para a casa de banho, já que me estás a controlar, controla mais uma vez. Epa do género, “oh João”, eu classificava facturas, já as classificava no economato e património, “leva as facturas para a contabilidade para ainda entrem este mês”, eu levava, que era no andar de baixo e passado segundos vinha ela atrás para eu não falar com ninguém. Eu fazia também activação e desactivação de viaturas, ou bloqueá-las a nível informático ou
E3.45	

Desemprego e trajectos de exclusão social

E3.50	bloqueá-las para a mudança de óleo, ou inspecção ou qualquer coisa ou para ir à marca. Então os colegas depois pediam-me...o direito da informação não chegava da manutenção a tempo do carro já tar a ser preciso... para ser homologado. Eles, olha já tenho aqui o ok, tá desactivo. E eu tinha o meu código de acesso a nível de sistema informático dava para desactivar. Ele dizia que passava muito tempo ao telefone (...) (descrição do trabalho que o utente fazia). Estou a fazer o desmame da perseguição. Morri e voltei a nascer...
E3.55	Entrevistador: Eu ia-lhe perguntar o seu trajecto profissional, antes de ter estado 30 anos nessa empresa.
E3.60	Utente: Antes disso andava a estudar. O meu pai teve um AVC, isto há 30 e tal anos atrás. Eu era um granda malandro, eu andava a fazer 10 disciplinas tive 8 negativas, isto no 7º ano antigo. E achei que devia ajudar a casa, e contra vontade do meu pai e contra a vontade da minha mãe, ilegal porque naquela altura só a partir dos 14. Fui trabalhar como marçano, não sei se sabe o que é? Era aqueles putos que iam entregar as mercearias a casa. Era aquilo que o Carrefour tinha e agora o Continente também tem, entregas ao domicílio. Antigamente o nome que se dava era marçano. Fui servente de obras, fui serralheiro civil e inscrevi-me para a Metalofabril, que é uma empresa que já não existe (...) (descrição da empresa) ...
E3.65	Entrevistador: Sim, sim...
E3.70	Utente: ...entrei para aí, e comecei, legalmente, o meu percurso profissional. O serralheiro mecânico, depois comecei a estudar à noite (para sair mais cedo). Comecei a estudar à noite... meteram-me a trabalhar no planeamento e preparação de trabalho...a empresa abriu falência em 1984 e passaram-me para a Ives Rent-A-Car, tinha a ficha limpa, que pertencia ao grupo C. Santos... (...) Era melhor trabalhar lá que para o governo... Só para ter uma ideia...
E3.75	Entrevistador: Naquele tempo...
	Utente: Tínhamos uma assistente social, quem tivesse problemas sociais, tínhamos cabaz de natal para as famílias mais carenciadas...
	Entrevistador: Portanto foi nessa que ficou...
E3.80	Utente: Fiquei e depois passaram-me para a Ives Rent-A-Car em 84. Era para tar 6 meses à experiencia, tive apenas 2 meses e piques... Passei... O meu trabalho lá foi como continuo menor que 21, depois da tropa passei para maior de 21, que era andar na rua, fazer depósitos ou fazer qualquer trabalho de rua e auxiliar o arquivo. Como viram que eu era bom a fazer arquivos de contractos de aluguer deram-me o arquivo de contas a cobrar.
E3.85	E como me portei bem deram-me o arquivo de contabilidade, e o outro que era mais simples meteram outra pessoa no meu lugar. E então a nível de arquivo sou um “ex libris”, tive lá 3, 4 anos no arquivo até que, o economato e património era do mesmo chefe, a pessoa que lá tava foi-se embora, passei para economato e património e tive 23, 24 anos no economato e património.
E3.90	Entrevistador: Portanto saiu o ano passado...
E3.95	Utente: Saí o ano passado... e depois tive os dois últimos anos, não chegou bem a 2 anos, naquela fase que tive no Car Control, em português controlo de viaturas, tratava de manutenções, tudo o que fosse necessário e classificava as facturas de reboques de acidentes (...) (explicação de como

Desemprego e trajectos de exclusão social

	funcionava) ...
	Entrevistador: Tinha um trabalho de grande responsabilidade...
E3.100	Utente: E depois com a perseguição ainda era pior. Depois era do género... (...) 6 coisas para explicar, explicavam-me 3... Só para você ver...
	Entrevistador: Era mesmo para dificultar a vida...
	Utente: Foi mesmo... nível de economato e património comprava tudo para aquela empresa menos viaturas. E fornecia a todo o continente e ilhas...
E3.105	Entrevistador: E diga-me uma coisa está inscrito no C.E.?
	Utente: Tou.
	Entrevistador: E está receber algum subsídio?
	Utente: Recebo, 815,76...
	Entrevistador: Recebe portanto o subsídio de desemprego, só?
E3.110	Utente: Só subsídio de desemprego.
	Entrevistador: E de que forma, indo agora um pouco mais directo ao assunto, ainda por cima teve tantos anos a trabalhar, até que ponto afecta a sua vida pessoal?
	Utente: É assim, a nível pessoal não me está a afectar muito...
E3.115	Entrevistador: ...vida familiar, como é que gerem as despesas?
	Utente: Isto é assim, eu quando saí da Ives Rent-A-Car, eu nunca fui pessoa de muitos vícios, a minha mulher também não. Sorte é que a minha mulher tem um bom emprego, ela é enfermeira. Nós tentamos articular o máximo possível...
E3.120	Entrevistador: Portanto não notou a nível de despesas de saúde, na educação dos filhos...
E3.125	Utente: A educação dos filhos... Vamos passar aqui a manhã toda... A minha filha foi considerada a melhor do agrupamento de Carnide. Eu quis metê-la numa pública, a única hipótese que me deram foi a Gonçalves Crespo... (...) [descrição dos problemas na escola da filha] ... eu estou a fazer o sacrifício de 310 euros mensais, eu mais a minha mulher, para a ter lá, só para não estar na Gonçalves Crespo e ela continua a ser uma boa aluna (...).
E3.130	Entrevistador: Portanto, relativamente à educação já vi que faz um esforço...
	Utente: ...enorme, enorme...
	Entrevistador: ...para garantir uma boa educação aos seus filhos. E nas lides domésticas? Consegue gerir o orçamento?
	Utente: Consigo gerir, porque não sou de...
E3.135	Entrevistador: Consegue fazer uma poupança...?
	Utente: Conserteza, antigamente ia almoçar fora, agora meto a mesa na varanda e almoço fora...
	Entrevistador: E como é que é o seu dia-a-dia?
E3.140	Utente: O meu dia-a-dia é levantar-me às 6 da manhã, de 2º a 6º, tratar das minhas filhas, porque a minha mulher entra cedo no bloco, no hospital, trato das minhas filhas. E tentar ajudar a minha sogra e o meu sogro. Vou-me embora com as minhas filhas que elas entram às 8.10, a mais velha, na Pontinha. E vou levar depois a outra a Carnide. Venho para casa faço a pesquisa que eu faço diariamente, em três sites na internet.

Desemprego e trajectos de exclusão social

E3.145	Entrevistador: A procurar emprego...
	Utente: A procurar emprego, depois, quando tenho hipótese vejo nos jornais, que não vem nada, ou quase nada e depois vou tratar da minha mãe...
	Entrevistador: Tem o dia cheio...
E3.150	Utente: ...quando vem o meu sogro da fisioterapia tenho de ajudar o meu sogro, o meu sogro e a minha sogra, porque não convém ela fazer muita força. Ela tem N problemas...
	Entrevistador: Tenta ajudar em casa...?
E3.155	Utente: Tento ajudar em casa, tento apoiar a minha mãe, ando com o meu tempo ocupado...
	Entrevistador: Sim, nunca está parado...
	Utente: No meio disto, há lá uma senhora que me apoia, mas a pagar, quando tenho de ir a entrevistas. Como agora a minha mãe não podia ficar sozinha tive de lhe pagar para...
E3.160	Entrevistador: Sinto-me mal por saber disso, agradeço-lhe muito...
	Utente: ...o que lá vai lá vai... Para tar aqui... Só para você ter uma ideia...
	Entrevistador: Realmente tem que gerir muito bem...
	Utente: Tenho que gerir tenho, mas não me sinto...
E3.165	Entrevistador: Era isso que lhe ia perguntar, como é que se sente por estar desempregado?
E3.170	Utente: Não me sinto inactivo. Porque sinto que foi um mal que veio por bem. E tou no fundo de desemprego mas uma das razoes que me levou a vir para o fundo de desemprego foi por já não estar aguentar a pressão deles e a outra foi a minha mãe partiu o colo do fémur. Mas já está ultrapassado, já lhe acontecer outra a seguir... A minha mãe já tem 80 anos... Eu... Bem tou farto disto, já não aguento isto, qualquer dia vou ao “focinho a este gajo”, eu vinha com uns nervos... Os directores a defenderem os directores... Já não aguentava... Uma das grandes razões
E3.175	fazem-me uma proposta para eu vir para a rua no dia 6 de Dezembro, no dia 7 a minha mãe a levantar da cama cai e parte o colo do fémur... E eu pensei, vou tratar dos últimos dias da minha mãe. Mentira, ela já passou essa fase...
	Entrevistador: ...ainda bem...
E3.180	Utente: ...já teve à beira da morte (...) (descrição da doença da mãe e do sogro) Eu desde, até é por isso que o meu RVCC está atrasado, desde Setembro até 27 de Dezembro não fiz outra coisa... Eu posso-lhe dizer que gastei em media 80, 90 euros por mês só em parques no Santa Maria. (...) (descrição da doença da sogra).
E3.185	Entrevistador: Mas já está mais estabilizado agora...
E3.190	Utente: Já. Só para você ver... Não me sinto inútil. Há males que vêm por bem. Eu se não me tivesse acontecido isto não tinha dado apoio à minha mãe, a minha mãe não tinha recuperado tanto. Epa eu senti-me bem, ela também tratou de mim. Não tinha dado assistência ao meu sogro, o meu sogro não deve parar a fisioterapia senão fica preso, fica acamado ainda é pior... A minha sogra apoiá-la, agora desde Setembro a minha mãe...
	Entrevistador: E no meio disso tudo tem tempo para procurar emprego?
	Utente: Tenho. Quando uma pessoa quer arranja sempre tempo...

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador: Estava-me à pouco a dizer anúncios...
E3.195	Utente: ...mando anúncios na internet, vejo os jornais, peço ajuda a amigos se houver alguma coisa... À bocadinho comecei a falar dessa da Gil auto e não acabei... E faço aquilo a que me obrigam, mandar 5 currículos para empresas que como o “macaco morreu de velho” mando registado, tenho aqui o comprovativo. Eu já fiz correio, no economato e património também fiz correio e segurança na empresa...
E3.200	Entrevistador: Sabe-se mexer... Tinha muita responsabilidade.
	Utente: ...eu fui considerado o maior durante 23, 24 anos e depois considerado o maior, mas o maior filha da...
E3.205	Entrevistador: É uma injustiça, isso revolta uma pessoa... E diga-me uma coisa, acha que o local aqui dos bairros condiciona a procura de emprego?
	Utente: Se me condiciona a mim? Não! Não tenho vergonha de...
	Entrevistador: Mesmo onde procura nunca foi...?
E3.210	Utente: Não... Não tenho vergonha das minhas origens. O meu pai e a minha mãe sempre me ensinaram: nunca tenhas vergonha daquilo que és... Há pessoas que moram na Serra da Luz que dizem que moram na Pontinha (...) Não tenho vergonha nenhuma de dizer que moro na Serra da Luz...
	Entrevistador: E sente-se ou alguma vez se sentiu posto de parte por estar desempregado agora neste ultimo ano?
E3.215	Utente: Sinto-me posto de parte pelas entidade empregadoras e pela falta de apoio do IEFP, eles dão-me o subsídio e mais nada, ainda nem fui controlado por eles...
	Entrevistador: Não tem tido o apoio...
	Utente: Não...
	Entrevistador: E como é que vê o seu futuro?
E3.220	Utente: Quer que lhe seja sincero? Vejo o meu futuro muito, muito escuro... Mas como eu já passei por tanto e não tenho vergonha de fazer seja aquilo que for. E aquilo que eu já fiz também não tenho vergonha de voltar a fazer...
	Entrevistador: Já tem um historial enorme...
E3.225	Utente: Mas vergonha tenho eu...
	Entrevistador: “Vergonha é roubar e ser apanhado”, como diz o velho ditado... (risos)
	Utente: Era essa que eu ia explicar da Gil auto... Já a seguir... As pessoas é que olham para mim, já tenho 45 anos, aí é que sou mais discriminado...
E3.230	Entrevistador: Essa era uma das questões que lhe ia abordar...
E3.235	Utente: Já agora... Se não esqueço-me da Gil auto... Tão fui à Gil auto que pertence ao grupo ao Auto Industrial, eu vou lá, nem sabia que a pessoa era engenheira que tava lá, sabia que uma era o encarregado da oficina por intermédio de um amigo meu. Ia responder eu, escriturário, ia responder para distribuidor de peças. Eu chego lá à entrevista: “então é o senhor que veio, então o que é que fez até agora?” E saco do currículo o engenheiro começa a desfolhar do currículo, olha assim para mim: “você não tem vergonha de concorrer para distribuidor de peças (ainda por cima um puto novo com 30 anos) com o seu currículo?” E eu viro-me assim: “o senhor desculpe mas a Gil auto não chega ao fim do mês e paga”, ele olhou com uma cara de espanto para mim e disse: “concerteza!”. Vergonha tinha eu se andasse aqui e não me pagassem ou se andasse a roubar e ser
E3.240	

Desemprego e trajectos de exclusão social

E3.245	apanhado. Ele olhou para mim e não fez mais nenhuma pergunta (...) Moral da história, meteram um puto com 22 anos, que eu sei, para distribuidor de peças. Tenho carta profissional de pesados que não quero fazer uso dela. Disse-lhes a eles que tinha a carta: “então você tem problemas de conduzir carrinhas?” Eu respondi que não e puxo a carta. “Então porque é que você não faz uso da carta? Porque um condutor profissional... Já não tenho saúde para ser condutor profissional... (...)”
E3.250	Entrevistador: Pois, ser motorista de longo curso tem de fazer longas viagens...
	Utente: Esse... Se eu conseguisse entrar para longo, entrava já. Porque fazia 4.30 descansava 2 horas, fazia 4.30 descansava 9 horas.
	Entrevistador: É obrigado a descansar...
E3.255	Utente: Cá em Portugal não há, cá em Portugal ainda se foge muito... (...) (descrição sobre como funciona o trabalho de motorista profissional de longo curso)
	Entrevistador: Tem alguma área especial de interesse?
E3.260	Utente: De aprovisionamento... Era economato. Mas também tento como escriturário. Como eu percebo de contabilidade, nós lá trabalhávamos com dois POCs, um nacional... (...) (descrição de como funciona o POC)
	Entrevistador: E relativamente aos problemas que tem encontrado, estava-me a referir a idade...
	Utente: Olham assim para a minha idade...
E3.265	Entrevistador: Acha que é o principal factor?
E3.270	Utente: É. Posso-lhe dar um exemplo. Colegas meus que entraram no curso das Novas Oportunidades tem o 12º, apresentam a prova como tem o 12º das N.O., não é reconhecido. E é o que eles me dizem, tenho contacto com eles via internet, “Oh João se nós conseguíssemos arranjar um curso que tirasse 20 anos ou 25, éramos capaz de arranjar emprego”.
	Entrevistador: E como é que tenta dar a volta a essa questão?
	Utente: Ando à procura. Continuo à procura. Não tou parado, acredite. Não tou parado.
E3.275	Entrevistador: Vê-se que é uma pessoa activa. E tem de ser assim, parar é morrer...
	Utente: Não tenho vergonha de fazer nada... (...) (descrição das tarefas que fazia a tratar dos sogros)
	Entrevistador: E tem de ser assim...
E3.280	Utente: ...fui para o IKEA, passei nas entrevistas todas, até que me chamaram, tudo bem, mas é em part-time. Mas part-time eu não vou perder para ganhar... Eles dizem há mas agora um decreto novo... Fui ver, o fundo de desemprego não me sabia informar, fui para a S.S., daqui não sabem, daqui só sabem é receber papeis... Fui para a Afonso Costa, lá é que me conseguiram dizer alguma coisa e na internet lá fui pesquisar alguma coisa. Não dá, se eu fizesse 30 horas, o máximo é 29 horas, se fizesse 30 horas perdia automaticamente o fundo de desemprego todo (...) Sabe a que horas é que ia entrar no IKEA? Às 4 da manhã...
E3.285	Entrevistador: Que horário tão estranho...
	Utente: Pois eu ia para área de aprovisionamento...
E3.290	Entrevistador: Turnos rotativos...
	Utente: Não, eu só ia fazer reposição de material...

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador: Daí sempre à noite...
	Utente: Sempre das 4 da manhã às 8...
	Entrevistador: À noite também não é fácil...
E3.295	Utente: Eu tenho aqui a prova, se quiser posso-lhe mostrar... (...)
	Entrevistador: Eles tão sempre a renovar o staff...
	Utente: Eles querem é pessoal que ande a estudar, que já está a reformado. Que se sujeita às horas que eles querem, quando eles querem...
E3.300	Entrevistador: Para um pai de família é mais complicado esse tipo de horário...
	Utente: Mas eu sujeitava-me a isso, era a tempo inteiro, não é todos o dias que me aparece o IKEA, mas em part-time não. Ou fazia horas à borla, já as fiz e não ganhei nada com isso, ou se eles me declarassem mais que 29 horas pedia o subsídio. Não valia de nada a pena.
E3.305	Entrevistador: Então e diga-me uma coisa, inscreveu-se aqui no RVCC...
	Utente: Não, o RVCC estou a tirá-lo... Porque o RVCC já é mal reconhecido e se uma pessoa tira em núcleo é pior...
	Entrevistador: Acha?
E3.310	Utente: Acho. Eu sei de pessoas que já tiraram RVCC em núcleos, não chega a um milésimo do que estou a fazer. Ou senão apanhei um grupo de monitores muito maus. Eu por acaso tenho no meu mail, posso-lhe mostrar o meu PFA...
	Entrevistador: Não, não...
E3.315	Utente: Meu PFA tem quase 60 folhas, e é pequeno. O Plano Flexível de Aprendizagem...
	Entrevistador: Sim, sim...
E3.320	Utente: Eu estou a fazer na escola secundária de Odivelas, se tirar num núcleo, como no caso dos meus colegas, não é reconhecido. Se eu tirasse num núcleo ainda era pior, ali ainda vamos aprendendo alguma coisa... Eu tenho um monitor de Cultura Língua e Comunicação que até um ponto e vírgula me corrige. Ele é professor Doutor (...) Eu a nível Português tive que me puxar, tive de pedir a ajuda da minha mulher...
	Entrevistador: Então e diga-me uma coisa está inscrito aqui no G.E.?
E3.325	Utente: No G.E. e agora o Pedro falou-me, que eu tava inscrito à noite, para o curso de folha de calculo em Excel, que eu sou um bocadinho fraco em Excel. Ele agora falou-me que tão a decorrer e ele vai-me inscrever.
	Entrevistador: Portanto quando se inscreveu aqui inscreveu-se só para...
	Utente: ...para a empregabilidade.
	Entrevistador: E dos serviços que têm sido prestados?
E3.330	Utente: Da Paula não tenho nada a dizer...
	Entrevistador: Mas e da instituição no geral, do que tem visto...
E3.335	Utente: Acho que as pessoas deviam... todos trabalhar para a mesma frente e não cada um para seu lado. Acho que devia haver uma pessoa coerente e sabedoria aquilo que faz, isso é outra das coisas que falo no meu RVCC, saber aquilo que faz e aquilo que manda fazer como deve ser e ser o “chapa testa”...
	Entrevistador: ...sim uma mão firme...
	Utente: ...uma mão firme do centro. E dai o resto da equipa trabalhar em prol dessas ideias, dessa pessoa...
E3.340	Entrevistador: Nós temos um coordenador...

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Utente: ...cada um puxa a rede, ou puxa a brasa para a sua sardinha...
	Entrevistador: ...eu estou aqui à pouco tempo como estagiária ainda estou a ambientar-me...
	Utente: ...acho que deviam focar-se todos num sentido...
E3.345	Entrevistador: Mas apesar de tudo como é que avalia o trabalho?
	Utente: Isto é Estado, não se pode esperar melhor. Eu to a dizer isto porque eu trabalhei muitos anos numa multinacional em que nós tínhamos de seguir regras...
	Entrevistador: Naturalmente. E pretende continuar a usar os serviços?
E3.350	Utente: Continuo... Quer dizer deixei de usar quando tive aquela resposta de uma senhora que me atendeu...
	Entrevistador: Mas vai daqui para a frente ou...?
	Utente: Mandaram-me vir cá às 2º feiras mas eu às 2º feira não posso vir...
E3.355	Entrevistador: É para o Clube de Emprego... (explicação de como funciona)
	Utente: Eu vou hoje para lá às 7 da noite para o curso de Excel...
	Entrevistador: Que já começou não é?
	Utente: Eu sei já me disseram, vai a meio...
E3.360	Entrevistador: Mas já tem alguma experiência...
	Utente: O problema é fazer macro. Olhe chefe de armazém e para fiel de armazém eu tinha de saber mandarim falado e escrito e saber trabalhar com teclado em mandarim... Juro pela minha felicidade...
	Entrevistador: Aqui em Portugal?
E3.365	Utente: se não acreditar trago cá a minha mulher... No IEFP, no site oficial...
	Entrevistador: Não seria para enviar as pessoas para o estrangeiro?
	Utente: Não senhora, posso-lhe dizer, olhe para os Olivais...
	Entrevistador: (conversa sobre o anúncio)

Entrevista 4

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
	X	25	Solteira	9º ano	3	2 anos

Linha	Entrevista 4
E4.1	Entrevistador: Está a fazer algum biscate?
	Utente: Não...
	Entrevistador: Não está?
	Utente: Não...
E4.5	Entrevistador: Descreva-me o seu trajecto profissional, começou a

Desemprego e trajectos de exclusão social

	trabalhar com que idade, quais as áreas, quais os empregos mais importantes.
	Utente: Comecei aos 16 numa fábrica, depois saí fui lá para fora para a Bélgica com uma amiga minha apanhar a fruta...
E4.10	Entrevistador: E depois disso voltou?
	Utente: Voltei, tive lá um ano e meio e depois voltei. Vim cá e fiquei por cá.
	Entrevistador: Isso foi recentemente então?
	Utente: Sim, foi antes de ter a mais velha...
E4.15	Entrevistador: Disse-me que tinha que idade, peço desculpa, que não aponte...
	Utente: 25...
	Entrevistador: 25? É bastante nova. As profissões mais relevantes?
	Utente: Também fiz um curso de costura...
E4.20	Entrevistador: E porque é que voltou?
	Utente: Lá de fora? Porque tinha saudades daqui...
	Entrevistador: Não se deu bem lá...
	Utente: Não dei, estava lá sozinha, só tinha lá aquela amiga não tinha a família, é diferente...
E4.25	Entrevistador: Foi o seu último emprego?
	Utente: Foi...
	Entrevistador: E está inscrita no C.E.?
	Utente: Sim.
	Entrevistador: E recebe algum subsídio?
E4.30	Utente: Não. Recebo só o rendimento...
	Entrevistador: Não tem direito a subsídio de desemprego?
	Utente: Não.
	Entrevistador: Mas porque? Não fez descontos lá fora?
	Utente: Não, não fiz, aquilo era...
E4.35	Entrevistador: Pronto ok era só para perceber porque é que não recebe o subsídio de desemprego. Recebe, portanto só rendimento mínimo, o actual rendimento de inserção. Portanto está desempregada, tem dois filhos, e de que forma é que o desemprego afecta a sua vida pessoal e familiar?
	Utente: Afecta muito...
E4.40	Entrevistador: Consumos, saúde... Dê-me exemplos.
	Utente: Afecta nos custos, com o que eu recebo. Se tivesse a trabalhar era mais, era diferente. Sei lá e para conviver com outras pessoas, parece que já estou a dar em maluca dentro de quatro paredes...
	Entrevistador: É?
E4.45	Utente: Sim sempre à volta delas, sempre à volta delas...
	Entrevistador: Está farto em casa...
	Utente: É.
	Entrevistador: Isso tem um pouco a ver com o que lhe ia perguntar a seguir, como é que é o seu dia-a-dia desde que está desempregada?
E4.50	Utente: O meu dia-a-dia? É tar com elas, fazer às vezes o que eu tenho para fazer...
	Entrevistador: Lides domésticas...
	Utente: Ah! Isso tenho de fazer sempre.
	Entrevistador: Está a tomar conta delas portanto?

Desemprego e trajectos de exclusão social

E4.55	Utente: Sim...
	Entrevistador: Como é que se sente por estar desempregada?
	Utente: Eu? Como é que me sinto?
	Entrevistador: Sim, acabou de dizer que está farta de estar em casa...
E4.60	Utente: Sinto-me, como é que hei-de dizer? Não sei explicar... Sinto-me inferior às outras pessoas...
	Entrevistador: Sente-se ou alguma vez se sentiu posta de parte ou excluída de alguma forma por estar desempregada?
	Utente: Às vezes. De certa forma às vezes faz diferença...
	Entrevistador: Tem algum exemplo que me possa dar?
E4.65	Utente: Um exemplo...
	Entrevistador: Em alguma circunstância em particular que tenha sentido que por estar desempregada, sentiu que não pode participar em alguma actividade?
	Utente: Não é mesmo a convivência. De esparecer...
E4.70	Entrevistador: Sente uma maior pressão?
	Utente: Um bocadinho...
	Entrevistador: Estou-lhe só a dar ideias, mas seja sincera não tenha problema nenhum... E porque é que acha que não encontra emprego?
E4.75	Utente: Eu não encontrava por causa da minha escolaridade, acho que era por causa disso.
	Entrevistador: Por ter...
	Utente: Sim, por isso é que eu agora estou no RVCC...
	Entrevistador: E como é que vê o seu futuro daqui para a frente?
E4.80	Utente: Daqui para a frente? Espero passar agora para ir ao C.E. tirar um curso de equivalência ao 12º.
	Entrevistador: Então vê com boas perspectivas?
	Utente: Sim, tem de ser...
	Entrevistador: Exactamente, sempre para a frente. E como é que procura emprego? Amigos, anúncios, jornal?
E4.85	Utente: Anúncios, quando vejo algum papel a dizer “precisa-se”...
	Entrevistador: E procura com que regularidade?
	Utente: Eu? Agora com pouca porque já me inscrevi em vários sítios, quase todos praticamente... Só mais quando aparece lojas agora...
E4.90	Entrevistador: Mas houve uma fase em que procurava mais intensivamente era isso?
	Utente: Sim, ao princípio.
	Entrevistador: Agora está mais...
E4.95	Utente: Sim, porque eu não tenho onde deixar elas, e não tenho onde as deixar o dia inteiro. Uma hora ou duas tenho a minha mãe mas um dia inteiro não tenho ninguém...
	Entrevistador: Elas não vão para a escola entretanto?
	Utente: Eu inscrevi elas hoje na cresce, agora tenho esperar por Setembro...
E4.100	Entrevistador: Na procura de emprego tinha-me dito que as maiores dificuldade era a questão das habilitações. Acha que esse é o principal problema? Ou acha que há outros?
	Utente: Esse é um problema. Depois a segunda é elas. Eu fui à entrevista no Modelo eu expliquei que tinha elas que estava à espera da cresce, ele

Desemprego e trajectos de exclusão social

	disse “tá bem” mas de certeza que vai pôr outra não vai ficar à espera...
E4.105	Entrevistador: É sempre um risco...
	Utente: E é elas, é o meu problema entre aspas...
	Entrevistador: Quando elas forem para a escola é mais fácil...
	Utente: Fico mais disponível... E também é bom para elas...
	Entrevistador: Sim, desenvolvem bastante na escola...
E4.110	Utente: Esta está mais por causa da irmã...
	Entrevistador: Pois já são duas. E vive aqui no Vale do Forno ou na Encosta?
	Utente: Não, aqui no Vale...
E4.115	Entrevistador: E acha que o facto de viver aqui no Vale do Forno condiciona a procura de emprego?
	Utente: No emprego não é mais as pessoas, quando eu digo que moro no vale, porque aquilo é assim...
	Entrevistador: Tem aquele estigma...
	Utente: É...
E4.120	Entrevistador: Mas alguma vez sentiu que essa situação se passou?
	Utente: Não.
E4.125	Entrevistador: Pronto era só para saber, porque há situações assim e precisava de esclarecer. Portanto como é que espera ultrapassar essas dificuldades agora? Está a aumentar as suas habilitações, vai meter as meninas na cresce, espera encontrar emprego?
	Utente: Ah espero! Agora não. Primeiro vou tirar o curso, se eu passar vou tirar um curso com equivalência ao 12º.
	Entrevistador: Vai aumentar...
	Utente: Para encher o currículo...
E4.130	Entrevistador: É uma forma que arranjou, um mecanismo para dar a volta à questão do desemprego?
	Utente: Pois...
	Entrevistador: E porque é que procurou aqui o CLDS? Em que é que se inscreveu?
E4.135	Utente: Porque disseram-me que ajudavam em várias coisas, na alimentação... E eu vim-me cá inscrever...
	Entrevistador: Está inscrita então para apoio social e para a procura de emprego?
	Utente: Não, acho que não, não sei...
E4.140	Entrevistador: Quando se veio cá inscrever, não está recordada, se colocou também para procurar emprego?
	Utente: Acho que não, por causa delas. Eu disse à Dra. Sofia, tanto que ela já está a par da cresce que eu já disse a ela que se elas não entrarem para ver se ela consegue só pôr elas nalgum sitio...
E4.145	Entrevistador: Para poder ir trabalhar...
	Utente: Porque algumas tão em casa sem fazer nenhum e os putos estão na cresce...
	Entrevistador: O problema é esse. E a resposta que tem sido dada pela instituição, o que é que tem a dizer quanto a isso?
E4.150	Utente: Tem sido boa...
	Entrevistador: Dos serviços?
	Utente: Tem sido boa...

Desemprego e trajectos de exclusão social

E4.155	Entrevistador: Pode ser sincera porque isto... Não tenho o seu nome aqui em lado nenhum. É meramente para as estatísticas estas perguntas sobre a satisfação dos serviços... Pretende continuar a usufruir dos serviços?
	Utente: (assente que sim)
	Entrevistador: E como é que avalia de uma forma geral do trabalho da instituição no seu todo? DAV, por exemplo... Do que tem visto?
E4.160	Utente: Ah! Por acaso acho que é um projecto como deve ser, porque aqui tem muitas coisas que eu nem metade sabia...
	Entrevistador: Tem usufruído?
	Utente: Tenho...
	Entrevistador: E acha que vale a pena?
	Utente: Vale.
E4.165	Entrevistador: Estou-lhe a perguntar... Diga-me a sua opinião sincera, não esteja inibida, eu sou estagiária aqui estou oficialmente mas apenas ajudo apenas nos serviços... (conversa sobre o trabalho realizado pelo entrevistador na instituição)

Entrevista 5

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
X		47	casado	4ª classe	5	4 anos

Linha	Entrevista 5
E5.1	Entrevistador: Estava-me a dizer que estava a fazer biscate, não é?
	Utente: É tou no ferro velho.
	Entrevistador: Descreva-me o seu trajecto projecto profissional. Com que idade começou a trabalhar, os empregos mais importantes.
E5.5	Utente: Comecei a trabalhar com 13 anos no estuque, a dar serventia aos estucadores. A partir dos 17 anos já era meio oficial. A partir dos 18 mandaram-me para outro lado como quem diz quando te deram uma farda branca é estucador. E a partir daí comecei a fazer a minha profissão.
	Entrevistador: Que é?
E5.10	Utente: Estucador tradicional.
	Entrevistador: Até hoje?
E5.15	Utente: Só que o trabalho agora a partir de há uns talvez dez anos, ou pouco mais de onze acabaram com essa material do estuque profissional e então montaram com o estuque género de pladur, o chamado estucador projectado. Mas isso não é o meu ramo, tem o nome estucador mas não é estucador tradicional é projectado pela máquina. E então é esse trabalho do pladur, o “platon platon” que chamam, ou plafon.
	Entrevistador: Mas então esteve uma serie de anos a trabalhar na sua área?

Desemprego e trajectos de exclusão social

E5.20	Utente: Tive uma serie de anos a trabalhar na minha área... Sempre, sempre...
	Entrevistador: Quando é que ficou desempregado?
	Utente: Fiquei desempregado, praticamente quando... Há 4 anos pra cá que eu tou desempregado...
E5.25	Entrevistador: Mas trabalhava por conta própria?
E5.30	Utente: Não, não. Trabalhava por conta de outrem... Porque daí tenho corrido vários países, desde a idade dos 23 anos, sempre a trabalhar na minha arte. Ultimamente que eu trabalhei fora da minha arte foi no pladur para uma empresa da Progip e Graça, que é na Bélgica. Aí é que comecei a aprender a aplicar o pladur e as estruturas, comecei nesse ramo antes de ser aplicado cá em Portugal. Então andamos ai a fazer três pavilhões, são hospitais, são três hospitais na Argélia. A partir daí acabamos o contracto e fomos para o Cairo, e no Cairo tivemos lá também a fazer uns trabalhos por conta da Progip e Graça que era Belga, tivemos lá no Cairo 5 meses e depois houve lá uns problemas quaisquer com os árabes, não sei como é que aquilo lá se passou e a gente tivemos corridos de lá para fora...
E5.35	Entrevistador: ...tiveram de vir embora...
E5.40	Utente: A partir daí tive na Alemanha a trabalhar no meu trabalho, como estucador. Na Alemanha tive em Boina, em boina tive em, em tive em Colen, em Colen tive em Bern. Tive numa cervejaria nacional, que a gente chama “cervejaria nacional” tirar blocos, blocos para fazer uma escavação de uma fábrica de ferro, que era uma “cervejaria nacional” e a gente ia para lá de 5 em 5 minutos e íamos lá para baixo daquele buraco tirar aqueles blocos quentes, eles queriam fazer uma passagem por baixo. Depois ali também apanhei uma banhada vim-me embora para Portugal. Andei um ano sempre naquela zona, a mulher andava à minha procura foi quando fui para a Colen. Fui para a Colen apanhei a camioneta e vim-me embora para Portugal.
E5.45	Entrevistador: E a partir daí acabou...
E5.50	Utente: ...a partir daí tive na Inglaterra. Tive em Bristol, na Inglaterra tive lá 5 meses, mas depois havia lá um problema que era para ir ao médico e o gajo que lá tava, disse para ele:” então quando é que vamos ao médico?”, “então vamos lá amanhã”, “então tá bem”, perco o dia de trabalho para lá ir e ele andava de volta do computadores, era um gajo chamado o Anjo. Eu comecei a olhar, tão tas de volta dessa porcaria então como é que eu vou ao médico? “Ah guarda isso para a semana”, e para a semana que era uma segunda-feira a primeira do mês... (...) (explicação do problema no trabalho). Vim para Portugal, tive aqui assim... Depois estive em Hanôver, na Holanda, fiz lá um contracto de 6 meses, depois vim-me embora, depois fui para Espanha, tive lá 9 meses ou um ano ou o que é que foi, tenho ali os papeis. Depois de Espanha fui novamente para a Holanda, em Holanda levei uma banhada de 1500 euros e até hoje...
E5.55	Entrevistador: Foi a última vez...
E5.60	Utente: Foi a última vez que fiz a minha saída...
E5.65	Entrevistador: Complicado. Diga-me uma coisa está a receber algum subsídio?
	Utente: Não, tou a tratar disso...
	Entrevistador: Esta inscrito no C.E.?

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Utente: Não no fundo de desemprego não estou a receber nada...
E5.70	Entrevistador: Mas está inscrito no C.E.
	Utente: Tou, tenho aqui todos os papéis. Eu venho aqui para elas tirarem fotocópias...
	Entrevistador: Não está a receber nenhum subsídio, está a tratar agora dos papéis para receber...
E5.75	Utente: Não os papéis tão tratados, agora tem é que mandar uma carta para ir a uma entrevista também.
	Entrevistador: Ah ok!
E5.80	Utente: E eu perguntei se isto demorava assim muito tempo? Para tar assim... Eu já ando de volta disto desde o dia 17 de Setembro. No fundo de desemprego deram-me uma carta para ir ali a uma fábrica de Bolachas na Ramada, isto em Setembro. E quando eu cheguei lá a pessoa que estava indicada disse que já não precisavam do pessoal, então olhe já agora escreva-me aqui neste papel, s.f.f., qual é o motivo que eu tive aqui presente e qual é o motivo pela qual eu não fui aceite, e ele lá escreveu e meteu o carimbo... e fui ao fundo de desemprego e entreguei-lhe a carta, isto foi de manhã, à tarde fui lá e depois estava lá um sujeito, não sei se era o director ou o que era, entreguei-lhe a carta ele começou a ler a carta, rasgou a carta, mete a carta no caixote do lixo. Tira uma fotocópia, dá-me a fotocópia, mete-a dentro de um envelope, você agora váio à Loja do Cidadão e entrega isso tudo na S.S. E eu entreguei na S.S. E a partir daí tenho andado sempre a mexer nisto...
E5.85	
E5.90	
	Entrevistador: ...e ainda não recebeu nada?
	Utente: Ainda não recebi nada e agora já tá tudo como devia ser, isto é do fundo de desemprego, fui lá à entrevista...
E5.95	Entrevistador: E não está a receber mais nenhum subsídio?
	Utente: Nada, nada, nada... A Dra. Maria João sabe perfeitamente que estou com uma dívida com uma renda da casa que eu não tenho dinheiro pagar, já vai num ano e meio...
	Entrevistador: Então como é que paga as despesas da casa?
E5.100	Utente: Como é que pago? Olhe é com os biscates que arranjo para aí e agora tenho... se não for hoje ou amanhã tou com o corte de luz outra vez. E eu no dia 20 tenho de pagar a água tou com um corte de água outra vez. E onde é que eu vou arranjar esse dinheiro? Agora a empresa com quem a minha mulher andava a trabalhar, andava ali ao pé do El Corte Inglés, aquilo é num a parte do concurso, pronto a empresa onde ela trabalhava, trabalhava lá 7 anos naquela empresa e então acontece a outra empresa ganhou o concurso ganhou aquela parte ali do El Corte Inglés, que é uma clínica e ganhou o hospital em Cascais, aquele hospital novo. Quer dizer tiraram o pessoal do El Corte que estava mais perto de casa e espetam para o lado de Cascais. Porquê?!
E5.105	
E5.110	
	Entrevistador: Pois, vá-se lá saber...
	Utente: Tão se a mulher sai daqui de casa para cumprir o horário, às 2 da tarde, chega lá às 6 da tarde para sair às 8 da noite e chegar às 11 da noite a casa, então não vale a pena. Para marcar presença? E ainda não recebeu o ordenado, está com baixa e ainda não recebeu ordenado.
E5.115	Entrevistador: Está complicado, não é fácil...
	Utente: O meu filho é doente, tem uma perna toda em platina, não pode

Desemprego e trajectos de exclusão social

	fazer nada desde criança...
	Entrevistador: E não está a receber nada?
E5.120	Utente: Nada, tudo o que recebia foi tudo para ele. Agora à 4 anos para cá é que ando nesta vida. Ando na miséria. E agora quando vier a filha do meu senhorio, porque a casa era do senhorio mas com as partilhas foi tudo para os netos, é a filha pronto, tá no Canadá. O ano passado tive a falar com o genro e aquela coisa toda, eu comprometi-me pagar a renda, mas uma coisa
E5.125	é certa conforme o meu ordenado, se der para pagar a renda. Se der para pagar a renda pago-te a renda... Eu já moro ali há 32 anos. É aqui neste prédio em frente onde tá aquelas arvorezitas, moro cá em baixo onde tá ali o café. Eu morei cá no 1º andar e depois passei para o segundo, porque ele tinha dois filhos, o mais velho faleceu e eu fiquei com o dele. E agora,
E5.130	como ele vem agora, como ele me disse... mete aquilo num advogado e o advogado faz-me uma ordem de despejo. Para onde é que eu vou?
	Entrevistador: O processo já está a decorrer?
	Utente: Pois, ele já me tinha dito isso...
	Entrevistador: As técnicas aqui estão a par da sua situação?
E5.135	Utente: Elas já sabem, já foram lá a casa...
	Entrevistador: E a S.S.?
	Utente: Elas aqui estão a par da situação toda, já foram lá a casa, já tiveram a falar com a minha mulher... E a mulher desatou a chorar e essas coisas todas...
E5.140	Entrevistador: Aqui é complicado fazer alguma coisa...
	Utente: Agora pronto tava ali naquele emprego, meteram a empresa no tribunal... E eu tou nesta situação...
	Entrevistador: Portanto, o desemprego afecta a sua vida pessoal?!
	Utente: Tudo, tudo...
E5.145	Entrevistador: Para além das despesas, dê-me exemplos...
E5.150	Utente: Agora não é com o dinheiro que ela ganha que não chega a 200euros, tirar o passe e trazer qualquer coisa para casa e essa coisa toda, qual é o dinheiro que a gente fica para viver? Como eu agora ando aqui no ferro velho a ganhar 25 euros por dia, o que é isso? 25 euros por dia? Sabe o que é ferro? O ferro não é leve é pesado! Uma pessoa anda todo intoxicado com o pó... São armazéns, são caixotes e caixotes...aquilo ali cheio de lixo e velharias?
	Entrevistador: Não é fácil...
E5.155	Utente: Agora pagar 25 euros e pagar o almoço, o que é isso? Sabe o que é que ele me disse ontem?
	Entrevistador: O que é que ele disse?
E5.160	Utente: “Oh Joaquim então como é que é, passas aqui amanhã à hora de almoço?”, “Eu não posso passar, sabes bem onde é que a gente tá.” “Tão apanhas o metro e vais lá ter.” Eu? Ah não! Então 25 euros que eu ganho e ainda vou explorar aquilo que eu tenho para ir para lá? Não, nem pensar nisso. Isso é tal e qual como a minha mulher, têm o passe, vai daqui do passe de metro até ao Cais do Sodré, depois do Cais do Sodré têm que apanhar o comboio pra Cascais e depois de Cascais têm que apanhar a camioneta pró hospital..eu ando a trabalhar pra onde? pró transporte?...isto
E5.165	as pessoas é que não ?encaram? estas situações... e sobretudo..e com

Desemprego e trajectos de exclusão social

E5.170	respeito à alimentação também é a mesma coisa...agente é que sabe o que passa...agente é que sabe o que passa...porque agente é que costuma a dizer, o povo português...que eu fui sempre assim e eu hei-de ser assim, o povo português é a maior covardia que existe no cimo da terra...sofre o que tiver que sofrer, mas ta sempre com a boca calada...não vai a lado nenhum, não desabafa com ninguém
	Entrevistador: e temos que nos mexer mesmo, porque elas não vêm ter com agente sozinhos, o problema é esse.
E5.175	Utente: pois não...e eu ate disse a minha...até disse a minha, epa eu tenho que abrir a boca, eu tenho que me correr em qualquer lado..se não me correr em qualquer lado, vou buscá-lo aonde? Roubar não comecei a roubar...assaltar..também andar ai a violar a, b, c, d...andarem ai a roubar as carteiras a quem anda a trabalhar..adianta alguma coisa? Como eu às vezes tenho visto com os meus olhos nos autocarros...nem penses nisso.
E5.180	Entrevistados: o senhor parece ter motivação, mexe-se, para tentar sempre conseguir alguma coisa..que estar parado é que não.
E5.185	Utente: eu tento sempre dar a minha volta da melhor maneira que eu posso... mas agora aqui não da..agora como ando ali no ferro velho..hoje...ontem, ontem tinha dito a ele, oh Joaquim, olha que amanha de manha, na parte da manha vou falhar...epa vai lá a tua vida...eu agora se me der na cabeça, vou daqui a bocado vou telefonar pra ele...oh Joaquim, amanha contas comigo..ele diz assim...não. prontos...ta tudo outra vez...quer dizer já ta desenrascado e eu fico desempregado.
	Entrevistador: é o problema dos trabalhos assim...
E5.190	Utente: não é trabalho certo...não é trabalho certo, porque eu vejo que há ai muitas obras, muita construção aqui dentro de Lisboa, que ta completamente parado e muitas empresas a dar à falência que não...não há desenvolvimento, porque era isso que o governo devia ter feito e não faz...primeiro a construção que dá muitos postos de trabalho...e eles não
E5.195	fazem isso.
	Entrevistador. E foi logo a primeira a ser afectada, foi a construção civil, as empresas de construção civil...fecharam imensas o ano passado
E5.200	Utente: porque eles não olham a isso...eles olham a muitos postos de trabalho, mas é pra empregados de escritórios...não é pró trabalhador, pró escravo, porque nós é que somos os escravos...nós se não for a nossa próprias construção a subir... a própria construção é que têm que subir pa dar ao governo...não é o fundo de desemprego que vai nos vai auxiliar...porque nós queremos fugir disto, nós queremos era um posto de trabalho com que nós conseguíssemos viver dia a dia
E5.205	Entrevistador: Claro...ter um empregozinho garantido pra ganhar o seu.
	Utente: (...) 800 euros por mês dá-lhe alguma coisa? Eu só perguntava era ao primeiro-ministro se ele com 800 euros governava a vida.
	Entrevistador: Se eles sobreviviam...eles lá que se amanhem...o

Desemprego e trajectos de exclusão social

E5.210	problema é esse... eles estão lá e nós estamos aqui...eles não sabem como é que nós estamos aqui
	Utente: não sabem não...isso sei eu que eles não sabem, eles só sabem é de palavrar...pra andar ai a comer um bocadinho de bolo...uma coisinha de sopa...um bocadinho de bolo, pra pagar ali cinco ou dez euros
E5.215	Entrevistador: eles não sabem o que isso é...
	Utente: e muitos deles não comem tudo que estragam...e ser for um pobre lá bater a porta a pedir-lhe eles não dão...
	Entrevistador: não tem noção da realidade...não é fácil não. Então e diga-me uma coisa Sr. José, como é que o seu dia-a-dia por norma?
E5.220	Utente: o meu dia-a-dia?
	Entrevistador: Sim... o que é que faz...a sua rotina?
E5.225	Utente: então o meu dia a dia...aquilo que faço é aquilo que eu tou-lhe a explicar agora...tou em casa, ou tou ali entretido, ou vou levar o meu neto a escola quando to em casa...levo pra baixo, levo ao almoço, depois vou buscá-lo à noite.
	Entrevistador: Quando não está a fazer biscates?
	Utente: Quando não estou a fazer a nada... quando a minha mulher não ta em casa, vai fazendo alguma coisa de casa...também não pode andar toda a vida no caminho pra baixo e pra cima...
E5.230	Entrevistador: ajuda nas lides domésticas? Ajuda lá em casa?
	Utente: ela não gosta...não gosta que eu ajude
	Entrevistador: é ela só que mexe na cozinha...
	Entrevistador. Como é que se sente por estar desempregado?
E5.235	Utente: olhe...triste...e não só pela tristeza porque...nós costuma a dizer, um português sem dinheiro no bolso não faz nada...essa garanto eu.
	Entrevistador: é verdade
	Utente: há uma fatalidade qualquer e eu vejo por mim e olho pelos outros e pelas costas dos outros vejo as minhas
	Entrevistador: esse ditado, já é bem antigo
E5.240	Utente: é...porque o que diz aos outros que por dez ou vinte euros nas mãos, pensam que já são ricos que não são...eu se tiver um cêntimo, sou capaz de ter a mesma riqueza que eles têm...ta a compreender...porque pra nos que nunca tiveram um cêntimo sabemos controlar e eles com vinte cêntimos não conseguem controlar e o dinheiro é igual, têm o mesmo peso
E5.245	cá pra mim...agora só com que me sinto mais triste, triste, triste, eu costumo a dizer, é querer dar ao meu neto e não tenho.
	Entrevistador: afecta a sua família...
E5.250	Utente: Quero ter o meu lar (...) eu não tenho...se for ao banco, não emprestam porque não tenho dinheiro que cobre...essa é outra... vou fazer um empréstimo pra pagar as despesas da minha casa...da casa onde é que eu to, é preciso papeis pra aqui, papeis pra ali (...) porque o ordenado não abrange, porque uma pessoa ta desempregada e não tem contrato não tem

Desemprego e trajectos de exclusão social

E5.255	nada...porque onde é que agente vamos bater à porta...eu sinto triste por estas coisas...porque eu vejo por mim, que há pessoas aqui africanas, têm tudo mais alguma coisa e porque nós portugueses de origem daqui, não temos direito a nada.
	Entrevistador: pois...há coisas que não se sabem explicar.
E5.260	Utente: não...eu só gostava que me dissesse alguma dessas coisas assim...como é que essas pessoas africanas...têm tudo, têm apoios em todo o lado e nós como portugueses não temos apoio nenhum...nada, nada, nada, nada, nada, nada!
	Entrevistador: mexem-se...não sei explicar senhor António, sinceramente...
E5.265	Utente: porque nós somos portugueses, eles são portugueses da língua oficial portuguesa...nós somos portugueses legítimos, porque o que vieram pra aqui, foi pra estragar a vida a outros portugueses...porque há muita gente (...) veio tirar um curso, nem é por isso que os vêm tirar e são pagos de lá...é o estágio não é?
	Entrevistadores: Estágios? Alguns...
E5.270	Utente: pois...estágios e eles aqui estão-se marimbando na escola...pra serem matriculados como portugueses de origem...não é? E depois tem que dar tudo
	Entrevistador: pois...não tenho conhecimento dessas situações, não lhe posso...
E5.275	Utente: Seja polacos, seja jugoslavos, seja aquilo que for...têm tudo...eles têm tudo, agente não têm nada.
	Entrevistador: eles lá arranjam maneira de se desenrascar não sei como...
	Utente: isso é que o governo têm que pôr mão
E5.280	Entrevistador: Isso é outra história...e diga-me uma coisa...porque é que acha que não encontra emprego?
	Utente: hum?
	Entrevistador: porque é que acha que não consegue encontrar emprego?
	Utente: não consigo mesmo...com os meus grandes amigos, os meus colegas e patrões...não consigo
E5.285	Entrevistador: Mas porque é que acha? Não encontra o que lhe agrada?
	Utente: não...não
	Entrevistador: Têm feito pouca procura? Não tem resposta?
	Utente: (...) o que não me agrada ou deixar de me agradar...eu quero é que tenha um trabalho que seja fixo
E5.290	Entrevistador: Mas têm procurado?
	Utente: Tenho procurado...
	Entrevistador: Com regularidade? Constantemente?
	Utente: Até nos jornais tenho procurado
	Entrevistador: E não obtêm resposta?
E5.295	Utente: Quando fui aqui...ao vosso fundo de desemprego... lá em baixo

Desemprego e trajectos de exclusão social

E5.300	(...) o quê? Andar a pagar noventa euros por uma inscrição? Pa ir pa (...) ou pa ir pa Alemanha? Ou pa ir pa França? Isto não é uma vergonha? Isto é uma burla autêntica...então e o governo não vê isso? Têm o mexilhão...como se costuma a dizer como se costuma a dizer que há mexilhão somos nós, nós é tamos a mexer não é?
	Entrevistador: Têm que ser
	Utente: Nós é que temos que mexer...que andar a procurar pra aqui e pra acolá
E5.305	Entrevistador: Se não formos nós ninguém é...não podemos contar com...
E5.310	Utente: Isso agora uma pessoa chega ali...como vejo ai umas a mais, às vezes pedem pessoal com ferramenta própria...com máquinas próprias...então mas isso vem de onde? Eu não sou empreiteiro...eu não sou empreiteiro. Então se agente leva umas máquinas...se avaria ou se é roubada...eles não vão pagar nada disso...o próprio empreiteiro é que tem que por a ferramenta.
	Entrevistador: Mas sabe como e que é...hoje em dia é tudo diferente
	Utente: Então mas eles andam quê? Isto também é outra que vêm nos jornais.
E5.315	Entrevistador: sabe como é que é...isto o mundo muda, mudam-se os tempos, mudam-se as vontades e muda-se muita coisa.
E5.320	Utente: (...) isto ta um bocado complicado (...) vem nos jornais, olha pra este gajo...o que é este gajo anda a procura? Mas não são capazes de dizer assim...agente (...) dez euros à hora ou agente pagamos a deslocação, ou agente pagamos a alimentação, ou agente pagamos o transporte ou se não viemos cá buscá-los, eles não dizem isso...eles querem é que agente vai...e depois chega ali...então qual é o contrato? Ah...você tá aqui uns dias à experiencia...ai é? Oh filho...eu já sou velho pas experiencias...eu já sou velho para experiencias.
E5.325	Entrevistador: então mas diga-me lá uma coisa...acha que não encontra emprego em parte por causa da sua idade...
	Utente: e agora vai ser muito mais difícil...isso agora a idade que uma pessoa têm, eles agora querem é os jovens...os jovens não aprenderam nada.
E5.330	Entrevistador: os jovens também estão na mesma situação...
	Utente: os jovens não aprenderam nada...metem qualquer máquina nas mãos dos jovens...eles não sabem.
	Entrevistador. A vida está má pra todos...uns de uma maneira outros de outra.
E5.335	Utente: sabe como é que eu dizia na engenharia civil? Quando andavam lá os engenheiros e perguntava qual era a pressão da quantidade de material que agente fazia...do estuque e eles são os técnicos...são os técnicos e eles ainda hoje estão pa saber...quem sabe somos nós!

Desemprego e trajectos de exclusão social

E5.340	Entrevistador: têm a experiencia...
E5.345	Utente: Qual é a quantidade de cal, qual é a quantidade de água, qual é a quantidade do gesso, qual é a quantidade... de...da...do tempo que leva, do tempo de aplicar, do tempo de afagar, do tempo (...) aquilo do estuque é muita complicado e se calha uma pinga da cal na vista...tamos sujeitos a ficar cegos...é uma coisa com responsabilidade e eles não sabiam ainda hoje não sabem.
	Entrevistador: Experiencia dos anos...
E5.350	Utente: e a queimar a cal dum bidon...que aquilo é a ferver...fica a ferver a mais de trezentos e tal graus (...) mexer a cal quando devia de ser...ta em (...) de arrebentar um bidon.
	Entrevistador: Não é fácil...não é fácil...
E5.355	Utente: (...) e eram andaimes altos...que era tudo em madeira, sujeito a partir uma pleia ou o andaime devastar e agente andar por cima das tábuas sujeitos a levar com uma tábua...isto tudo isso é complicado a vida (...) é por isso é que eu digo...actualmente os jovens de hoje...antigamente é que eu digo a construção civil dá muitos postos de trabalho porque uma pessoa que seja...que sai de uma escola ou que tenho catorze ou quinze anos e que queira aprender uma arte têm um homem ao lado pra lhe explicar...olha faz isto assim...assim, mas cuidado, mas têm que tar essa pessoa ao pé...tem
E5.360	que tar ao pé pa explicar como é que se faz isto...como é que se faz aquilo...como é que se faz o outro, que é pa ir com calma que é pa subir no dia-a-dia, sempre por ai fora... pois agente quando vê que uma pessoa ta prática...agente tiró, tira daquelas...tira daquelas partes das tinas ...agente tiró dali e vais pró pé de nós...porque é um servente prático, por ali já começa a fazer uma aprendizagem...olha vais pa uma casa de banho ou vais pa uma dispensa e vais praí “arrebantar” e depois eu vou-te mirar a ver como é que ele endireita as (...) e aquela coisa toda...a partir dai vê-o agente puxa pás paredes...ora como é aprendiz já vai ser... (...)oficial (...) isto é tudo à base de escalão e atão quando vai pa (...) oficial vai pás
E5.365	paredes...ele vai pás paredes, as paredes assim compridas ora quando vai a ali pas paredes agente vê...vais andando à minha frente que eu depois que eu depois vou dando na parte de trás...vou-te ajeitar...ou senão vais pa aquela parede sozinha e vais ver o que é que tu sabes fazer e daí é que vamos tirar e depois é o visivelmente dos braços e a...e ele riu-se é que agente anda sempre abaixo e acima o corpo anda sempre
E5.370	assim...sempre...sempre, sempre, sempre, sempre pa aquele lado...quando agente ver que ele já sabe atacamos que isso é uma coisa que...nas molduras...têm que se saber pregar a régua nas molduras...têm que se saber como é que o molde..fica...fica apertado ou fica folgo tem que se
E5.375	saber como é que se corre a moldura...o molde
E5.380	
	Entrevistador: Têm muita...muita
	Utente: se o molde vão pra dentro... ou se o molde vai pra dentro ou vai pa

Desemprego e trajectos de exclusão social

	fora e têm que ser a correr não pode ficar devagar...tem que ser a correr
	Entrevistador: Pronto... lá está...é um trabalho que exige muita precisão
E5.385	Utente: E tem que saber cortar os cantos e essa coisa toda...a partir daí se souber fazer furões...furões, é o que trabalha no centro dos candeeiros e as tabelas...tudo...essas coisas todas e todo esse...se souber fazer isso é um escalão profissional...a partir daí pode ele, pra onde ele quiser ir...isso é tal e qual como aqui há uns anos...não sei se ainda existe ou não, que era
E5.390	a...essa um emprego não sei que...profissional...
	Entrevistador: Cursos profissionais?
E5.395	Utente: Curso profissional...porque havia muita gente...que ia lá pó pé da...pó pé de nós...que eu andei à frente de certos trabalhos de hotéis...andei na quinta do lago...que era um...o hotel Sheraton, andei na...nas baleias e fiz este...andei no... aqui no Barcelona ao pé do...do português (...) português, foram dois ali ao lado e o último que eu fiz foi aqui na...na praça da alegria...onde é que é o coiso do parque Mayer.
	Entrevistador: Sim...sim...sei onde é que é a praça da alegria.
E5.400	Utente: Aí foi o último que eu fiz e então meteram lá malta...que vinha lá do...do...coisa...do postos... pré-profissional ou o que é isso...
	Entrevistador: cursos profissionais...
	Utente: Ah! Agora ensinar a um rapaz não é a mesma coisa que ensinar a um homem.
	Entrevistador: E esses cursos também já são mais práticos que os outros.
E5.405	Utente: como é que se fazia...não...é porque eles foram os próprios a dizer...eles foram... eram o próprio a dizer mesmo a nós e à nós dissemos...epa...eles... os rapazes coitados disseram assim...é totalmente aquilo que eles explicaram agente é totalmente daquilo que vocês fazem cá fora.
E5.410	Entrevistador: Diferente...
	Utente: é muito diferente...muito diferente... muito diferente
	Entrevistador: É a teoria é a parte...do escrever e do ler da teoria e da prática que é estar ali...no local
E5.415	Utente: aquilo têm que ser umas práticas...umas peças tão pequeninas e aquelas coisas todas...agente é que explica como é que há-de fazer...como não é... aquelas coisas todas...porque os trabalhos que eu conheço não é só empurrar paredes.
	Entrevistador: sim...sim...não têm que ter precisão.
E5.420	Utente: Não é trabalho de tectos...estilo (...) várias maneiras de trabalhar...chega ali um presidente, um arquitecto ou um engenheiro...tá aqui esta planta...atão você sabe...sabe fazer isto? Sei, vou...vamos lá ver...agente faz...faz aquela coisa de parvos...vamos lá ver como é que você quer isto...depois há lá aquelas seguradoras...ainda tenho uma que me recordo tão bem...tão bem...a Maria José Saraiva Carvalho...uma das
E5.425	maiores seguradoras em Portugal...pois mandaram-me fazer umas...umas

Desemprego e trajectos de exclusão social

	abobadas...que ela não me sabia explicar...que tipo de abobadas ela queria.
	Entrevistador: Conseguiu fazê-las?
	Utente: Não fiz porque... não fiz porque (...) tava farto de faze-las.
	Entrevistador: Já tinha experiencia...lá está...
E5.430	Utente: E então e ela dizia assim...eu escrevi lá na parede...mas as abobadas é com quê? É com quatro ou é com oito? Assim tipo de chapéu...tipo chapéu...agente abre o chapéu não é? O chapéu (...) as abobadas como tá naquelas arcadas ali no...na Praça do Comercio...
	Entrevistador: sim...sim...sim!
E5.435	Utente: Ora aquilo...as abobadas são feitas em quatro partes...então e o arco? Vamos lá ver onde é que fica o arco...ora...não dava medidas, aquilo era uma escala...era uma escala...aquilo era... não tinha metros era uma escala...e então... então lá o...amostrador que era o Julião (...) ta aqui o papel...ela bem quer...ela vai a procura é de revistas e memoriza aquilo...é
E5.440	de revistas e depois é aquilo que ela vê...cada vez que ela lá ia (...) é que dava o papel e então agente é que fazia os arcos...porque agente fazia as formas...mandava fazer as formas em madeira com as medidas...com as medidas pra sessenta ou setenta centímetros...a medida do arco com
E5.445	setenta centímetros do pilar...porque tinha um pilar ao lado e um pilar ao outro e formava-se o arco e depois quando tiver no arco formava-se as abobadas...as abobadas eram feitas assim e embocava em bico e era tudo ao balde.
	Entrevistador: isso deve dar bastante trabalho...
E5.450	Utente: era tudo ao balde... porque ficava assim...ficava assim e depois a outra...e ficava assim ao balde...ficava tudo e morria tudo em bico...
	Entrevistador: um bocado trabalhoso
	Utente: ao meio...ao meio...agora é tudo em bico e encostado às paredes fazia assim em arco.
	Entrevistador: Hum...hum...sim...sim...
E5.455	Utente: (...) aquilo era tudo pendurado ao tecto...era com arame e era alinhado com fita e encher-se que é pa aquilo não cair e depois tinha umas luzes indirectas também que é abertas leva o molde corrido...mas têm uma caixa aberta onde leva as lâmpadas por trás dessa parede e faz reflexo que pas abobadas.
E5.450	Entrevistador: E têm gosto naquilo que faz...to a ver...têm gosto...têm gosto naquilo que faz...
	Utente: Eu gosto...eu gosto muito da minha arte...e foi uma arte que eu sempre gostei e que sempre adorei de fazer...
E5.455	Entrevistador: Gostava portanto...gostava de que...o trabalho que procura, queria qualquer coisa ou tinha preferência na sua área.
	Utente: Eu tinha sempre mais preferência na minha área...
	Entrevistador: Pois é normal...
	Utente: Sempre...sempre...sempre...sempre...sempre.

Desemprego e trajectos de exclusão social

E5.460	Entrevistador: Então e acha que é o facto de tar aqui a viver no bairro que faz com que tenha dificuldades em arranjar emprego? Alguma vez recebeu alguma nega por ser...por tar no bairro?
	Utente: Não eu aqui no bairro...to num ponto que da pa me deslocar em qualquer parte.
E5.465	Entrevistador: Portanto...não...não é isso que lhe impede de arranjar emprego?
E5.470	Utente: Não...não é isso que me impede de arranjar emprego...agora só me impede de arranjar emprego porque na empresa com que eu andava...também quando eu...quando fizeram a cidade nova aqui em Lisboa...e eu andei ali (...) andei a por aí (...) que é ali na rua Castilho andei também lá em contrato...a fazer de berrador, que faz parte também da minha arte...tudo essas coisas fazem parte da minha arte...
	Entrevistador: São trabalhos manuais...
	Utente: O pladur faz parte da minha arte...tudo essas estruturas, porque antes de aparecer isto já agente fazia estruturas em arame...
E5.475	Entrevistador: Era manualmente...
E5.480	Utente: Era tudo assim...fazia tudo parte do nosso ramo. E então andávamos ali na cidade nova, o patrão com que eu andava ia para Évora, ia para Beja ia para Estremoz ia para o Algarve, era conforme os pontos de trabalho que eles tinham, iam para Cascais, iam para Sesimbra, iam para Sintra, andava sempre a correr com eles... Pagava as pensões, e a gente ficava na pensão, pagavam-nos o almoço só vínhamos no fim-de-semana para baixo. Não me impedia de nada. Agora como eles começam a dizer, um gajo tem trabalho...pagam uma pechincha e como é que uma pessoa se vai deslocar (...)? Eles não têm...
E5.485	Entrevistador: Pois não, está mau para todos. E diga-me uma coisa, alguma vez se sentiu discriminado por estar desempregado?
	Utente: Não, nunca me zanguei com um patrão nunca abandonei um patrão...
E5.490	Entrevistador: Mas se sentiu posto de parte, por alguma razão, mesmo nas suas actividades do dia-a-dia? Se alguma vez se sentiu discriminado por estar sem empregado?
	Utente: Parte de discriminado de quê?
	Entrevistador: Posto de parte nas actividades do bairro...
E5.495	Utente: ...não, não, não. Eu por tar aqui ou tar ali ando sempre à procura. Quando encontro com A,B,C,D falo com eles, “epa então onde é que andas?”, “epa eu andava em tal sitio mas agora tá na mesma” (...) (dificuldade em perceber o discurso).
	Entrevistador: E tem algum currículo feito?
	Utente: Como?
E5.500	Entrevistador: Tem algum... Sabe o que é que é um currículo?
	Utente: Currículo?

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador: Um currículo, umas folhinhas onde tem tudo escrito (a computador) onde já trabalhou, o seu histórico e o que é que fez na sua vida toda.
E5.505	Utente: Ah isso não tenho... Acho que já me fizeram isso ali em baixo quando fui à procura de trabalho...
E5.510	Entrevistador: Isso é importante, sabe que há empresas que valorizam muito a experiência e eles antes de uma entrevistas recebem esses currículos, para verem o perfil o esse historial da pessoa... Este tem experiencia nisto, nisto, nisto e nisto...olha é isto que a gente procura e depois chamam e passam à entrevista. Nós temos aqui o Clube de Emprego à segunda-feira e está lá um técnico...
	Utente: ...sim, eu já fui lá...
	Entrevistador: ...e já foi fazer o seu?
E5.515	Utente: ...já fui lá, tava ali uma senhora...aqui à dias encontrei-a...ela ficou em vista de me telefonar por causa desse tal emprego dos 90 euros e havia também para vários sítios mas essas vários sitio era a mesma empresa...
	Entrevistador: Ah!
E5.520	Utente: Ainda à bocado tive ali com o jornal da bola, tive a ver e não veio lá nada, que é o Record, mas o Correio da Manhã, vou dar uma volta e vou ver outra vez...
	Entrevistador: Portanto uma das maneiras... Como é que procura emprego? É nos anúncios, jornais, amigos?
E5.525	Utente: É nos anúncios e nos jornais...
	Entrevistador: Como é que vê o seu futuro daqui para a frente?
E5.530	Utente: Olhe como vejo...olhe é como diz o outro... Enquanto eu tiver vida e saúde, que é o mais principal que eu desejo a mim e à família, ainda vou tentando equilibrar-me agora quando eu não puder... Não há mais nada... Porque eu tenho um problema comigo que é uma hérnia discal, já vem desde Holanda... Da primeira vez que eu fui para a Holanda... fazer um esforço físico, a subir uma escada tipo caracol... (...) [descrição do acidente que lhe provocou a hérnia].
E5.535	Entrevistador: E diga-me uma coisa, essas dificuldades que tem tido para encontrar emprego... O que é que pretende fazer? Vai continuar à procura?
	Utente: Eles agora não pagam o ordenado suficiente que é, que é mesmo assim, agora pode haver um biscate aí assim e eles chegam ali “olha pagote 35 euros”, “o quê pah? Tu és maluco agora vou tar a trabalhar uma dia ou dois para ganhar 35 euros?”, não vale...
E5.540	Entrevistador: ...não vale a pena...
	Utente: se um gajo disser... (...) (não se percebe) tenho aqui trabalho para 2 meses, paga quê? olhar começa assim a6 euros para o almoço... Vou dar 11 ou 12 euros para o almoço... (...) (explicação de como os patrões fazem as contas). Eles dizem que pagam o almoço mas não pagam, quem paga o

Desemprego e trajectos de exclusão social

E5.545	almoço somos nós... Eles é que não vêem isso...
	Entrevistador: Pois e são despesas também...
E5.550	Utente: Eles não vêem isso porque antes de eles andarem ao de cima da terra, já a gente cá andou... porque a gente costuma dizer, o patrão quando a gente vai para um lado qualquer... porque a gente quando sai daí num raio de 50 km já são obrigados a pagar as horas seja aquilo que for... Tamos a sair de um local para outro...
	Entrevistador: Têm de pagar mais...
	Utente: Têm de pagar as deslocações, tanto para lá como para cá... E eles não pagam...
E5.555	Entrevistador: Deviam pagar... Não está nada fácil...
	Utente: Além disso quando é para longe, alguém há-de ser responsável pelo dinheiro para pagar os almoços... Mas tem de apresentar a factura a ele...
	Entrevistador: Se fosse só isso...
E5.560	Utente: Agora se ainda desse trabalho... "biscatada" ou coisa assim, chama-se isso trabalho de remodelações, é remodelar a casa, a pessoa tá a viver numa casa "Ah não gosto disto vou modificar a casa" é esses que fica a "fermentar", pagam o almoço só para não virem. Ou senão a gente leva o almoço e vamos comer onde? Vamos aquecer onde? Né? Nas obras a gente levava almoço... (...)
E5.565	Entrevistador: Diga-me uma coisa, aqui em relação à instituição, porque é que procurou o CLDS?
	Utente: Porque é que procurei?
	Entrevistador: Sim, porque é que se veio inscrever?
E5.570	Utente: Eu procurei aqui a ver se havia meios de dar-me um apoio de alguma coisa...
	Entrevistador: Está inscrito em quê? Emprego? E mais?
	Utente: Eu tou inscrito... Em parte de emprego e da ajuda...
E5.575	Entrevistador: Apoio social, inscreveu-se em apoio social. E a resposta que a instituição lhe tem dado? Tem-lhe agradado, não tem?
	Utente: A resposta por enquanto é agradável. Por isso é que ando com isto para a frente. Ela é que me dá os passos...
	Entrevistador: Como é que avalia o trabalho dos técnicos da instituição?
	Utente: Ela aqui, a Dra. Maria João, ele é que me tem dado...
E5.580	Entrevistador: Eu estou a falar dos técnicos, mas da instituição no seu todo, o trabalho feito para com o senhor. O que é que acha disso?
	Utente: Acho bem, era uma das coisas que faltava aqui no bairro...
	Entrevistador: Tem ajudado não tem...
E5.585	Utente: Por enquanto tem ajudado essas voltazinhas todas, algum problema que eu às vezes faço complicação... eu ando com a cabeça de uma certa maneira que nem sei como é que eu ando... a pensar na vida pronto... que é mesmo assim. Às vezes tenho tado aí meses e meses a meses e não tenho

Desemprego e trajectos de exclusão social

	nada. Em casa não tenho nada, a mulher quer ir ao médico não tenho nada, quero comprar umas bombas para o meu neto não tenho...
E5.590	Entrevistador: Não havendo dinheiro...
	Utente: O que é que a gente há-de fazer? ...na vida? E então tenho vindo aqui procurar a ver se me ajudam de alguma coisa, porque vem aqui tanta gente, tem apoio para tudo porque é que eu não hei-de ter?! E vou à mesma situação... (que o utente descreveu acima)
E5.595	Entrevistador: Sim, sim... Então e pretende continuar a usar os serviços da instituição? Pretende continuar a usufruir...?
	Utente: Eu continuo sempre aqui, ainda foi o mês passado deram-me o apoio da alimentação. Que eu fui lá e nem tava à espera nem tava a contar..
	Entrevistador: (explicação de como funciona o DAV).

Entrevista 6

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Quanto tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
	X	49	sol.	9º ano	1	12 meses

Linha	Entrevista 6
--------------	---------------------

Desemprego e trajectos de exclusão social

E6.1	Entrevistador: Está a fazer algum biscate?
	Utente: Nenhum, tenho o rendimento mínimo.
	Entrevistador: É isso que lhe ia perguntar. Está inscrita no C.E.?
	Utente: Estou aqui em Loures, estou a receber 210 euros.
E6.5	Entrevistador: Está a receber o RSI? E não recebe subsidio de desemprego?
	Utente: Não.
	Entrevistador: Mas não recebe porque não tratou dos papeis, não teve direito...?
E6.10	Utente: Não porque fui eu que saí do emprego na altura.
	Entrevistador: Consegue-me resumir, mais ou menos, o seu trajecto profissional? Os empregos mais relevantes? Onde é que começou a trabalhar? Onde é que passou mais tempo?
E6.15	Utente: Comecei já há uns anos bons. Empregada de balcão que é a minha profissão, que é o que eu gosto mesmo, já fiz um pouco de tudo. Para já comecei por brincadeira, numa lavandaria porque gosto de engomar... por brincadeira mesmo, isto há mais de 15 anos, há mais de vinte e tal anos, depois deixei... Depois fui trabalhar para um café, depois deixei. Também, felizmente na altura, também não precisava muito, era mais para não tar em casa.
E6.20	
	Entrevistador: Mas andou sempre a saltar?
E6.25	Utente: Não, tive um tempo bom, não me recordei quanto tempo agora, mas fiquei praí 2, 3 anos fixos nesse café na Amadora. Vivía na Buraca na altura, depois saí. Por causa de uma amiga que era toxicodependente, para ajudá-la, já a tinha ajudado várias vezes mas aquela tinha de ser mesmo... Já estava num estado crítico e pa mim aquilo fazia-me muita confusão...aquilo então saí do café para a levar para fora... Não adiantou muito, perdi o emprego e não adiantou nada.
	Entrevistador: O que conta é a intenção não é?
E6.30	Utente: Exacto. Depois deixei, não trabalhei, tive muito tempo sem trabalhar, depois comecei como empregada de balcão também depois deixei...não gostei, não me recordei bem. E à 6, 7 anos mais ou menos, fui trabalhar para a Iberna, que é uma firma de limpezas hospitalares, comecei no Amadora Sintra, pedi transferência porque eu morava na Ajuda na altura, pedi para o hospital militar. Depois tive um “blá, blá, blá”, com uma supervisora que não era supervisora, mas a mania que era uma supervisora e eu não gosto que me ponham o pé em cima. Eu sei fazer o meu trabalho e não gosto que me digam assim, assim, assim. Tá certo, tá correcto, tá feito. Ponto final, parágrafo. Então pedi ao chefe para me passar para a Estefânia, felizmente adorei. Mas como os problemas andavam muitos, muitos, muitos, muitos... entretanto acabei com o meu ex, pedi um crédito na Cofidis para vir morar para aqui, aquilo para mim era muito confuso
E6.35	
E6.40	

Desemprego e trajectos de exclusão social

	porque foi a primeira vez... estas coisas todas...então faltava ao trabalho, resultado: rua! Faltas injustificadas, quase 4 anos na IberLimpa...
E6.45	Entrevistador: Foi o seu último emprego?
E6.50	Utente: Foi! Não. Não. Entretanto depois uma amiga minha arranjou-me para o hospital S. Francisco Xavier empregada de balcão. Tive lá 3 meses ao fim de 3 meses foi aí que eu saí, portanto vai fazer uma ano... Um desentendimento com uma menininha que ainda usa fraldas, mas enfim, fez-me “passar da tampa e tchau” eu preferi vir-me embora. Foi um erro, grande, grande, grande que eu nunca mais me vou esquecer na minha vida.
	Entrevistador: Foi o seu último emprego até agora?
	Utente: Sim, foi até agora.
E6.55	Entrevistador: E de que forma o desemprego afecta a sua vida pessoal e familiar, em que aspectos?
	Utente: Muito! Muito! A minha vida pessoal...
	Entrevistador: Em termos de saúde, habitação...
	Utente: Em termos de habitação porque pago 200euros de renda de casa e o subsídio é de 210euros...
E6.60	Entrevistador: É complicado...
	Utente: É muito complicado... Fora água, luz, comer...
	Entrevistador: Fora despesas...
	Utente: Fora despesas e o crédito que tenho de pagar na Cofidis...
	Entrevistador: Ainda mantém...
E6.65	Utente: Que remédio e tou a tentar pôr para eles e não para outro lado mas vai complicando, vai aumentando de um lado...não pode ser... O meu filho também não me pode tar sempre ajudar. Ainda ontem recebi uma mensagem dele a dizer que tá complicado, a ver o que é que ele pode fazer mas tá muito complicado. Ele também tem a vida dele com o filho, tá muito complicado a vida...
E6.70	Entrevistador: Tem de gerir muito bem as coisas...
	Utente: Tenho de gerir... Até Agosto não tá fácil, mas vamos esperar para ver a resposta dele...mas tá muito complicado...mas muito complicado mesmo...
E6.75	Entrevistador: Sente que o desemprego afecta também a nível dos consumos, o seu estilo de vida não? Alterar a sua rotina?
	Utente: Tive de mudar tudo... Mudei...
	Entrevistador: E como é a sua rotina agora?
E6.80	Utente: É tar em casa. Pra já não tenho dinheiro não posso ir para lado nenhum. Não tenho passe. Às vezes o meu filho ainda me compra o passe para andar a pé, para andar à procura, para não estar à espera do C.E.,né? Vou-me mexendo “praqui, pracolá”, quando posso. Agora não porque não tenho passe, não tenho dinheiro mesmo porque não dá. Tou em casa, não saio de casa.
E6.85	Entrevistador: Quando pode vai à procura...

Desemprego e trajectos de exclusão social

E6.90	Utente: Quando posso vou à procura, claro que sim, vejo no jornal, se tenho dinheiro no telemóvel ligo. Depois não é só o telefonar...uma pessoa tem que lá ir e depois “a gente depois telefona a dizer alguma coisa”, tá quieto. E depois a idade não ajuda muito, a partir dos 35 anos já somos velhos, infelizmente é o que eles pensam. Temos muita capacidade, além dessas menininhas novas que em não tiro o valor a elas, de maneira alguma, mas nós também temos capacidades bem maiores que elas.
	Entrevistador: A experiencia profissional...
	Utente: A experiencia profissional bem maiores...
E6.95	Entrevistador: O problema começa a afectar velhos e novos. Entre os 25 e os 35 é aquela idade que eles preferem. Como é que se sente por estar desempregada?
E6.100	Utente: Mal! Porque gosto de trabalhar, não gosto de tar em casa, tar parada. Depois complica-me com muito. To a tirar o curso de T.I.C. daqui...
	Entrevistador: Na Encosta...
E6.105	Utente: Sim, exacto. Há duas semanas que não vou, “ando a sem cabeça” e para ir não vale a pena...ainda agora disse à Dra. Sofia, para tar lá e não tar aprender. Só estou a prejudicar-me a mim própria. Porque duas semanas faz diferença...
	Entrevistador: Perde o encadeamento da matéria...
	Utente: Exactamente. Quando “não ando com cabeça” não vale a pena. Depois refugio-me em casa, também é mau! Ando a passear com o meu cão... [conversa sobre os seus animais domésticos]
E6.110	Entrevistador: E as razoes pela qual acha difícil arranjar emprego?
	Utente: A idade... É o principal sem dúvida. É o que eu vejo, não vejo outro. É assim, para trabalhar é para trabalhar. É par fumar um cigarro é para fumar um cigarro, é para descansar um bocadinho...tudo bem, na boa.
	Entrevistador: Tem motivação...
E6.115	Utente: Tenho muita...
	Entrevistador: É o que é preciso. Acha que viver no bairro condiciona?
E6.120	Utente: Acho que não, moro lá à 3 anos e só falo com duas pessoas. Conheço o João que também anda aqui, que agora também está empregado felizmente...tem duas doenças que vão ficar para o resto da vida... (discurso sobre a vida pessoal do vizinho). E é uma vizinha minha, trabalha no hospital Pulido Valente, também já andou lá a perguntar a ver se me encaixa na limpeza ou na cozinha mas não...
	Entrevistador: E tem enviado currículos?
E6.125	Utente: Enviei dois currículos. Para trabalhos um bocadinho diferentes, é de limpezas mas de andares numa residência ou num hotel qualquer... Foi entregue e fiquei à espera... Saber esperar é uma virtude, eu vou esperar mas as coisas vão complicando e não é fácil.
	Entrevistador: Alguma vez se sentiu posta de parte?

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Utente: Como? Em termos de?
E6.130	Entrevistador: Deixar de participar em actividades da comunidade? dos consumos? Do mercado de trabalho?
	Utente: Não, não vejo as coisas desse prisma.
	Entrevistador: E perspectivas para o futuro?
E6.135	Utente: Não faço a mínima ideia! Eu vivo o dia-a-dia, saio daqui nem sei o que me acontece... Por exemplo vim das S.S., quando tratei do rendimento mínimo, fui a uma entrevista com uma doutora e a vir para cá eram dez para a uma da tarde, não me esquece mais, tava quase a chegar a casa...fui assaltada por um preto. Roubou-me a minha pulseira. Tava quase a chegar a casa...
E6.140	Entrevistador: À luz do dia...
	Utente: Tava a uns 20 metros de minha casa. Eu ainda gritei, tava uma senhora à janela, tava um cão grande na rua mas nada. Tenho pavor a pretos, eu sou angolana, tenho família preta e eu não posso ver um preto (discurso algo discriminatório sobre os indivíduos de raça negra)
E6.145	Entrevistador: Foi recente esse episódio?
	Utente: Foi. Então eu comecei a receber o rendimento mínimo o mês passado só, porque ainda tinha residência na Ajuda...
	Entrevistador: Estava a tratar dos papeis...
E6.150	Utente: Não podia porque tinha de mudar o B.I. e não tinha dinheiro para tratar do B.I., por acaso até foi um sobrinho meu que foi com ele ao Odivelas Park, ele pagou tudo bem... A partir daí comecei a tratar de tudo... Quer dizer à um ano que estava desempregada mas só em Janeiro é que meti os papéis, dia 19 de Janeiro foi quando entrou, e fiquei sem receber até ao mês passado. Foi quando recebi 600 e poucos euros, mas só 470 foram de enfiada para a Cofidis. Quer dizer doeu um bocadinho. Há um ano que não pago a renda de casa, por acaso o meu senhorio é compreensível. De água nem quero falar, tenho 500 e tal euros de água, quase 600 já veio o outro recibo. Tá por estimativa, porque a gente é que tem de ligar porque eles agora não vêm cá, eles não fazem a contagem, a gente é que faz para eles. Mas eu agora não posso porque tenho aquele dinheiro todo, porque há quase um ano que não pago. Ainda não sei como é que ainda não me cortaram, não faço a mínima ideia. Já me fui informar posso fazer em duas prestações, é meio por meio., mesmo assim é muito complicado meio meio, se fosse várias... Antigamente podia-se, fui-me informar, disseram-me que sim, agora é meio por meio... Luz! Luz 87,10 euros para pagar...
E6.155	
E6.160	
E6.165	
	Entrevistador: Acumula tudo...
	Utente: A Cofidis tenho agora 140 para pagar. 140 com mais 87 já não me chega o rendimento mínimo.
E6.170	Entrevistador: Não chega...
	Utente: De maneira nenhuma. Então e o resto? Por isso é que ainda agora

Desemprego e trajectos de exclusão social

	mandei mensagem ao meu filho e ele ajuda no que pode mas também não dá. Tem as despesas dele, tem o empréstimo da casa para pagar...
E6.175	Entrevistador: Quando procura, como é que procura emprego? Jornais? Amigos?
	Utente: Umas vezes amigos, outras pelo jornal e é assim.
	Entrevistador: E vai lá acima ao Clube de Emprego?
	Utente: Sim, sim já lá fui. Foi de lá que enviei os dois currículos. Tenho meu mail lá, foi lá...
E6.180	Entrevistador: Tem sempre alguém lá para a ajudar a procurar e enviar...
	Utente: Pois, porque eu também não sei muito bem...
	Entrevistador: (explicação por parte do entrevistador da importância em ir ao Clube de Emprego) E com que regularidade é que procura emprego?
	Utente: Depende, é quando eu posso mesmo, é quando eu posso...
E6.185	Entrevistador: É quando tem disponibilidade...
	Utente: Disponibilidade tenho-a toda, é quando posso a nível monetários para puder andar de um lado para outro, é só assim...
	Entrevistador: Que tipo de emprego é que procura? Na área? Qualquer coisa? O que gosta?
E6.190	Utente: Qualquer coisa, o que vem agora é bem-vindo. O que eu gosto é empregada de balcão, é mesmo aquilo que eu gosto.
	Entrevistador: Atendimento ao público...
E6.195	Utente: Adoro! Adoro! Adoro! Aliás os meus pais tinham um café, viemos de Angola para cá, o meu avô (que Deus tem) alugou um café, entretanto faleceu e a minha mãe ficou com o café e ficou uns bons anos... E eu fui criada mesmo assim...
	Entrevistador: Já tá habituada a cafés e ao público...
	Utente: Gosto, gosto! É isso que eu gosto. Fora isso é o que vier.
E6.200	Entrevistador: E tem encontrado algum tipo de dificuldades para além da idade?
	Utente: Não, só dizem que ligam e não ligam. Também já lidei com criancinhas, no centro Alencer, no Restelo...
	Entrevistador: Já tem um currículo extenso...
	Utente: Ui...!
E6.205	Entrevistador: Isso é bom, já tem muita experiência...
E6.210	Utente: Lavandaria, empregada de balcão e mesas, limpezas hospitalares, os meninos. Também já fui a uma entrevista em Sto. António dos Cavaleiros (num externato). Pronto fui lá e ficou em águas de bacalhau. É que vou, gasto dinheiro e depois fica em águas de bacalhau. O problema tá aí. Depois de uma chega a outra, olha desmotivada. E depois não quero saber. Não quero saber e acabou. Seja o que vier, é que depois chega a uma altura que não há paciência. Eu não vou à informática por isso. No entanto, gosto muito. Tive a tirar um curso há uns anos atrás, ainda vivia na ajuda, pelo centro de emprego de Alcântara, na altura estava inscrita, de idosos e de

Desemprego e trajectos de exclusão social

E6.215	deficientes mentais, muito bom, muito bom mas não cheguei ao fim.
	Entrevistador: Não gostou de lá estar?
	Utente: Gostei, não cheguei ao fim, não consegui terminar. Muito pesado, muito forte.
	Entrevistador: É preciso ter estômago...
E6.220	Utente: É preciso ter um estômago muito... para aguentar e eu não aguentei mesmo. Sou muito sensível, a mais pequena coisa para mim... (descrição sobre o curso) E depois tive um desentendimentozinho com o psiquiatra de lá, ele devia tentar... já que é psiquiatra, devia ter uma mentalidade e maneira de tratar diferente as pessoas. Saltou-me a tampa também. E depois não aguentei. Para além de não ter aguentado o curso, porque era muito intenso. Com ele já nem valia a pena, porque eu já nem conseguia olhar para ele. E eu quando não consigo, já na vale a pena.
E6.225	
	Entrevistador: E relativamente aos serviços da instituição?
	Utente: Não tenho razão de queixa...
E6.230	Entrevistador: Porque é que procurou o CLDS?
	Utente: Foi o meu amigo “João” que me trouxe...
	Entrevistador: Em que é que se inscreveu?
	Utente: Só na informática...
	Entrevistador: Vinha à procura de formação para aumentar...
E6.235	Utente: Não, não. Quando me inscrevi é que ele disse “olha vai para informática também” e lá fui, foi a única coisa...
	Entrevistador: A resposta oferecida dos serviços
E6.240	Utente: Até à data não tenho razão de queixa, ainda não me ajudaram muito. Também pedi para o banco alimentar, porque sempre é uma ajuda, a Dra. Sofia disse-me que daqui não podem porque já não pertence aqui. Tou à espera do banco alimentar...
	Entrevistador: [explicação de como funciona o DAV]
E6.245	Utente: ...a Dra. Sofia falou também em termos de sapatos ou roupa. Mas eu sei que há pessoas que precisam mais do que eu. A minha nora também me dá muita coisinha, em termos de roupas e malas. Tive com eles na Páscoa e não têm nada. Quando tem dá-me [discurso trivial sobre roupa].
	Entrevistador: E como avalia o trabalho aqui dos serviços?
	Utente: Não tenho razão de queixa, dentro do possível ajudam-me... Tasse bem... Não tenho problema nenhum até à data. Vamos ver...

Entrevista 7

Caracterização sociocultural do inquirido

Desemprego e trajectos de exclusão social

Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Quanto tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
	X	43	Sol.	Não sabe ler/escrever	5	2/3 anos

Linha	Entrevista 7
E7.1	Entrevistador: Está a fazer algum biscate/algumas horitas?
	Utente: Não estou a fazer nada.
	Entrevistador: Pode-me descrever o seu trajecto profissional? Os últimos trabalhos e/ou os mais importantes?
E7.5	Utente: Primeiro comecei a trabalhar na cozinha.
	Entrevistador: Com que idade mais ou menos?
E7.10	Utente: Ah! Então aí é mais cedo. Comecei a trabalhar com 12 anos, mas estava a servir em casa de senhoras. Aí depois aos 19 anos é que fui para a cozinha, para a copa e depois passei a fazer comida. Depois foi fazer limpezas em escritórios e isso...
	Entrevistador: Mas sempre na mesma empresa?
	Utente: Não, fui variando. Acabam os contractos e mandam embora.
	Entrevistador: Ou seja, o seu último emprego foi nessa área?
	Utente: Foi, há 2 ou 3 anos atrás.
E7.15	Entrevistador: E esteve lá quanto tempo?
	Utente: Tive lá 2 ou 3 anos... 2 anos e meio...
	Entrevistador: E porque saiu?
E7.20	Utente: Eu saí para ir para a cozinha para ganhar mais, para o restaurante, porque davam a comida. Só que depois o restaurante não deu nada. Tive lá um mês e aquilo foi abaixo.
	Entrevistador: Fechou o restaurante?
	Utente: Sim. (assente que sim)
	Entrevistador: E está inscrita no Centro de Emprego?
	Utente: Tou.
E7.25	Entrevistador: Recebe algum subsídio?
	Utente: Não. Não recebo porque quando fui embora desse...e calhou aquele trabalho e não fui fazer o pedido, né? Mas depois já não dava para fazer.
	Entrevistador: Portanto está há dois anos sem receber nada...
E7.30	Utente: Não, não! Tou a receber rendimento mínimo, comecei agora. Estou há dois meses a receber rendimento mínimo.
	Entrevistador: E chega-lhe? É suficiente para gerir as suas despesas?
	Utente: Na altura chegava, agora eles cortaram, né?
	Entrevistador: Cortaram?!
E7.35	Utente: Eu estava a receber quinhentos e tal e agora meteram trezentos e quarenta e tal... e agora vão baixar para os duzentos e vinte, foi a carta que trouxe para a Dra. Cristina ver.
	Entrevistador: Estão-lhe a baixar os rendimentos?
E7.40	Utente: Porque eu, ainda por cima, a minha filha tem mais um filho...cresceu a família... Em vez de aumentar tá a baixar [o rendimento].
	Entrevistador: Tem de ir ver porque está a baixar, tem de ir tratar disso...
	Utente: Por causa do abono.

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador: Ah!
	Utente: Mas o abono não tem nada a ver, o abono é das crianças...
E7.45	Entrevistador: Sim...sim...
	Utente: É para o gasto das crianças, porque o abono que eles dão também não dá para criança comer, né? Sabe que eles dizem que estamos em crise de dinheiro já...
	Entrevistador: Está a receber o rendimento à quanto tempo?
E7.50	Utente: Estou a receber há dois meses. Voltei lá novamente...
	Entrevistador: E antes de receber o rendimento? Não recebia mais nada?
	Utente: Nada. Só o abono.
	Entrevistador: Tinha subsídio?
	Utente: Nada. Só o abono.
E7.55	Entrevistador: Então como é que sobrevivia? Fazia biscates?
	Utente: Não, só o abono dos miúdos.
	Entrevistador: E conseguia gerir a sua vida assim?
	Utente: Que remédio tinha eu, né? Eram pessoas que ajudavam na comida e isso tudo...
E7.60	Entrevistador: Com ajuda de familiares?
	Utente: Não, familiares não. Pessoas vizinhas que moravam ao pé de mim.
	Entrevistador: Então e de que forma é que o desemprego está a afectar a sua vida? Mudou muito?
E7.65	Utente: Tudo. Tá a afectar tudo. E agora ainda por cima não posso trabalhar, né? Porque a minha filha teve bebé à pouco tempo e eu fiz um acordo com a Segurança Social, enquanto a criança não tiver 6 meses. E esse acordo eu tenho de cumprir. E se eles começam a cortar o que é que eu vou fazer com a minha vida?
	Entrevistador: Mas continua à procura de emprego?
E7.70	Utente: Ham?
	Entrevistador: Agora por enquanto está parada, por causa do seu neto...
	Utente: Mas continuo à procura de emprego, eu não posso tar desempregada...
E7.75	Entrevistador: E afecta-a a que níveis? Os consumos lá em casa? Nas despesas?
	Utente: Tudo... afecta tudo.
	Entrevistador: Abrange todas as áreas.
	Utente: (Consentimento com a cabeça)
	Entrevistador: E o que é que faz no seu dia-a-dia?
E7.80	Utente: No meu dia-a-dia? De manhã tenho de ir levar os miúdos à escola, tenho a Marta e o Rodrigo, que têm 9 anos. E tenho meu neto, que tem 2 anos e sou eu que tou encarregada deles, para levá-los e buscá-los porque ela [a filha] tem um pequenino. E é vir aqui [ao CLDS] às coisas que me mandam chamar. E agora vou fazer a escola também.
E7.85	Entrevistador: Vai fazer o curso de alfabetização?
	Utente: Sim, porque eu quando ia para arranjar trabalho, era uma dificuldade que eu tenho, é não saber ler nem escrever.
	Entrevistador: E isso hoje em dia ajuda muito para arranjar qualquer coisa que seja. Vai então começar a frequentar o curso?
E7.90	Utente: Sim.
	Entrevistador: Então, mas estava-me a dizer, levanta-se de manhã, vai

Desemprego e trajectos de exclusão social

	levar os miúdos à escola... Antes de ter a seu cargo o seu neto procurava emprego, não procurava?
	Utente: Procurava.
E7.95	Entrevistador: De que maneiras?
	Utente: Preenchia folhas, eu nem sei preencher, né? Mas preenchiam-ma e nunca mais me chamavam, porque não sei ler nem escrever, a pessoa preenchia a folha...
E7.100	Entrevistador: Então mas como é que procurava? Nos anúncios, nos jornais?
	Utente: Ia aos centros comerciais para limpeza...
	Entrevistador: Procurava uma coisa específica então?
	Utente: Sim...
	Entrevistador: Sempre na mesma área...[limpezas]
E7.105	Utente: Sim, porque a pessoa não sabe ler nem escrever...
	Entrevistador: Tem que limitar...
	Utente: Claro, não vou procurar para computadores nem para escritórios, nem pensar né? Mesmo assim nunca me chamam.
E7.110	Entrevistador: E como é que se sente? Como é que se vê a si própria desempregada?
E7.115	Utente: Vejo-me mal, uma pessoa precisa de trabalhar. Aquele dinheiro, o rendimento não dá para nada. Porque se dizem que o rendimento dá...só se for para aquelas pessoas que não querem trabalhar. Eu tenho de trabalhar. Mesmo aquele rendimento, que eles me estavam a pagar, cinquenta e tal euros não chegava para nada. Para quem tem crianças em casa não chega. Uma pessoa vai comprar fraldas, vai comprar tudo para as crianças...
	Entrevistador: Não chega...
	Utente: A criança agora come, vai beber leite e o leite dele é caro, e eu não posso dar leite de vaca.
E7.120	Entrevistador: Sim, é. As latinhas são caras. E diga-me uma coisa porque é que acha que não encontra emprego?
	Utente: Eu acho que é por não saber ler e escrever.
	Entrevistador: Acha que é uma das dificuldades que encontra?
	Utente: Eu acho que sim.
E7.125	Entrevistador: Limita. Pois...
	Utente: Porque quando me mandam preencher a ficha, eu digo que não sei preencher, preciso que alguém me preencha e a pessoa fica logo...
	Entrevistador: É posta de parte?
E7.130	Utente: A pessoa já é posta de parte. Não sabe ler nem escrever o que é que vem aqui fazer? E para trabalhar para a cozinha e para fazer limpezas não precisa de saber ler e escrever. Tá bem que os materiais têm rótulos e isso tudo... Agora fui fazer uma ficha para a cozinha, sempre fichas, nunca tive problemas e pedem tanta coisa. Pedem carta de condução, tem que ter o 9º ano, uma pessoa não tem o 1º quanto mais o 9º ano!
E7.135	Entrevistador: Hoje em dia é assim, é tudo assim, é tudo igual para toda a gente. Ainda vai a tempo de tirar o curso de alfabetização. E que tipo de estratégias, que maneiras é que arranja para superar o desemprego, para dar a volta a essas questões? Vai tirar o curso de alfabetização, vai continuar à procura?
E7.140	Utente: Vou continuar à procura, porque eu tenho de procurar mesmo...

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador: E vai procurar na mesma área?
	Utente: Na mesma área como?
	Entrevistador: No mesmo ramo?
E7.145	Utente: Tem que ser, né? Porque também com a 4ª classe ninguém vai mudar para o escritório, nem para computadores, acho eu...
	Entrevistador: Acha que o bairro é um impedimento para arranjar emprego? O facto de morar aqui?
E7.150	Utente: Eu já senti isso foi no Feira Nova quando fui lá pedir, na altura, eles disseram que não davam emprego a pessoas aqui do bairro da Urmeira, nem da Serra da Luz...quando eu dei a minha morada, eu perguntei...acho que houve problemas com pessoas que trabalhavam lá do bairro da Urmeira. A mim disseram-me isso, pessoas que eu fui buscar pa...para fazer a ficha... (repete o mesmo argumento).
E7.155	Entrevistador: Então e depois desse episódio sentiu-se, ou alguma vez se sentiu posta de parte? Sentiu-se inferior? À parte das outras pessoas que estão empregadas?
	Utente: Então não hei-de sentir? Agora ponha-se no meu lugar: você não trabalha, tem uma família inteira em casa para comer, né? Que o dinheiro não estica, mesmo assim o dinheiro que to a receber não chega...
E7.160	Entrevistador: Mas sentiu em alguma situação em particular posta de parte? Sentiu-se olhada de lado? [dificuldade em fazer-me perceber]
	Utente: Dizem que a pessoa não quer trabalhar, não é a pessoa não quer trabalhar, a pessoa não pode trabalhar! Não tem trabalho!
	Entrevistador: A má-língua?
E7.165	Utente: A pessoa que não quer trabalhar, quer é o rendimento mínimo. A mim não me interessa o rendimento mínimo, isso não me interessa, o dinheiro que eles tão a dar não me interessa. Eu prefiro trabalhar. A gente por exemplo..."ah ela não trabalha porque recebe o rendimento mínimo!"
E7.170	Aquele rendimento quem devia "comer" aquele rendimento era o Presidente, ou as pessoas que lidam com os pobres que acham que o rendimento chega. Eu gostava de ver o Presidente a gerir a família dele com aquele dinheiro que dão às pessoas.
	Entrevistador: Ui! Isso é que era bonito.
E7.175	Utente: Ainda dizem que vão arranjar maneira de meter as pessoas... Não metem, metem ainda mais para baixo. Eu acho que é assim, não sei...
	Entrevistador: Não é fácil. Acha que um emprego com um contrato na sua área ia modificar a sua vida?
	Utente: Pois claro, eu sempre trabalhei! não era agora que não ia trabalhar!
	Entrevistador: Que alteração ia a sua vida sofrer? Mudava de casa?
E7.180	Utente: Isso mudar de casa não que o dinheiro não ia chegar, para mudar de casa não posso porque o dinheiro não vai chegar. E eu já mudei de casa, né? Eu não tava ali. Agora to nesta casa, mas antes tava noutra casa mais barata, agora tou numa mais cara.
	Entrevistador: Um emprego ia mudar muito a sua vida?
E7.185	Utente: Acho que sim, na minha e nas pessoas que vivem comigo. Porque as pessoas que vivem comigo vivem do rendimento que eu recebo, estão todas ao meu encargo. Porque se eu não tiver dinheiro para aquelas crianças sou eu que tenho de arranjar não é mais ninguém. Não é a senhora nem mais ninguém.

Desemprego e trajectos de exclusão social

E7.190	Entrevistador: Os principais beneficiários iam ser as crianças?
	Utente: São as crianças. Porque a gente passa bem com um prato de sopa, eles não. Eles têm de beber iogurte, têm de beber leite.
	Entrevistador: Então e expectativas para o futuro? Como é que vê o seu futuro?
E7.195	Utente: Eu por enquanto não vejo nada.
	Entrevistador: Não tem nada em vista?
	Utente: (Acena que não)
	Entrevistador: Como é que se vê a si própria enquanto desempregada?
	Utente: Sinto-me mal. Eu preciso de trabalhar...
E7.200	Entrevistador: Sente-se angustiada, triste?
	Utente: É assim que eu me sinto...
	Entrevistador: Como é que procura emprego? Com que regularidade?
	Utente: Ia sempre... [barulhos de fundo, não se percebe]
	Entrevistador: Mas todas as semanas, meses?
E7.205	Utente: Eu ia sempre procurar, a sítio em que eu sabia que havia sítios para pedir. Só que até hoje não houve respostas nenhuma.
	Entrevistador: Mas procurava todos os dias ou quando procurava?
	Utente: Não, ia quando encontrava e falava com pessoas que trabalham. Com conhecimentos é que a gente arranja trabalho não é no jornal. Porque eu não sei ler nem escrever não vou procurar num jornal...
E7.210	Entrevistador: Pois... tinha de falar com pessoas conhecidas...
	Utente: Eu tenho de procurar e perguntar às pessoas conhecidas. Porque agora ponha-se no meu lugar, não sei ler nem escrever, olhar para o jornal para ler o quê? Só se for os bonecos que tão lá no jornal... É o que eu quero explicar... Eu ia procurar de uma maneira que é a pessoa dizia, “há pessoas ali que pedem...”, e eu ia ver.
E7.215	Entrevistador: Em relação à instituição, porque é que nos procurou?
	Utente: “Porque é que nos procurou?”
	Entrevistador: Em que é que se inscreveu?
E7.220	Utente: Eu inscrevi-me em tudo...
	Entrevistador: Inscreveu-se em emprego, formação, apoio social?
	Utente: Tudo o que tinha lá no papel eu pus tudo.
	Entrevistador: E acha que as respostas dadas têm ido de encontro ao que procurava? Como é que está a correr? O que é que acha?
E7.225	Utente: Por enquanto, aqui no grupo que eu estou não tenho razão de queixa.
	Entrevistador: E sabe como é que as coisas aqui funcionam?
	Utente: Sim...
E7.230	Entrevistador: Que tipo de ajudas tem, de que forma é que ajudamos as pessoas?
	Utente: É assim, eu tou aqui à pouco tempo. Mas para o que eu tenho pedido ajuda e quando eu peço ajuda às pessoas que eu conheço aqui... não é as pessoas do grupo. [refere-se ao grupo de utentes que frequenta o Clube de Pais]
E7.235	Entrevistador: Está a falar das técnicas?
	Utente: Das técnicas... Não tenho razão de queixa. Porque eu quando preciso de alguma coisa é a elas que eu vou recorrer. Já nem é à Segurança Social, pronto dantes era na Segurança Social. Mas para mim eu prefiro

Desemprego e trajectos de exclusão social

	este grupo que está aqui.
E7.240	Entrevistador: Pergunto-lhe isto porque as pessoas às vezes vêm à procura de ajudas monetárias.
	Utente: Sim, mas eu sei isso.
	Entrevistador: [Explicação por parte do entrevistador como funciona a instituição]
E7.245	Utente: É isso que eu sei. Eu sei que não me vão arranjar uma casa, não vão-me dar arranjar dinheiro...
	Entrevistador: Se encontrarmos alguma coisa comunicamos...
E7.250	Utente: Eu isso tudo sei, eu sei como é que agem aqui. Eu estava a falar no sistema de pessoa precisar de ajuda, pronto eu não sei ler nem escrever, tenho de recorrer a uma pessoa que saiba. Eu por acaso tenho elas, na altura não tinha, não sabia.
	Entrevistador: Tinha de ir para a Segurança Social...
	Utente: E para ir à Segurança Social, não sei se sabe, a gente tem de ir para lá dormir...
E7.255	Entrevistador: Horas a fio...
	Utente: E mesmo assim para não ser bem atendido mais vale tar em casa.
	Entrevistador: É verdade, a loja do cidadão tem imensa gente. Então e como é que avalia o trabalho delas? Gosta?
	Utente: Eu gosto!
E7.260	Entrevistador: E pretende continuar a usufruir dos serviços?
	Utente: Sempre que puder eu venho cá. Se me marcarem uma hora eu to cá até antes da hora se for preciso. Só se eu tiver que ir a algum lado. Se uma criança ficar doente... Ou eu ficar doente, mas de resto não tenho razão de queixa...
E7.265	Entrevistador: Claro, naturalmente...
	Utente: Desde que to aqui, eu tenho resolvido os problemas que eu preciso resolver, eu resolvo aqui.
	Entrevistador: Com a ajuda delas...
	Utente: Com ajuda delas...
E7.270	Entrevistador: E diga-me só mais uma coisa para eu perceber melhor. Está inscrita no curso de alfabetização...
	Utente: Eu to inscrita em tudo o que lá havia.
	Entrevistador: Mas o que é que tem agora? Está receber produtos alimentares?
E7.275	Utente: ainda não tá, ainda não to a receber. Fiz o pedido e agora tenho de esperar.
	Entrevistador: Pois, tem de aguardar...
	Utente: A gente não entra e recebe logo...
E7.280	Entrevistador: [Explicação de como funciona o Banco Alimentar] Portanto, neste momento está a participar no clube de pais?
	Utente: E agora vou para a coisa da escola, ainda não comecei, era para começar ontem mas como tinha uma consulta... Não deu, vou começar amanhã.
	Entrevistador: Pronto, da minha parte é tudo.

Entrevista 8

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Quanto tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
	X	50	Sol.	Não sabe ler/escrever	5	2/3 anos

Linha	Entrevista 8
E8.1	Entrevistador: Neste tempo de desemprego, tem estado a fazer algum trabalho/biscate?
	Utente: Não.
	Entrevistador: E antes de estar nesta situação o que é que fazia?
E8.5	Utente: Trabalhava num escritório, prai uns dois anos. Trabalhava umas horas, três horas. Ganhava duzentos e tal euros por mês.
	Entrevistador: O que fazia lá?
	Utente: Limpava.
	Entrevistador: E a senhora fazia descontos e tudo mais?
E8.10	Utente: Não, o homem não fazia desconto. Era só três horas. Não fazia desconto.
	Entrevistador: E antes desse emprego fazia outras coisas?
E8.15	Utente: Não, era só em Cabo-Verde que eu trabalhava, era para lavar roupa e fazer coisas assim para criar os meus filhos. Mataram o pai dos meus filhos...
	Entrevistador: Está cá há quanto tempo?
	Utente: 12 anos.
	Entrevistador: E nesses 12 anos trabalhou só nesse tempo e o resto do tempo ficou desempregada?
E8.20	Utente: Desempregada, eu e os meus filhos.
	Entrevistador: E nunca fez assim umas horas?
	Utente: Era só no escritório que eu trabalhava...
	Entrevistador: O tal escritório, nunca fez descontos?
	Utente: Não...
E8.25	Entrevistador: Está inscrita no Centro de Emprego?
	Utente: Sim...
	Entrevistador: E nunca a chamaram?
E8.30	Utente: Chamaram uma vez, eu fui lá mas a senhora disse que o meu problema é que eu não sabia ler e escrever, era o meu problema e nunca mais me chamaram. E também nessa altura tava a fazer muitas análises, exames essas coisas. Porque eu tenho a tenção alta e tava com um problema na coluna. Levei os papéis e a senhora disse que não sabia o que havia de arranjar, porque eu tava naquela situação, sempre no hospital...
E8.35	Entrevistador: Assim é mais difícil de encontrar... E a senhora não recebe nenhum subsídio?
	Utente: Nunca! Nunca desde que to aqui. Nunca!

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador: Nem RSI? Nem apoio da Segurança Social?
	Utente: Nunca! Nunca eu recebi nada!
	Entrevistador: Então como é que sobrevive?
E8.40	Utente: A gente passa bué de mal, porque é só com os abonos dos miúdos
	Entrevistador: Recebe os abonos das crianças? São quantos?
	Utente: São três.
	Entrevistador: A senhora disse que o agregado familiar são seis, portanto é a sua mais quem?
E8.45	Utente: Mais três netos e duas filhas.
	Entrevistador: Uma delas trabalha ou não?
	Utente: Não. Tá tudo lá em casa, tão inscritas, não sei para quantos sítios.
	Entrevistador: Esta situação no fundo como é que a afecta? A sua vida pessoal e familiar?
E8.50	Utente: Há sempre stress. Eu nem sei como é que a gente sobrevive, é muito mal. Eu desenrasco-me sempre com o meu senhorio que é um senhor muito bom. Às vezes quando eu preciso de uma bilha de gás, eu vou lá falar com ele... ele sempre desenrasca. Depois quando recebo o abono dos
E8.55	miúdos eu tento lá ir entregar. Os dois da minha filha mais velha recebeu cento e quatro euros e esse bebé recebe cento e setenta e qualquer coisa, o pai está preso. E esta que está aqui também foi preso à dias [o pai]...dava uma ajuda para o leite para o bebé...
	Entrevistador: Na Segurança Social? É o que lhe dão?
	Utente: A Segurança Social é só o abono...
E8.60	Entrevistador: Então onde é que lhe dão o leite? Disse que a Segurança Social dava leite...
	Utente: Não, o pai quando tava desempregado, quando podia, dava alguma coisa, mas agora está preso.
	Entrevistador: Há sim o pai.
E8.65	Utente: Isto tá mesmo mal. Eu nem sei... Às vezes levanto de manhã porque tenho mesmo de levantar...
	Entrevistador: Então e o que é que faz durante o dia?
E8.70	Utente: Durante o dia tou lá em casa, ajeito a casa. Nem máquina para lavar a gente tem. Temos de lavar a roupa à mão. Vamos fazendo qualquer coisa para desenrascar.
	Entrevistador: Trata das coisas da casa é isso?
	Utente: Sim.
	Entrevistador: E não costuma sair um bocado? Ir passear?
E8.75	Utente: Às vezes quando não tá a chuva, a gente vai até ao Odivelas Park dar uma volta.
	Entrevistador: A senhora tem cá família ou amigos com que partilhe alguma coisa?
E8.80	Utente: Tenho uma irmã na Amadora e mas ela também tem filhos e está tudo desempregado. Foi à dias que encontraram emprego, já estavam inscritos à muito tempo, e a minha irmã também, ela também tem residência [visto de residência], ela foi trabalhar já faz dois meses.
	Entrevistador: Como é que se sente por não encontrar emprego?
	Utente: Sinto-me uma inútil, na situação que estamos.
	Entrevistador: O que é que acha que as outras pessoas acham disso?
E8.85	Utente: As outras pessoas?! Eu falo por mim, eu sei o que eu passo. Nem

Desemprego e trajectos de exclusão social

	quero imaginar os outros.
	Entrevistador: Não me fiz entender, a senhora acha-se no fundo uma inútil, e como é que acha que as outras pessoas pensam de si?
	Utente: A mim?
E8.90	Entrevistador: Sim, o que é que acham as outras pessoas por não ter emprego?
	Utente: Talvez, como isto tá, o desemprego, para as pessoas mais novas custa aparecer, quanto mais para uma senhora que vai fazer 50 anos.
	Entrevistador: Acha que é por isso que não encontra emprego?
E8.95	Utente: Talvez, por causa disso...
	Entrevistador: Mas os seus vizinhos, o que é que eles acham dessa situação, eles sabem que está desempregada?
E8.100	Utente: Elas sabem, até disseram que eu devia fazer uma carta para a S.S., para ver se dão ajuda. Elas ajudam, tem uma vizinha que ajuda sempre que lá vai um filho. Ele trabalha e quando trás alguma coisa para a mãe ela leva sempre lá alguma coisa para dar uma ajuda. Porque ela disse que a gente tem de pedir, porque desde que tou aqui nunca fui inscrita para receber nada, a não ser aqui, era para eu fazer uma carta para mandar e eu já fiz [refere-se ao CLDS]. E até foi aqui mesmo.
E8.105	Entrevistador: E ainda não recebeu resposta?
	Utente: Nada...
	Entrevistador: Estas coisas demoram algum tempo também...
	Utente: Graças a Deus sou uma pessoa que leva fé, vai demorar mais um dia, Deus há-de me abrir uma luz para algum lado.
E8.110	Entrevistador: Portanto acha que não encontra emprego essencialmente por causa da idade?
	Utente: Por causa da idade, já vou fazer 50...e também por causa de eu ter sempre a tensão alta, não dá para subir para locais muito altos que começo logo a ter tonturas.
E8.115	Entrevistador: Acha que o sítio onde mora tem alguma influência no facto de não encontrar emprego?
	Utente: O sítio onde a gente vive as pessoas falam muito, estão sempre no café...
E8.120	Entrevistador: Acha que isso é importante, para arranjar emprego ou não? Se a senhora disse que morasse noutro sítio acha que arranjava emprego mais depressa?
	Utente: Talvez!
	Entrevistador: Acha que sim?
E8.125	Utente: É o que tenho dito sempre aos meus filhos. A gente diz “tá sempre aqui no mesmo sítio, nunca vamos mudar de sítio”, talvez se a gente tivesse noutro sítio podia haver alguém que dava uma ajuda mas aqui as pessoas são todas iguais. Tá tudo lá sem fazer nada, sempre na rua. Eu não que eu não gosto. Prefiro tar em casa a ver T.V. do que tar no café ou na rua. Eu não tenho cabeça para nada.
E8.130	Entrevistador: Pois, fica desesperada... E alguma vez se sentiu discriminada?
	Utente: Não! Isso não! Onde eu vou as pessoas tratam-me com respeito. Já ouvi outras pessoas a falar mal do sítio onde vão, mas eu nunca senti isso. Eu nunca senti discriminação. Sou muito bem recebida. Onde vou as

Desemprego e trajectos de exclusão social

E8.135	<p>peessoas falam-me com respeito.</p> <p>Entrevistador: Considera que se arranjasse um emprego isso modificava muito a sua qualidade de vida?</p> <p>Utente: Claro!</p> <p>Entrevistador: Em que aspectos?</p>
E8.140	<p>Utente: Não faltava nada para os meus netos e filhos. Para mim já me dava uma ajuda.</p> <p>Entrevistador: São muito básicas aquelas coisas que sente falta...</p>
E8.145	<p>Utente: Um pouco que a pessoa tenha já ajuda, porque todos os meses já sei até onde alcançar [refere-se ao salário], porque eu sei o que eu tenho e com o dinheiro dos meus netos já dava muita ajuda mesmo.</p> <p>Entrevistador: A senhora mudava de casa se tivesse dinheiro para isso?</p>
E8.150	<p>Utente: Ah! Eu estou a pedir a Deus para a S.S. fazer um jeito para arranjar dinheiro para pagar ao senhorio a renda da casa. Depois eu ia procurar noutro sítio. Porque eu não me estou a sentir nada bem. Parece um “peso na casa”. Eu já nem consigo estar ali.</p> <p>Entrevistador: E procurava outra casa aqui ou noutro bairro?</p> <p>Utente: Procurava noutro sítio, aqui já não. Já estou há 12 anos aqui na serra.</p> <p>Entrevistador: Não gosta de morar aqui.</p>
E8.155	<p>Utente: Eu gosto. Eu gostava de tar aqui na serra, mas a gente tem de mudar de sítio para colaborar (conviver) com outras pessoas para conhecer outras pessoas, para falar com outras pessoas, talvez que tenham mais influência. Na Serra não tem nada de especial. Se a pessoa não puder chamar a ambulância, tem de ser em Odivelas, se a pessoa não tiver dinheiro no telemóvel tem que procurar num café. E só para ligar para um táxi a pessoa paga muito.</p>
E8.160	<p>Entrevistador: É complicada a vida aqui...</p>
E8.165	<p>Utente: É! Eu já tou há 12 anos aqui, estou inscrita no Centro de Saúde, nunca tive médico de família para consultar. Agora tem lá um médico de cor, já lá fui algumas vezes, nunca fui... às vezes as pessoas falam mal das pessoas de cor. Mas eu sou mais bem atendida pelas doutoras brancas. E este médico que é da mesma cor que eu não gosto dele.</p> <p>Entrevistador: E acha que isso tem a ver com a cor dele?</p>
E8.170	<p>Utente: Não! Não! Eu estou a dizer que às vezes sou mais bem atendida, sinto-me mais bem a ser consultada por outro médico do que com ele. Porque eu chego lá com dor de cabeça e se sofro de tensão alta todas as vezes que vou à consulta tem de medir a tensão para ver se está boa ou não. Eu chego lá o homem nem faz isso... Ele diz “ah tem de tomar isso...”. Eu disse que se venho para aqui é porque tou a sentir a tensão alta... Se eu tivesse 1 euro eu ia à farmácia para medir, mas eles lá não têm um comprimido para dar para pôr de baixo da língua. Se venho para aqui [ao centro d saúde] é porque preciso de ser atendida... [desabafos sobre o médico de que a senhora não gosta]</p>
E8.175	<p>Entrevistador: E como é que vê o seu futuro? Daqui para a frente?</p>
E8.180	<p>Utente: Olhe para ser sincera, eu nunca perdi a esperança. Eu sinto que não vou morrer nisso. Eu tenho muita fé, um dia há-de mudar tudo.</p> <p>Entrevistador: Temos de ter esperança, não é?</p> <p>Utente: Tem de ser, a esperança é a última a morrer.</p>

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador: E como é que a senhora procura emprego?
E8.185	Utente: A gente compra o jornal, às vezes, quando tem dinheiro no telemóvel a gente liga e quando atendem dizem para lá irmos que depois chamam, mas nunca mais... Quando a gente liga e não atendem é porque já está...
	Entrevistador: E a senhora procura todas as semanas, todos os dias?
E8.190	Utente: Às vezes eu compro o jornal à 2º e à 6º e também se tiver dinheiro no telemóvel.
	Entrevistador: E está à procura do quê? De limpezas ou de outra coisa?
	Utente: Olhe eu se encontrar limpeza, qualquer coisa...
	Entrevistador: A senhora tem experiência no quê?
E8.195	Utente: Eu gosto de limpar casa, de tudo um pouco. Mas para mim o dinheiro que as minhas filhas iam gastar em amas eu tomava conta dos meus netos. Principalmente desse que tem problemas, desde que nasceu este sempre internado com problemas de falta de ar [desabafo sobre os problemas do neto].
E8.200	Entrevistador: E as suas filhas também procuram emprego?
E8.205	Utente: Estão inscritas. Receberam abono dos miúdos e cinquenta e tal euros, a gente foi pagar transporte para a Amadora, que a minha sobrinha ligou para a gente ir lá que tavam à procura de pessoas. A gente foi lá gastar o dinheiro, 2,90 para mim e 2,90 para ela de ida e volta. Só para inscrever para a entrevista...ela inscreveu-se na estação estava lá um papel inscreveu-se. Foi à Amadora a um Centro Comercial inscrever-se, inscreveu-se (...) Inscreveu-se na pizzaria, inscreveram-se num sítio para entregar publicidade, inscreveram-se nos dois sítios. E ainda está à espera...
E8.210	Entrevistador: Há muita procura...
E8.215	Utente: Eu vejo de manhã sempre no noticiário, à noite, é uma tristeza quando tem dinheiro sempre eu jogo 10 euros, fazem falta, mas se a gente não arrisca...tem que tentar qualquer coisa. Se às vezes eu tiver 5 euros no telemóvel eu ligo para o programa da Fátima ou para o programa da Rita para ver se ganho alguma coisa. Mas nada, parece que a gente tá no fundo do poço...
	Entrevistador: Estas coisas são feitas para gastar dinheiro...
E8.220	Utente: É verdade, quando dá um programa para ganhar um carro se tiver algum dinheiro eu ligo. Mas Deus nunca veio para a gente, o que é que a gente vai fazer aqui na Serra? Os meus filhos estão tão mal aqui na Serra que já mudaram daqui. Os meus dois filhos foram viver para casa de uma amiga na Amadora, porque já não aguentam tar aqui na Serra. Eles dizem que parece que tem uma coisa que não ajuda.
	Entrevistador: E os seus dois filhos trabalham?
E8.225	Utente: Não, estão desempregados. Eles também tão à procura de emprego e tavam aqui na Serra e já não tão, parece que a Serra não ajuda... Vieram de Cabo Verde para aqui para o pé de mim, parece que a Serra não dá com as pessoas.
	Entrevistador: A Serra não dá sorte...
E8.230	Utente: Olhe não sei... a gente também... não sei...
	Entrevistador: E que tipo de dificuldades é que a senhora tem?
	Utente: São muitas, mas devagar, devagar... se aparece um quilo de arroz

Desemprego e trajectos de exclusão social

E8.235	a gente faz assim: a gente come pouco à hora de almoço e guardamos um pouco para a hora de jantar, se eu tiver 1 euro dá sete pães, a gente somos seis, eu compro 1 euro de pão. O meu neto às vezes também come. Também compramos papa para o meu neto e para a minha neta. Eles comem de manhã e à tarde quando vêm da escola, ele diz: “Oh mãe estou com fome”, e a mãe diz assim “olha tem que aguentar que isto não está bom...” (risos). E ela apanha o pão que sobre de manhã e divide com os dois com o iogurte. A gente vai desenrascando...
E8.240	Entrevistador: Os meninos estão os dois na escola? Os mais velhos?
E8.245	Utente: A mais nova tem 3 anos e o mais velho tem 9 tá na escola. Mas a mais nova ainda não está na cresce porque ela precisa de dinheiro para fazer umas fotografias que pediram para ela, e uma papel não sei do quê. Ela disse que quando vier o dinheiro (supõe-se, do abono) vai fazer as fotografias para ver se consegue metê-la na cresce.
	Entrevistador: E como é que a senhora acha que vai dar a volta a isto?
E8.250	Utente: Olhe eu...qualquer coisa...eu estou por tudo. Eu estou tão mal como nunca passei na minha terra. Eu vim para cá porque o meu pai é [já falecido] português, eu fiz os documentos em Cabo Verde.
	Entrevistador: Mas a senhora nasceu cá ou lá?
E8.255	Utente: A minha mãe conheceu o meu pai já tinha 50... E a minha mãe teve dois filhos com o meu pai, o mais velho morreu... Eu vim para aqui à procura de uma vida melhor, porque lá tenho uma casa já bem levantada mas nunca, mas nunca! Consegui mandar dinheiro para levantar a casa [supõe-se que a casa está em construção]. Eu tenho mais dois filhos mais novos em Cabo Verde, que precisam de mim, mas não consigo mandar nada nem para a minha mãe, nem para os meus filhos. Eu tenho lá um rapaz tão bom jogador, bom jogador que está ali, em Cabo Verde, com 19 anos e se eu tivesse dinheiro mandava ir buscar o meu filho, talvez isso melhorasse um pouco [refere-se a vida]. Porque o meu filho ia para um lugar praticar mais ainda, porque é bom jogador que está ali... Quem sabe...
E8.260	Entrevistador: Tem que ver se alguém o vê jogar...
E8.265	Utente: Pois...pois... Ia para uma escola aqui, via se dava alguma coisa a gente ia-se desenrascando. Mas eu nem consigo ir buscá-lo. Este ano ela vai passar para o 11º ano, mas ela já disse que não quer estudar mais. Eu rezei qualquer coisa porque lá não tem trabalho, tá lá sem fazer nada. Só a jogar lá não ganha nada...
E8.270	Entrevistador: O que é que a senhora veio fazer ao CLDS?
E8.275	Utente: Recebia alimentos, mas este mês já não recebi. Os meus filhos tinham que lá ir à Encosta (da Luz) para ver uma coisa para procurar emprego e os meus filhos já conseguiam tar aqui na Serra de tão desesperado que tá, porque o meu filho mais novo tem dois filhos lá em Cabo Verde e o meu filho mais velho tem uma menina. Tão desesperado que está que já não consegue parar aqui na Serra tá sempre em casa do amigo. Não vão lá (ao CLDS) olha cortaram... Eu já esperava isso. Eu não posso pegar nelas para ir lá, eles já são adultos. O meu filho mais velho tem 31 e o meu filho mais novo tem 24. Olha eu não posso pegar para ir lá. As minhas filhas disseram para lá ir dizer para dizer para eles que o Nuno e o Hélio já não estão aqui, saíram daqui. Eu disse, olha tinha recebido uma chamada para vir aqui [na semana passada] quando eu lá for eu digo que
E8.280	

Desemprego e trajectos de exclusão social

	eles já não tão aqui.
E8.285	Entrevistador: Então tem de dizer isso à minha colega que costuma falar consigo.
	Utente: Eles foram para Amadora...até me esquece. Eu to aqui mas a minha cabeça nem sei onde tá.
	Entrevistador: Então acha que o apoio que tem recebido vai de encontro às suas necessidades?
E8.290	Utente: Dava boa ajuda. Porque quando eu tenho arroz, eu já não compro arroz, eu compro outra coisa eu compro feijão. Mas neste mês nem sei como faço...
	Entrevistador: Pois... é complicado...
E8.295	Utente: Tinha que juntar qualquer coisinha, dava a ajuda. Eu fazia o leite para o meu neto mais velho, ele gosta...
	Entrevistador: Sabe que às vezes eles também não mandam os produtos todos. Este mês por exemplo não mandaram, é complicado...
E8.300	Utente: Eu disse à Liliana, é a minha filha mais nova, para lá ir dizer qualquer coisa (...) Porque às vezes, se tiverem se tiverem dá para mandarem leite para o bebé, mas ela tem de lá ir falar. Eu já tinha dito... e a Dra. Maria João sabia que o meu neto nasceu e tá sempre no hospital... Mas às vezes falta, falta de fraldas, tem de se fazer qualquer coisa... Olha eu agora até vou para a minha irmã, este mês aqui estamos mesmo à rasca, precisamos de dinheiro para as fraldas sujas porque tem que se trocar sempre, né? Não se vai deixar o bebé com as fraldas sujas, depois gasta-se mais dinheiro nas pomadas; eu fui lá pedir emprestado 20 euros para comprar fraldas mas ela não tem (a irmã).
E8.305	
	Entrevistador: Pretende continuar a usufruir das actividades aqui no CLDS?
E8.310	Utente: Claro...
	Entrevistador: Sabe que há actividades para além dessas? Prestamos apoio social, formação, à pouco falou que não sabe praticamente ler nem escrever, já pensou em inscrever-se na alfabetização?
E8.315	Utente: Eu não quero escrever mais, a Dra. Maria João disse que se eu quisesse...
	Entrevistador: Também não é todos os dias, é só um bocadinho, tem de pensar nisso...
	Utente: ...
	Entrevistador: O que acha do trabalho do CLDS? Como avalia?
E8.320	Utente: Olhe eu acho bem. É bom para ajudar quem precisa. Eu acho as pessoas simpáticas. Até foi um senhor da Encosta da Luz que disse ao meu filho para eu vir aqui pedir ajuda. Quando ele tava aqui na Serra tava sempre no café e encontrava lá o senhor a jogar cartas. E um dia o Gomes disse: "Então rapaz ainda encontraste trabalho?", o meu filho disse: "isto tá mal Sr. Gomes", isto lá em casa tá mesmo à rasca. E o senhor disse para vir aqui. E eu vim aqui, desde aí... Por acaso eu gosto do trabalho, porque é bom, ajuda quem precisa. E as pessoas são sempre carinhosas. Isso é o mais importante, mais importante é o carinho quês as pessoas têm com as outras pessoas.
E8.325	
E8.330	Entrevistador: Também é preciso não é?
	Utente: É, não é preciso dar, dar. Um bocadinho para conversar com as

Desemprego e trajectos de exclusão social

	<p>peçoas, para desabafar já faz bem. Receber um carinho das peçoas. É bom receber um abraço. Faz bem. Faz as peçoas sentirem-se bem.</p>
--	---

Entrevista 9

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Quanto tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
X		51	Div.	3ª classe	1	8 meses

ver Vítor Moreira - entrevista feita depois de atendimento

Linha	Entrevista 9
E9.1	Entrevistador: Não está a fazer nenhum biscate?
	Utente: Não, porque já fui “queimado” daquela vez, “queimado” por não comparecer, não foi por andar a trabalhar. Andava sim senhora a tratar de legalizar então as camionetas que eu andava a trabalhar na altura...
E9.5	Entrevistador: Foi o seu negócio por conta própria essas camionetas?
	Utente: Sim. Andávamos a tratar de abrir uma empresa. Era dos três, do meu filho e do meu cunhado, e eu dos três era o que me preocupava mais, andava para aqui e para ali a resolver as coisas e na qual eu falhei mesmo, pronto. Ainda fui lá ver se podia fazer alguma coisa, mas já...
E9.10	Entrevistador: Mas não consegui legalizar, seguir em frente?
	Utente: Não, não. Porque depois houve muitas divergências entre nós porque um trabalhava de camioneta, quer dizer tava em casa uns e os que andavam a trabalhar, tinham que andar a trabalhar para dar o dinheiro para os outros ficarem sem fazer nada. Então começou-se a gerar uma confusão porque os carros eram dos três e “andava-se e ganhava-se”...
E9.15	Entrevistador: Peça desculpa, eram camionetas do quê?
	Utente: Das Galerias Palácio, porque eles não tinham dinheiro para nos dar então deram-nos os carros. Mas também houve uma grande confusão porque os carros já estavam hipotecados.
E9.20	Entrevistador: Portanto estava a trabalhar nas Galerias Palácio, só para perceber mais ou menos a ordem do seu trajecto profissional. Portanto esteve nas Galerias Palácio a fazer...
	Utente: Não foi o tempo todo a fazer de motorista, entretanto os 5 anos últimos, quando tirei a carta é que depois fiquei como motorista. Aliás eu conduzia mas não tinha carta, pronto para falar mais concretamente.
E9.25	

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Conduzia, “olha vai ali tirar o carro”, mas assim que tirei a carta comecei logo a conduzir, comecei logo andar com o carro. Mas pronto não deixei de lá tar quase 18 anos.
E9.30	Entrevistador: Portanto esteve lá 18 anos lá nas Galerias depois tentou o seu negócio por conta própria...
	Utente: Depois de sair sim, dentro do mesmo ramo, as mudanças...
	Entrevistador: Entretanto veio para o El Corte...
	Utente: Er... deixei de andar com a camioneta, fui para o El Corte Inglês...
	Entrevistador: Depois teve aquele meio tempo em que foi a França...
E9.35	Utente: Fui a França, tive lá 3 meses, quando voltei tentei arranjar...pronto, não era o meu ofício, mas comecei já na altura tava difícil, recorri lá novamente e aceitaram-me.
	Entrevistador: E agora estamos no dia de hoje...
	Utente: Desempregado...
E9.40	Entrevistador: Está inscrito no Centro de Emprego, já me tinha dito...
	Utente: Inscrito?
	Entrevistador: Sim, no C.E...
	Utente: Sim, sim...
	Entrevistador: Portanto, recebe subsídio desemprego?
E9.45	Utente: Sim, os 231 euros. Vou de 15 em 15 dias à junta fazer a minha apresentação.
	Entrevistador: E chega-lhe esses 231 euros?
	Utente: Não, nem para a renda chega, a minha irmã é que me tem andado a ajudar e então vim pedir ajuda a vocês.
E9.50	Entrevistador: A renda da casa é superior ao subsídio... De que forma é que afecta a sua vida pessoal, esta condição? A que níveis a vida familiar?
	Utente: Pois, a comida vou comer a casa da minha mãe, outras vezes a casa da minha irmã. Portanto to assim nesta posição um bocado...
	Entrevistador: Afecta-o...
E9.55	Utente: Claro que afecta, sinto-me mal com a situação, mas também vou fazer o quê?
	Entrevistador: E como é que é o seu dia-a-dia? Acorda de manhã...?
	Utente: Acordo de manhã vejo o jornal, vou responder. Tudo muito bem...quando vem a parte da idade a “gente depois telefona”...
E9.60	Entrevistador: Mas vê isso como um dos problemas para arranjar emprego?
	Utente: A idade! A idade principalmente...
	Entrevistador: A experiência, o Sr. Tem bastante experiência de vida e a nível profissional.
E9.65	Utente: Sim, há aí muito emprego, distribuição de material electrodoméstico e isso não é preciso muita experiência, é mais acartar os móveis e ter aquela experiência de fazer montagens. Às vezes havia alterações nos móveis, tinha-se contar para ajeitar às paredes... Tinha que ter esses cortes assim, tinha que se saber. Quando havia alterações assim
E9.70	era um bocado mais complicado mas tinha que se fazer...
	Entrevistador: E procura emprego com que regularidade? Como é que procura? Nos jornais?
	Utente: Nos jornais sim...
	Entrevistador: Todos os dias?

Desemprego e trajectos de exclusão social

E9.75	Utente: Falo com pessoal conhecido. Por exemplo agora quando sair daqui vou ali a Telheiras, vou telefonar a um rapaz a ver se ele me desenrascava... Tenho carro mas não tenho seguro.
	Entrevistador: Então tem carro...?
	Utente: Tenho um Opel cadete. (Risos)
E9.80	Entrevistador: Dá para dar umas voltinhas...
	Utente: Dá para dar umas voltinhas. Não dá para a gasolina, sem seguro não me atrevo a ir. Isto é como tudo, à pessoas que têm estofo para tudo, eu não tenho. Quero tar sossegado que ninguém me chateie, já não basta a minha situação quanto mais agora tar arranjar problemas.
E9.85	Entrevistador: Mas tenta procurar emprego todos os dias?
	Utente: Todos os dias. Todos os dias vejo o jornal...
	Entrevistador: Para ver se encontra alguma coisa... E como é que vê o seu futuro?
E9.90	Utente: Muitas vezes deixo de ir aqui e ali porque sei que chego lá bato com o nariz na porta. É tudo muito bonito a conversar, ficam lá os meus dados todos... Chega à parte da idade...
	Entrevistador: É sempre um problema...
	Utente: É...!
	Entrevistador: Como é que vê o seu futuro?
E9.95	Utente: Como é que vai ser o futuro?
	Entrevistador: Como é que vê? Expectativas?
	Utente: O meu futuro era sair-me a sorte grande (risos).
	Entrevistador: Isso queremos todos não é?
	Utente: Não tou a ver forma...
E9.100	Entrevistador: O que está a pensar fazer?
	Utente: Era arranjar um trabalhinho...
	Entrevistador: É a primeira vez que se vê nesta situação de desempregado?
E9.105	Utente: Sim, graças a Deus tenho tido uma vida com um bocado ou baixa outro bocado alta. A vida é composta mesmo assim. Agora nesta situação acho que tá a ser a primeira.
	Entrevistador: Como é que se sente?
	Utente: Mais em baixo!
	Entrevistador: Alguma vez se sentiu discriminado? Ou posto de parte?
E9.110	Utente: Discriminado não. Mas não deixo...sei que nas costas dos outros as pessoas às vezes...é provável que haja alguém “olha aquele não quer fazer nada”.
	Entrevistador: Sabe como é a má língua...
E9.115	Utente: Pois, porque se uma pessoa é coxa ou tem mais idade pronto já não pode isto ou aquilo, agora vêm-me assim, dou graças a Deus, apesar do problema que tenho, pronto tenho as duas mãos, as duas pernas e olham assim para mim...alguém sim. Com inveja, não sei o que possam ter de mim, não tenho nada para terem inveja de mim. Agora pelo facto de às vezes me verem lá o dia-a-dia...
E9.120	Entrevistador: Como é que se sente por andar assim? Por não encontrar emprego?
	Utente: Sinto-me com falta de necessidade de certas e determinadas coisas que não posso ter.

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Entrevistador: E afecta-o...
E9.125	Utente: Sim, claro que me afecta...
	Entrevistador: Afecta-o a nível psicológico?
	Utente: Também...
	Entrevistador: Sente-se em baixo...
E9.130	Utente: Sim às vezes gostava de tar com os amigos aqui e ali nos tempos livres.
	Entrevistador: Houve alterações nos tempos livres?
E9.135	Utente: Nos tempos livres, livres das pessoas que têm ocupação não é? Têm ocupação mas nos tempos livres juntam-se a eles...não tenho vida para isso. Tar ali para “olha paga-me uma imperial, paga-me o café”, não me sinto bem com isso.
	Entrevistador: Deixou de participar assim nas actividades?
	Utente: Sim, refugio-me mais entretido em casa a fazer qualquer coisa, às vezes vou chatear a minha irmã.
	Entrevistador: Tem ajuda da família não é?
E9.140	Utente: Tem. Tem porque a minha irmã, principalmente, tem sido impecável para mim em termos disso.
	Entrevistador: A sua irmã é daqui?
E9.145	Utente: A minha irmã também é da Serra da Luz. Ela também ganha pouco coitada, ela ganha quinhentos e poucos euros. Mas pronto como é sozinha...
	Entrevistador: Ajudam-se um ao outro...
	Utente: Sim, ela quando tem alguma coisa a fazer lá em casa tento ajudá-la. Às vezes não há gasolina para o carro, “precisava que fosses com a mana aqui ou ali”, ela mete-me gasolina no carro e lá vou eu com ela...
E9.150	Entrevistador: Uma mão lava a outra...
	Utente: Pronto, mas eu acho que tou-lhe a estragar...
	Entrevistador: Queria ser mais independente...
	Utente: Sim.
E9.155	Entrevistador: É normal. E procurou o CLDS para se inscrever em apoio social e emprego certo?
	Utente: Tirando isso e, de alguma forma, que me pudessem ajudar no pouco que fosse, para superar melhor as coisas.
E9.160	Entrevistador: Ia-lhe perguntar se a resposta que lhe tem sido dada, se vai de encontro às expectativas? Mas ainda está na fase inicial (do processo), portanto não lhe posso perguntar isso. Mas pretende continuar a usufruir dos nossos serviços daqui para a frente...
	Utente: Sim, enquanto encontrar nesta situação, não encontraram emprego sim...

Entrevista 10

Caracterização sociocultural do inquirido						
Género		Idade	Estado Civil	Nível de instrução	Nº de elementos agregado	Quanto tempo de desemprego
Masculino	Feminino					
X		32	solteiro	6º ano	2	Um ano

Linha	Entrevista 10
E10.1	Entrevistador: Está a fazer algum biscate de momento?
	Utente: De momento não, estou inscrito numa empresa de trabalho temporário, que de vez em quando me chamam. A Egor.
	Entrevistador: Nada de concreto? Nada de garantido?
E10.5	Utente: Não.
	Entrevistador: Descreva-me o seu trajecto profissional. Começou a trabalhar em que área? Quais os empregos mais relevantes?
	Utente: Cá em Portugal olhe, cá em Portugal só estou à 3 anos.
	Entrevistador: Mas esta naturalizado?
E10.10	Utente: Sim. Estou naturalizado há 4 meses apenas.
	Entrevistador: Está em Portugal há 3 anos, e o que é que já fez cá?
	Utente: Em mudanças, obras...
	Entrevistador: Em que é que esteve mais tempo a trabalhar cá?
E10.15	Utente: Há mais tempo são as mudanças, é o que vai aparecendo sempre, não é uma coisa fixa mas é o que eu peço sempre. Tanto que aqui no Vale do Forno há um senhor que tem camiões de mudanças... e na empresa de trabalho temporário onde estou às vezes também aparecem mudanças e chamam-me.
E10.20	Entrevistador: Portanto trabalha, naquelas empresa de mudanças de mobílias de equipamentos.
	Utente: Sim.
	Entrevistador: Porque é que saiu deste último trabalho? Do último, do mais fixo que teve?
	Utente: Não sai de nenhum deles. Na obra tive um tempo, depois

Desemprego e trajectos de exclusão social

E10.25	dispensaram-me, na altura estava ilegal. Fiquei 3 anos para conseguir os meus documentos, que é uma coisa que não facilitam neste país, são os documentos. E o meu pai era português...
	Entrevistador: Ainda por cima...
E10.30	Utente: É. E ainda assim tive muito tempo para conseguir os documentos, só em Dezembro do ano passado é que consegui. E por isso nunca consegui emprego, a partir dali desde que tenho os documentos é que estou a tentar, estou inscrito na empresa de trabalho temporário, porque antes nem numa empresa de T.T eu me conseguia inscrever. E nas obras, era aquelas tipo biscates, obras grandes precisam de uma pessoa ou outra a mais punham e lá ia passando, mas não podia ser uma coisa fixa porque podiam ter problemas com a inspecção.
E10.35	Entrevistador: É o problema com as pessoas que estão cá e...
E10.40	Utente: Agora nas mudanças, o senhor, por acaso, gostou da minha maneira de trabalhar e então sempre que ele tem camiões fazem outro tipo de trabalho, mas sempre que aparecem mudanças eles telefonam-me.
	Entrevistador: Isso é bom. E está inscrito no C.E.? Agora?
	Utente: Não, ainda não. Por acaso já tenho o atestado de residência, tenho aqui mas ainda não cheguei a lá ir...
E10.45	Entrevistador: Mas está a pensar em ir-se inscrever? Agora já está legalizado já pode fazer tudo legalmente?!
	Utente: Sim...
	Entrevistador: Portanto não está a receber nenhum subsídio?
	Utente: Não.
	Entrevistador: Não recebe nada?
E10.50	Utente: Não.
	Entrevistador: Então que como é que gere a sua vida assim? Como é que sobrevive?
	Utente: Conforme, conforme posso.
E10.55	Entrevistador: Como é que gere as suas despesas lá em casa? Com o pouco dinheiro dos biscates, que vai fazendo?!
	Utente: Sim...
	Entrevistador: Com ajuda dos familiares? Tem cá familiares?
E10.60	Utente: Consigo fazer entre 50/100euros por mês mais ou menos. A minha namorada está empregada agora, está a fazer um part-time no Pingo Doce, são mais 200 e tal euros por mês. A gente aguenta-se assim.
	Entrevistador: Tem de juntar e...
	Utente: Sim.
	Entrevistador: Não há outra forma...
E10.65	Utente: Fazemos a despesa básica entre arroz óleo, é o que não pode faltar em casa. O resto olha...
	Entrevistador: E tem cá família?
	Utente: Por acaso tenho, tenho a minha mãe e dois irmãos.
	Entrevistador: E não o ajudam?
	Utente: Os meus irmãos estão piores que eu. Ainda não têm documentos.
E10.70	Entrevistador: Ah pronto... É mais complicado...
	Utente: ...já estão cá há mais tempo que eu, estão cá há 7 anos e ainda não têm documentos. Acho que um está para receber residência provisória agora e outro ainda não. E a minha mãe também, a minha mãe faz

Desemprego e trajectos de exclusão social

	trabalhos domésticos não ganha mais que 200, 200 e tal euros...
E10.75	Entrevistador: Tem de ser cada um por si.
	Utente: Sim.
E10.80	Entrevistador: E de que forma é que o facto de estar desempregado influência a sua vida? É jovem, ainda é novo... os consumos, como é que influência a sua vida, a habitação, a saúde, a harmonia do lar, com a sua namorada?
	Utente: Afecta muito. Primeiro porque eu vim para fazer tratamentos e não consigo.
	Entrevistador: Problemas de saúde?
E10.85	Utente: Sim, estou há 2 anos para fazer uma cirurgia plástica à perna e não consigo.
	Entrevistador: Não é nada barato.
	Utente: Tenho aqui na pasta dois exames que me mandaram fazer na semana passada, aqui no hospital e demora muito tempo, e tentaram uma consulta a ver se conseguia... Cada exame custa entre 60 e 80 euros...
E10.90	Entrevistador: É caríssimo...
	Utente: Portanto só vou conseguir se por acaso aparecer algum biscoito, se não aparecer, olha vai ficando...
	Entrevistador: Portanto veio cá para Portugal neste caso para tentar...
	Utente: ...sim, para fazer uma cirurgia...
E10.95	Entrevistador: Por motivos de saúde então?
	Utente: Sim, sim.
	Entrevistador: E como é o seu dia-a-dia, desde que está desempregado? De manhã levanta-se...
	Utente: De manhã levanto-me e não faço nada...
E10.100	Entrevistador: E não anda à procura emprego?
E10.105	Utente: Vou, mas é as mesmas coisas. Estou inscrito no Centro das Novas Oportunidades, fiquei de começar a fazer um curso talvez em Junho, talvez me chamem ou não. Que eu em Angola trabalhei em talhos e sei fazer isso tudo. Mas pronto quando venho aqui pedir emprego não tenho diploma não tenho nada, não tenho certificado de habilitações.
	Entrevistador: É esse é um dos problemas...
	Utente: Pois...então estou inscrito lá para ver se consigo o RVCC, do 6º ao 9º ano.
	Entrevistador: Isso é muito bom...
E10.110	Utente: E fazer o tal curso de talho, que é uma área em que eu já trabalhei muito.
	Entrevistador: Tem experiência, isso é muito bom. Já tem algum objectivo...
E10.115	Utente: Sim, objectivo tenho... Há pessoas aí que vejo que têm documentos há tanto tempo e não querem fazer nada. Mas por acaso desde que estou aqui é isso, são 3 anos sempre de um lado para o outro a tentar conseguir os documentos e foi uma das coisas que mais me dificultou.
E10.120	Entrevistador: Agora já conseguiu, passamos à segunda fase... Vai aumentar as suas habilitações, sabe que hoje em dia precisa de ter o 9º ano no mínimo... E como é que se sente por não encontrar emprego? Por estar agora neste momento desempregado? Com é que se vê a si próprio? Como é que se sente?

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Utente: Agora que tenho documentos até mais ou menos, porque vai aparecendo qualquer coisa...
E10.125	Entrevistador: Já vê isso como uma luz ao fundo do túnel? É uma conquista?
	Utente: Sim...
	Entrevistador: Já conseguiu o título de nacionalidade portuguesa...
	Utente: Para mim não foi uma grande conquista foi quase uma decepção.
E10.130	Entrevistador: Então?
	Utente: Porque eu estava no meu país a pensar que era muito atrasado e vim para aqui e fiquei, os meus avós e os meus bisavós são todos portugueses, e fiquei 3 aos para conseguir os documentos...
	Entrevistador: Sabe que as burocracias são do pior...
E10.135	Utente: No fundo eu acho que isto atrasa, este país... na minha maneira de pensar. As pessoas falam tanto da imigração... porque 3 anos que eu tive aqui a trabalhar, todos os trabalhos que eu fazia não podia fazer descontos não podia fazer nada, mas se eu for ao hospital não me atendem, não fazem nada, não tenho medico de família, não tenho nada. Mas quando fico grave (ferido gravemente) e tenho de ir para as urgências eles têm de me atender. Já fiquei internado no Amadora - Sintra, são despesas que chegam aos 80/100 euros e se eu não tiver como pagar não pago. Não faço descontos, não faço nada.
E10.140	Entrevistador: Isso tem a ver...
E10.145	Utente: Foram 3 anos muito complicados. Toda a hora a ir lá, e mandaram vir documentos do meu avô da Angola. E é um país que tava em guerra, eles sabem que os portugueses quando saíram de lá foi porque estavam em guerra, são documentos difíceis de encontrar...
	Entrevistador: Não facilitam...
E10.150	Utente: Pois não facilitam. Estou aqui há 3 anos e meio para conseguir os documentos. E nestes, são praticamente 5 meses, que tenho documentos já consegui muita coisa. Estou inscrito na escola, no curso.
	Entrevistador: Já podia ter conseguido há mais tempo atrás, né?
E10.155	Utente: Já estou inscrito numa empresa de T.T. Não é trabalho todos os dias, mas pelo menos 2, 3 ou 4 vezes por mês chamam-me e o pouco que eu fizer já é com descontos, com tudo...
	Entrevistador: Exactamente, já consegue...
	Utente: Já é uma diferença. Nesse sentido acho que deviam apoiar mais as pessoas. É complicado...
E10.160	Entrevistador: Em termos de imigração em Portugal... há muita burocracia muita papelada que impede...
E10.165	Utente: ...eu acho que acaba por ser prejudicial, as pessoas habituem-se a trabalhar assim, não descontam, ganham mais mas também quando não têm é mais prejuízo para o Estado. Tanta gente que eu vi... Cheguei a trabalhar às vezes 5, 6 meses em obras e pronto e recebia bruto, mas depois ficava também 6, 7 meses sem nada...
	Entrevistador: Pois... sem o subsídio.
	Utente: é complicado...
E10.170	Entrevistador: Mas já vi que está no caminho certo, vai fazer RVCC ainda por cima tem experiência. Já é uma motivação. À parte de ser imigrante ilegal, porque é que acha que não encontra emprego?

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Utente: Sim, porque nestes 3 anos nunca consegui e nestes últimos dois meses já estou inscrito na Egor, já estive na Marley. Por azar quando tive na Marley dei um mau jeito na coluna...
E10.175	Entrevistador: Marley?
	Utente: Marley: distribuição de abastecimento de qualquer coisa, agora não me lembro...
	Entrevistador: Peço desculpa não conhecia a empresa...
	Utente: E pronto assim acho que é fácil...
E10.180	Entrevistador: Então acha que o principal problema para encontrar emprego, no seu caso...
	Utente: As pessoas que ficam mais de 6 meses sem trabalharem é porque não querem...
	Entrevistador: Já vi que o senhor é um lutador, isso é bom.
E10.185	Utente: Pode não haver emprego para todos, mas aparece sempre. Eu fiquei durante duas semanas a comprar jornais e em duas semanas consegui.
	Entrevistador: Ia-lhe perguntar isso a seguir, como é que procura emprego? Jornais, amigos?
E10.190	Utente: Quando preciso de trabalhar procuro o jornal, estes dias ando um bocado doente às vezes a minha perna tem problemas da guerra, tem estilhaços que às vezes inflamam. De momento estou de baixa, mas quando quero junto 20 euros e todos os dias compro o jornal de 2º a 6º, ponho saldo no telefone, e telefone e aparece sempre. Duas áreas que trabalho bem, que gosto de fazer, é talho e cozinha. É uma coisa que eu tenho inclinação, é um dos cursos que eu pretendo fazer e aparece sempre qualquer coisa...que seja ajudante de cozinha...
E10.195	
	Entrevistador: Isso é muito bom. E acha que o facto de morar aqui no vale do Forno tem alguma coisa a ver com o facto de não arranjar emprego?
E10.200	Utente: Não tem a ver, acho que às vezes demoram muito tempo...
	Entrevistador: Como assim?
E10.205	Utente: Eu entendo... primeiro é assim as pessoas que “olham” os bairros desvalorizam as pessoas dos bairros. Por um pagam todos. A maior parte dos jovens que eu conheço aqui, pelo menos 50 %, deve ter documentos e não trabalha porque não quer. Sim, porque às vezes eu ia fazer mudanças e se fosse preciso mais uma pessoa ia perguntar: “então fulano queres ir fazer mudanças?, É a que horas? Ah se for para acabar às 20h não quero. Quero é uma coisa rápida, entre as 8 e as 15, tenho de estar em casa às 21h, entre os 20 e 30 euros...” Acho que isso faz com que eles se desleixem um bocado...
E10.210	
	Entrevistador: É verdade...
E10.215	Utente: Porque eu estou inscrito daqui...há fases...por exemplo houve uma altura que eu estava desempregado e nós íamos lá perto da câmara a uma instituição, tipo a Vertente Sul, e davam-nos apoio alimentar. E a gente veio-se inscrever aqui por causa disso, e pronto arranjaram isso da escola, tudo bem, é útil eu quero estudar, tenho vontade, por acaso tenho feito tudo. Mas o apoio que nós precisávamos desde aí, mais de 4 meses que nunca nos ajudaram.
E10.220	Entrevistador: O apoio social... Já lhe vou colocar essa questão...

Desemprego e trajectos de exclusão social

	Utente: ...e é complicado às vezes. Porque às vezes to eu e a minha namorada desempregados e tamos numa casa de rende de 150 euros, se eu não trabalhar é complicado. A gente chega a estar dois meses a dever ao senhorio, e depois lá paga. Mas é complicado...
E10.225	Entrevistador: Pois, a questão do apoio social, é um problema que muita gente se queixa. De estar muito tempo à espera. O que nós tentamos fazer é explicar às pessoas que esse processo não depende só de nós. É o banco de família que decide. [explicação do processo do DAV]
	Utente: Só que eu acho que há pessoas mais complicadas...
E10.230	Entrevistador: ...umas que outras... aí não lhe posso dizer grande coisa...
	Utente: ...eu via lá em cima. Havia pessoas que levavam comida que dava para dez famílias, ainda estavam lá inscritas e às vezes já estavam a trabalhar... Isso acho que também a ver com a consciência das pessoas...
	Entrevistador: Exactamente...
E10.235	Utente: Eu costume dizer à minha mulher... Eu lá em Angola comecei a trabalhar com 15 anos, nunca precisei de apoio. Agora nós estamos inscritos há 5 meses e não nos chamaram, se tivermos a trabalhar também já não precisamos. E há pessoas que nunca desistem...
E10.240	Entrevistador: Precisamente, precisamente por haver pessoas que fazem isso é que depois há outras que estão na fila e já não passam. Objectivo é esse, ser uma ajuda...
	Utente: Se as pessoas chegassem e dissessem bem já estou a trabalhar já não preciso...
E10.245	Entrevistador: Exactamente, o objectivo é esse é para isso que serve o G.E., as pessoas arranjam trabalho para se sustentarem sozinhas...
	Utente: E nesse caso também acho que a S.S. falha um bocado. Porque quando nos inscrevemos, há mais de 5 anos, disseram-nos que mandavam alguém lá para ver as condições em que vocês estão...
	Entrevistador: Ainda não mandaram...
E10.250	Utente: Pois não mandam. Se calhar daqui a dez meses quando lá mandarem, claro se estiver a trabalhar, as condições já vão são outras. Se calhar até já vou passar por aldrabão, quando já tive necessidades difíceis...
E10.255	Entrevistador: Pois, este é mais um dos problemas que o mundo enfrenta...
	Utente: Quando vim cá e fizeram-me a entrevista e não só... e tiraram-me fotocopias a tudo, os documentos que eu gasto no hospital, tenho tudo aqui, eu abro e vê-se aqui, gasto mais em medicamentos que aquilo que eu ganho.
E10.260	Entrevistador: É mais uma despesa...
	Utente: É muito complicado... E pronto e ficam lá a dizer quem vêem e vêem e nada, acho que as pessoas também desmoralizam e aborrecem-se. Se não forem um bocado persistentes desistem.
E10.265	Entrevistador: É verdade, uma pessoa farta-se. E sente-se descriminado por estar desempregado e por estar a receber apoio social?
	Utente: Sinto-me porque nunca me passou pela cabeça isso...
	Entrevistador: Sente que as pessoas o olham de outra forma? Amigos, vizinhos?
	Utente: Não, não...

Desemprego e trajectos de exclusão social

E10.270	Entrevistador: Sente-se a si próprio inferiorizado por estar desempregado?
E10.275	Utente: Não, porque eu não sou do tipo de pessoa que se inferioriza. Acho que as pessoas são todas iguais... A vida dá muitas voltas e eu tenho muitas experiências disso na vida. Eu comecei a combater com 15 anos, tive nos fuzileiros aos 18 anos e mais de metade da minha vida...portanto até aos 15 tive a estudar e de um momento para o outro deixei de estudar e a minha vida...
	Entrevistador: Mudou...
E10.280	Utente: Mudou. Já trabalhei quase 8 anos em talhos, e o talho era meu e do meu avô, era da família, tínhamos 3 talhos, com a guerra perdemos tudo e eu não me admiro quando vejo as pessoas coisas...
	Entrevistador: ... estava-me dizer, era em?
	Utente: Angola... Por isso não me admira, não me inferiorizo...
E10.285	Entrevistador: Pois, hoje estamos assim amanhã podemos estar de forma completamente diferente. Não é fácil... Portanto, acha que agora se conseguisse encontrar um emprego na sua área a sua vida podia mudar?
	Utente: Sim, claro que mudava...
	Entrevistador: Mudava por exemplo de casa ou de bairro?
	Utente: Não sei... Não gosto muito de viver neste bairro por acaso...
E10.290	Entrevistador: Não?
	Utente: Mas também se fosse para a cidade acho...
	Entrevistador: Muita confusão...
E10.295	Utente: Mesmo que estivesse a ganhar o mínimo que as pessoas ganham, 600 euros para mim não teria lógica porque estaria a trabalhar só para uma renda de casa... E dava no mesmo...
	Entrevistador: Pois...
E10.300	Utente: Neste momento a minha namorada está a trabalhar e eu faço uns biscates... e a gente aguenta-se assim. Se eu arranjar um emprego a ganhar 500 euros e mete-los na renda a gente continua a viver nas mesmas condições... Prefiro pensar no futuro e sei lá...investir...
	Entrevistador: Sim, sim... Está a lutar para conseguir um emprego fixo? Diga-me se estou enganada?!
	Utente: Sim, sim só que eu nem sempre posso fazer part-time, uma vez que tenho problemas de saúde...
E10.305	Entrevistador: Já percebi que tem problemas de saúde que o condicionam...
	Utente: Só posso trabalhar part-time em geral. Quer dizer no verão não posso trabalhar, só posso trabalhar no máximo em part-time. No inverno é diferente, posso trabalhar mais horas...
E10.310	Entrevistador: Mas porquê? Posso-lhe perguntar porquê?
	Utente: Porque tenho uma ulcera na perna crónica, é tipo uma queimadura de 3º grau, foi atingida por uma bomba então no calor tem tendência a rebentar feridas.
E10.315	Entrevistador: Ah! Mais uma coisa que não ajuda. Mas já vi que tem muita força de vontade, muita gente na sua condição já tinha parado de vez...
	Utente: Eu nunca paro. As vezes posso estar doente, a minha namorada discute comigo, se me aparecer agora um trabalho num destes dias que

Desemprego e trajectos de exclusão social

E10.320	estou com problemas na perna, mas se aparecer um trabalho qualquer eu vou, faço 100 euros ou 200... e digo olha pronto é mais uma semana que vou ficar em casa depois de repouso mas não faz mal...
E10.325	Entrevistador: É por uma boa causa...tenta gerir a sua vida. É novo, e apesar de ter esse problema de saúde... Portanto tem expectativas em relação ao seu futuro? Tem objectivos, maneiras de dar a volta à sua situação...
	Utente: Sim...
	Entrevistador: Como é que vê o seu futuro?
E10.330	Utente: Em princípio queria estudar. Estudar foi o que eu sempre quis, sempre fui bom aluno até ter que parar. E queria puder voltar a estudar e fazer os cursos que eu gosto, que era cozinha e área de talho. Poder ter o diploma, porque eu vou trabalhar num talho, faço tudo o que faz o primeiro-oficial e ele tira mil e tal euros e eu 600 porque sou ajudante...
	Entrevistador: Pois, tem que tentar tirar o curso então...
E10.335	Utente: Em princípio... Se conseguir tirar o curso num ano, para mim é um grande passo feito. Depois o resto...
	Entrevistador: Então e quando procura ou quando estava à procura de trabalho, procurava como? Com que regularidade? Uma vez por semana, todos dias?
E10.340	Utente: Era quase todos os dias, só que às vezes a vida aqui também não é fácil. Há alturas em que uma pessoa quer procurar mesmo e não dá. Aqui tudo é longe, há alturas mais fáceis há alturas em que consigo algum dinheiro e tiro o passe nem que seja só do metro, de 18 euros, pelo menos é meio caminho andado, vou para qualquer lado. Se tiver de ir a pé ando mas sei que não posso marcar uma entrevista se depois não tenho dinheiro para ir. Actualmente nem toda a gente tem 3, 4 euros...vou para uma entrevista mas não tenho garantia de emprego, vou e gasto os 4, 5 euros se não ficar tenho de voltar a ir a outro sítio.
E10.345	Entrevistador: Essa é uma das dificuldades que tem encontrado?
E10.350	Utente: Sim, quando eu quero encontrar emprego primeiro junto dinheiro, ponho saldo no telemóvel suficiente, pelo menos 10 euros, ponho 10 ou 15 de parte e todos os dias tiro 80 cêntimos para ir comprar o jornal e vou ligando. Acordo de manhã às 8 em ponto e vou apontando os números principais dos empregos que eu gosto...
E10.355	Entrevistador: ... e vai à procura. Tem mesmo de ser assim. E diga-me uma coisa, procurou aqui o CLDS... Foi à procura de apoio social? Formação? Em que é que se inscreveu pode-me lembrar?
	Utente: Eu inscrevi-me em...primeiro era apoio social e depois era para fazer o RVCC.
E10.360	Entrevistador: Exacto. Que é a área da formação e a procura de emprego também, no seu processo também tinha procura de emprego... E acha que a resposta que tem sido dada aqui pelos serviços? O que é que acha? O apoio social pronto já me disse que está em espera... Mas relativamente à formação?
	Utente: Apoio social negativo. Procura de emprego também...
E10.365	Entrevistador: ...tem ido ao quiosque [Clube de emprego]?
	Utente: Duas vezes...
	Entrevistador: É bom procurar na internet. Se está mesmo motivado na

Desemprego e trajectos de exclusão social

	internet é dos melhores sítios, encontra muita coisa... E temos sempre lá um técnico para ajudar a fazer o currículo, não sei se já tem?
E10.370	Utente: Já, já fiz o currículo.
	Entrevistador: Já tem? Sabe que hoje em dia pedem sempre...
	Utente: A melhor ajuda foi eles enviarem-me ali para o centro de novas oportunidades da Pontinha onde eu estou inscrito... E em principio o curso começa este mês...
E10.375	Entrevistador: O clube de emprego, não paga nada, quando quiser não só em jornais, na internet se não souber tem lá uma técnica...
	Utente: Sim, mas às vezes chego lá e dizem-me olha temos aqui um emprego para si, eu chego lá é um emprego que eu já tinha visto de manhã...
E10.380	Entrevistador: Pronto aí então o senhor é sincero, diz que já respondeu a esse anúncio de manhã. Mas tem sempre a hipótese de procurar outros anúncios na internet que não há no jornal.
	Utente: A internet é muito complicado, tive inscrito em 3 empresas de segurança, pedem isto pedem e pedem aquilo...
E10.385	Entrevistador: Também temos cursos de internet, se quiser pode-se inscrever se quiser... Mas estava-lhe a dizer que a internet é bom para procurar e se não souber mexer temos um técnico que o ajuda nos dias do clube de emprego...
E10.390	Utente: Por acaso sou curioso com isso e sei procurar... só tou a dizer que as empresas de T.T. pedem muita burocracia, por isso agora tomei uma decisão, que é arranjar um part-time, por exemplo estudar ainda não está definido quais são as horas mas devem ser pelo menos 3 horas por dia à volta de 8 meses. Enquanto eu tiver a estudar e não tiver um diploma do 9º ano, vou arranjar um part-time e vou-me aguentando como posso. Porque nas áreas em que posso... numa formação militar especializada, mas vou uma empresa de segurança como a Prossegur fazem-me um exame completo, treino e não sei que mais e sou capaz de ficar entre os três melhores seleccionados. Mas enquanto não levar o diploma não posso ficar. Já na Strong foi a mesma coisa, tinha qualificações mas tem que ter os documentos e o diploma.
E10.395	
E10.400	
	Entrevistador: Então agora já tem os documentos vai tentar de novo. Hoje em dia sem o 9º ano no mínimo é muito difícil. Essa é mais uma motivação para continuar no curso. Mas pronto pretende continuar a usufruir dos nossos serviços, aqui da instituição?
E10.405	Utente: Sim, sim...
	Entrevistador: Continuar a frequentar aqui nas actividades que sejam eventualmente propostas?
	Utente: Sim. Em geral sou disponível para essas coisas.
E10.410	Entrevistador: E como é que avalia o trabalho, no geral, aqui no CLDS? O que é que acha?
	Utente: ...
	Entrevistador: Tirando a parte do apoio que já sei que...
E10.415	Utente: Tirando a parte do apoio até acho positivo. Porque se metade dos jovens tivesse a força de vontade que eu tenho em pensar no futuro e estudar...
	Entrevistador: Não haveria tantos ali fora...

Desemprego e trajectos de exclusão social

E10.420	Utente: ...nessa parte é muito positivo. Era uma coisa que eu queria à muito tempo e é uma coisa que eu já não tinha possibilidade de voltar a fazer em Angola. Não é pelo curso que vou fazer mas pronto, porque eu em Angola fiz o 9º ano mas não tenho o diploma só tenho o do 6º, é como se tivesse de repetir tudo de novo mas tirando isso não me importo. Tenho a oportunidade de fazer um curso...
	Entrevistador: E vai-lhe abrir imensas portas... Parecendo que não vai-lhe permitir empregos que não podia ter só com o diploma do 6º ano...
E10.425	Utente: Vou poder estar na área que eu gosto, vou poder fazer uma coisa que eu já fiz durante muito tempo na minha vida, por exemplo, trabalhar em talhos, coisa que eu peço muitas vezes...
	Entrevistador: ...e se tem experiencia ainda por cima... Isso é muito bom...
E10.430	Utente: Por isso nessa área acho positivo...
	Entrevistador: Pronto, e da minha parte era só isto que eu queria, relativamente ao emprego e formação.